

Patricia Peterle
Andrea Santurbano
Francisco Degani
Rossana Salvador
Organização

KRISIS

Tempos de Covid-19

Ivan Medeiros
Ilustrações

RAFAEL COPETTI
·EDITOR·

KRISIS

Tempos de Covid-19



Veja também os vídeos de Krisis — Tempos de Covid-19

Patricia Peterle
Andrea Santurbano
Francisco Degani
Rossana Cristina Salvador
Organização

KRISIS

Tempos de Covid-19

Ivan Medeiros
Ilustrações

RAFAEL COPETTI
·EDITOR·

©2020 Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda., para a presente edição.
Nesta edição respeitou-se o estabelecido no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado pelo Brasil em 2009.

Conselho editorial

Álvaro Faleiros [USP]; Andrea Santurbano [UFSC]; Andréia Guerini [UFSC]; Annateresa Fabris [ECA/USP]; Aurora Bernardini [USP]; Dirce Waltrick do Amarante [UFSC]; Giorgio De Marchis [Università degli Studi Roma Tre]; Leila de Aguiar Costa [UNIFESP]; Lucia Sá [University of Manchester]; Luciene Lehmkuhl [UFPB]; Mamede Mustafa Jarouche [USP]; Maria Aparecida Barbosa [UFSC]; Maria Lucia de Barros Camargo [UFSC]; Mariarosaria Fabris [USP]; Paulo Knauss [UFF]; Pedro Heliodoro Tavares [UFSC]; Rita Marnoto [Universidade de Coimbra]; Rosi Isabel Bergamaschi Chraim [Psicanalista]; Sandra Bagno [Università degli Studi di Padova]; Stefania Pontrandolfo [Università degli Studi di Verona]; Tania Regina de Luca [UNESP/Assis]

Editor *Rafael Zamperetti Copetti*
Coordenadora editorial *Fabiana V. Assini*
Assistente editorial *Rafaela Cechinel*
Capa e diagramação *Paulo Roberto da Silva*
Ilustrações *Ivan Medeiros*
Organização *Andrea Santurbano | Patricia Peterle | Francisco Degani |
Rossana Cristina Salvador*
Preparação dos originais *Grazielle Frangiotti*
Revisão de provas *Fabiana V. Assini | Rafaela Cechinel | Pedro Siqueira*

2020 | 1ª Edição

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio salvo mediante expressa autorização por escrito da editora.

Todos os direitos desta edição reservados para todos os países à
Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda.

Caixa Postal 5190

Trindade | Florianópolis | SC | Brasil | CEP 88040-970

Tel.☎ | 3234.8088

editora@rafaelcopettieditor.com.br | rafaelcopettieditor.com.br

Foi feito Depósito Legal.

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Sumário

Apresentação	13
Maria Grazia Calandrone.....	17
“Agora somos nós”	
Zona Vermelha <i>Zona Rossa</i>	
Verde com céu acima <i>Verde con cielo sopra</i>	
P-Pessoa <i>P-Persona</i>	
Fabio Franzin	21
Oh natureza <i>Oh natura</i>	
Ficar longe <i>Star distanti</i>	
Sem nenhum Ulisses <i>Senza nessun Ulisse</i>	
Franca Grisoni	24
Coronavírus <i>Coronavirus</i>	
Elvira Seminara.....	25
“voltar ao mundo como era...”	
Valerio Magrelli.....	26
Nova Teoria do Caos: poesia com explicação anexa <i>Nuova Teoria del Caos: poesia con spiegazione allegata</i>	
Paolo Puppa	29
“uma cidade de pintura metafísica, deserta”	
“Não renuncio a você por um morcego, ou diário de um vírus” (um fragmento) <i>“Non rinuncio a te per un pipistrello o diario di un virus” (un brano)</i>	

Mariangela Gualtieri.....	32
Nove de março de dois mil e vinte <i>Nove marzo duemilaventi</i>	
Eugenio De Signoribus.....	35
“o grande silêncio” (envenenar) (<i>avvelenare</i>) A saída (Sonho, pesadelo, duplo sonho) <i>Luscita (Sogno, incubo, doppio sogno)</i>	
Fabio Pusterla.....	46
Jogo antigo ou fragmento de utopia <i>Antico gioco o frammento di utopia</i> Insetinhos, humaninhos, menininhos <i>Insettini, umanini, bambini</i> Explode um anônimo lamaçal <i>Scoppia un anonimo fango</i>	
Donatella Di Pietrantonio.....	49
“o que me preocupa é a possibilidade de uma verdadeira mutação antropológica” <i>Minha linda</i> (fragmentos)	
Vivian Lamarque.....	51
Ciranda do cair e levantar <i>Filastrocca del cadere e rialzarsi</i>	
Paolo Giordano.....	52
“Não quero esquecer que...”	
Eraldo Affinati.....	53
“A consciência de uma ferida coletiva” <i>Fora da louca classe</i> (fragmentos)	
Laura Pugno.....	58
O que sabemos com o corpo? <i>Cosa sappiamo col corpo?</i>	
Giulio Ferroni.....	60
Sobre o sentido da literatura <i>Rerum familiarum libri</i> (Cartas familiares, VIII, 8), de Francesco Petrarca	

Sergio Givone	63
“Princípio responsabilidade”	
Laura Accerboni	65
Tinha umas <i>Aveva delle</i>	
É tão <i>È così</i>	
Tommaso Ottonieri.....	67
De uma concha <i>Da una conca</i>	
Alessandro Fo	70
Uma esquina de Piacenza <i>Un angolo a Piacenza</i>	
Franca Mancinelli.....	71
Licença para circular (fragmentos) <i>Libretto di transito (brani)</i>	
Todos os olhos que abri (fragmentos) <i>Tutti gli occhi che ho aperto (brani)</i>	
Inéditos <i>Inediti</i>	
Marcello Frixione.....	78
a quarentena pelo contágio de SARS-CoV-2 <i>la quarantena per il contagio da SARS-CoV-2</i>	
“Carniças fedendo aonde se vai”, de Giacomo Lubrano <i>“Carogne impuzzolite empion le strade” di Giacomo Lubrano</i>	
Giulia Martini	80
Mas me dirijo a eles e falo eu <i>Ma mi rivolgo a loro e parlo io</i>	
Gabriele Frasca	81
nós sabemos e até temos as provas <i>noi lo sappiamo e abbiamo anche le prove</i>	
Mariano Bàino.....	85
“Prestes a voltar para casa...” <i>“Sul punto di rientrare...”</i>	
Michele Gialdroni	89
Rebus — Homenagem a Robert Walser <i>Rebus — Omaggio a Robert Walser</i>	

Franco Rella.....	93
Neste lugar abstrato <i>In questo luogo astratto</i>	
Enrica Lisciani-Petrini.....	107
“o ano da pandemia”	
Entrevistas	
Massimo Cacciari	114
A necessidade de um pensamento crítico	
Carlo Ginzburg	118
As “más coisas novas”	
Franco Rella.....	125
O temor de olhar para si	





Apresentação

Krisis — Tempos de Covid-19 foi tomando corpo a partir de conversas, diálogos informais com colegas e alguns escritores e poetas italianos que depois vieram a colaborar com o projeto. O sentimento inicial era o de tentar entender um pouco mais do que estava acontecendo com nossas vidas, nossas relações, nossos hábitos cotidianos, que foram virados de ponta-cabeça à medida que o Covid-19 ia se espalhando pelo mundo e os mapas se tornavam sempre mais vermelhos. A globalização permitiu, por um lado, que acompanhássemos em tempo real a evolução da situação, por outro, facilitou a veloz propagação de um vírus que não pediu licença, que parece não ter feito uma grande seleção e que continua à procura de um hospedeiro que possa abrigá-lo enquanto ele segue enfraquecendo seu organismo.

Nesse momento, depois de quase um ano desde o início do surto da pandemia, segue-se em frente lidando com algo que, apesar de todos os estudos e pesquisas que vêm sendo realizados, ainda é enigmático. Com certeza, porém, já tem espaço assegurado nas páginas dos livros de história. As estruturas, o conhecimento construído e adquirido, as formas de vida, enfim, o estar no mundo como um todo foram, sem dúvida, postos a duras provas. No quadro de um colapso em diferentes áreas, da economia à saúde e à esfera social, essa crise devastadora também nos colocou diante de uma urgência: repensar a relação com o outro. Ou melhor, trouxe para o centro da reflexão um aspecto funda-

mental que pode ser sintetizado na palavra *contato*. De fato, esse termo implica o reconhecimento da presença do outro, que é também portador da diferença, da diversidade.

Esses últimos meses também foram marcados por situações opostas: de um lado o vozerio das mídias — às vezes ensurdecedor — e a tagarelice barata e aproveitadora das *fake news*, do outro o silêncio das “mil impiedades por dia”¹ e o espaço da ausência nas despedidas. Entes queridos que viraram corpos infectos, pessoas que passaram a ser corpos-coisa cobertos e lacrados. Algumas dessas imagens ficarão registradas na memória, como a dos caminhões do exército em Bergamo (Itália), a das covas comuns em Hart Island (New York), a dos túmulos empilhados em Manaus ou a dos corpos abandonados nos corredores de um hospital em Belém. Foi preciso, sim, tomar determinadas providências e os devidos cuidados, mas também chama a atenção a forma, muitas vezes brutal, como o outro foi tratado, como se lidou com a memória e os sentimentos. Como reagir, então, diante da lista quase infinita de medos que impregnou o cotidiano de vidas de norte a sul e de leste a oeste do planeta? O que essa sensação de ameaça contínua foi capaz de gerar? Perguntas para as quais não é possível ter uma resposta única, mas sabe-se — inclusive por experiências passadas

¹ Título de um poema inédito de Katia Marchese que fará parte da plaqueta *O azul é vingativo*.

— o quanto o humano é capaz de se tornar não-humano. É ingênuo pensar que o mundo possa se endireitar, diz, por exemplo, Fabio Franzin em “Mundo torto”.² Contudo, como já dizia Primo Levi em relação à Shoah, é preciso falar sobre essas experiências-limite.

A proposta de *Krisis — Tempos de Covid-19*, portanto, visou criar um espaço de reflexão e um arquivo sobre esse momento vivido e presenciado por todos. Momento, sim, duro e que colocou em discussão uma série de temas, mas também acentuou e acelerou, como afirma o filósofo Massimo Cacciari na entrevista aqui publicada, alguns processos que já estavam em curso. A necessidade e a exigência de testemunhar colocam algumas questões: como expressar o acontecido? Como o literário lida com essa urgência? A via é um tom de denúncia? É o silêncio? Ou o desvio? Como a pandemia de Covid-19 se relaciona com os outros problemas que o mundo, principalmente em suas inúmeras diferenças sociais, já vinha enfrentando? Não se pode, na mesma medida, esquecer que é necessário um olhar atento, uma metodologia que possa dar conta das peculiaridades de cada realidade, como sinaliza em sua entrevista o historiador Carlo Ginzburg. Nesse período, o isolamento e o distanciamento forçaram, como evidencia Franco Rella, um nada fácil “confronto de si para si” que “é um confronto e tanto, é uma grande batalha”.

² Esse poema de Fabio Franzin faz parte do volume *Vozes: cinco décadas de poesia italiana*, organizado por Patrícia Peterle e Elena Santi, publicado em 2017 pela editora Comunità.

Este projeto, publicado primeiramente em vídeo no YouTube³ e no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina,⁴ contou no total com 50 vídeos, entre relatos, entrevistas, poemas, fragmentos de romances, textos em prosa que são uma pequena amostra da pluralidade de perspectivas e percepções dessa experiência. Diferentes registros, portanto, do impacto que ela gerou, do silêncio que comportou, do embate com a responsabilidade pela vida do outro, da relação que cada um estabeleceu consigo e com a natureza. O material para esta publicação foi transcrito, revisado, reorganizado e dividido em duas partes. A primeira, e mais numerosa, conta com textos e relatos de Maria Grazia Calandrone, Fabio Franzin, Franca Grisoni, Elvira Seminara, Valerio Magrelli, Paolo Puppa, Mariangela Gualtieri, Eugenio De Signoribus, Fabio Pusterla, Donatella Di Pietrantonio, Vivian Lamarque, Paolo Giordano, Eraldo Affinati, Laura Pugno, Giulio Ferroni, Sergio Givone, Laura Accerboni, Tommaso Ottonieri, Alessandro Fo, Franca Mancinelli, Marcello Frixione, Giulia Martini, Gabriele Frasca, Mariano Bàino, Michele Gialdrone, Franco Rella e Enrica Lisciani-Petrini. Todos eles são nomes reconhecidos e importantes do panorama cultural italiano, ainda que, como é o caso de alguns, pouco conhecidos no Brasil. Já a segunda parte, “Entrevistas”, reúne três conversas realizadas excepcionalmente com

³ No YouTube os vídeos estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/c/NeclitEstudosContemporâneosLiteraturaItaliana>

⁴ No Repositório Institucional da UFSC os vídeos estão disponíveis em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186040>

Massimo Cacciari, Carlo Ginzburg e Franco Rella, que também abordam temas relacionados à política, à cultura, ao ensino e à relação entre literatura e pensamento.

Enriquecem este volume 69 ilustrações utilizando nanquim no papel vegetal, desenhadas por Ivan Medeiros, professor do curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente para este livro.

Os relatos e as entrevistas são apresentados apenas na versão em português, enquanto os textos e fragmentos literários, em sua maioria, são acompanhados também do texto em italiano. A organização dos textos seguiu a sequência das publicações dos vídeos no canal do YouTube do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Literatura Italiana (NECLIT).⁵

Um agradecimento especial vai ao poeta Marcos Siscar por ter aceito o desafio de traduzir o texto de Gabriele Frasca, às editoras italianas, a todos os autores que liberaram os direitos autorais e ao Istituto Italiano di Cultura de São Paulo pelo apoio para a publicação deste volume.

Também não podemos deixar de agradecer ao poeta Edimilson de Almeida Pereira pela participação em um dos vídeos e de quem trazemos aqui alguns versos particularmente significativos nesse momento de grande incerteza:

Na venda

Medimos o começo das estações
como um desafio. Acertando,
o que fazemos vezes,
garantimos ânimo cereal e leite.
Se as pedras de sal no telhado
mentem, o que sucede, é claro,
doemos de perder ritos.
Nunca se dá tão amargo o figo.
das ilusões, uma é mais precisa.
A que tirando tudo de um,
nada leva se lhe deixa a cabeça.

(As Coisas Arcas, Editora 34, 2003)

Patricia Peterle
Andrea Santurbano
Francisco Degani
Rossana Cristina Salvador

outubro 2020

⁵ As atividades e pesquisas realizadas estão disponíveis na página do Núcleo em: <http://www.neclit.ufsc.br>.

“Agora somos nós”

Maria Grazia Calandrone

(Milão, 1964)

Poeta, escritora, jornalista
e artista visual



Na Itália o isolamento devido ao coronavírus está durando muito tempo. Está durando muito, porque começou com atraso, e começou com atraso por razões econômicas. No sentido de que a economia do país não poderia parar, sobretudo na zona onde começaram os contágios, ou seja, a “Bergamasca”, o “Bancomat”* da Itália. Preferiu-se tutelar mais a economia do que a saúde dos trabalhadores e cidadãos, então o contágio já tinha se espalhado, e fomos obrigados a ficar trancados em casa e ainda vamos ficar por muito tempo. Um tempo que é tão longo que se torna insuportável, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista psicológico. Depois vou falar de como mudaram as sensações também para quem escreve poesia. Essa duração tão longa do isolamento nos obriga a abrir antes do tem-

po, nos obriga a abrir em um momento em que, apesar de toda a cautela que o governo vem expressando e recomendando, em um momento em que, de fato, não seria o caso de sair, de recomeçar a sair, de recomeçar a atividade produtiva. Porém, mais uma vez, são fundamentalmente os motivos econômicos que nos levam à reabertura.

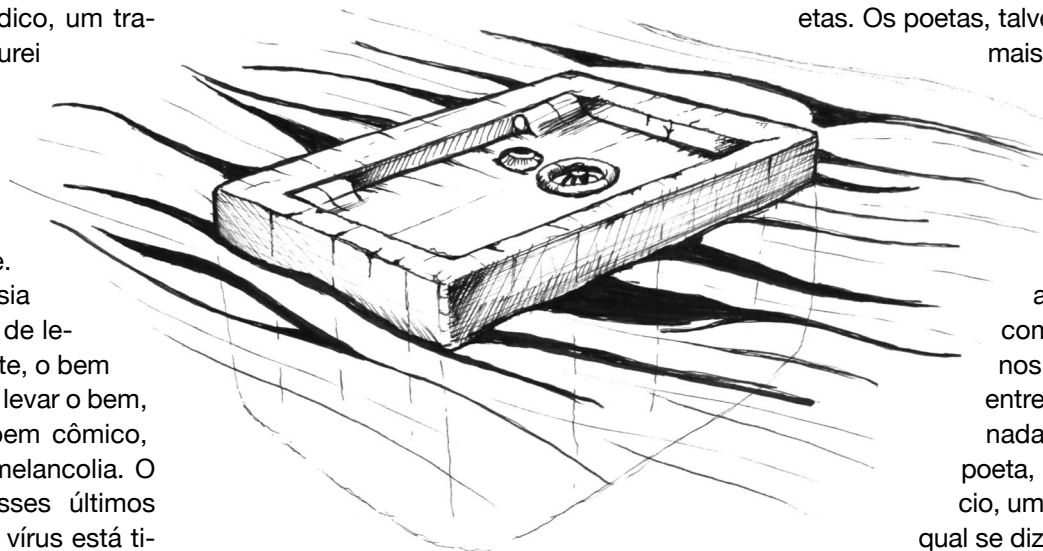
Um segundo tema sobre o qual gostaria de fazer uma pequena nota é a contagem dos mortos; a contagem dos mortos que impacta muito todos nós, mas, na realidade, não é uma novidade, porque, na Itália, nas águas do Mediterrâneo, há anos que estamos habituados com esse número contínuo de imigrantes que morrem. Porém, esses mortos estão muito mais perto de nós, e, com isso, nos fazem acordar, nos fazem ficar alertas e nos fazem sofrer mais do que nos fazem sofrer, pelo menos

em nível social, os outros mortos, quando os mortos são outros, quando é sempre um outro que morre. Agora somos nós. Então, eu gostaria muito que esse sentimento da unanimidade da morte nos levasse a um sentimento de equanimidade e de compaixão. Contudo, na realidade, o que estou vendo é que cresce o rancor social, porque a crise econômica é e será muito forte. Algumas pessoas correm o risco de serem devastadas, arrastadas por esses eventos e, assim, os trabalhadores temporários odiarão os funcionários públicos, os inquilinos odiarão os proprietários e vice-versa. Tenho medo de que haja um momento de grande e duro conflito social.

Como os poetas enfrentaram tudo isso? Num primeiro momento, houve alguns poetas que quiseram deixar uma palavra de conforto em relação ao próprio povo, que escreve-

ram que era preciso parar, que era tempo de parar. Quanto a mim, procurei, no que pude, analisar a situação com a máxima honestidade possível. O que me impressionava muito era essa paisagem deserta, pré-histórica, cortada pelo som das sirenes. De um certo ponto em diante, porém, comecei a escrever versos cômicos em dialeto romano, porque me senti culpada por não ser um médico, um trabalhador da saúde, e procurei levar meu serviço social não como um aprofundamento, porque para o aprofundamento existem os médicos e os cientistas, mas como algo mais leve. Porque acredito que a poesia tenha esse papel necessário de levar o bem, não, evidentemente, o bem ingênuo e superficial, mas de levar o bem, nesse caso, até mesmo o bem cômico, apesar de temperado com melancolia. O que estou constatando nesses últimos dias, por outro lado, é que o vírus está tirando a palavra dos poetas, entendemos, todos, que a realidade é mais forte, nesse momento, do que a imaginação. Com isso não quero dizer que a poesia seja imaginação, pelo contrário, é uma luta cotidiana minha a de sublinhar a relação visceral, forte, medular entre poesia e realidade. Contudo, a poesia nos leva através da realidade, na parte visível e invisível da realidade. Nesse momento, do lado do invisível, tem um monstro, tem um vírus que pode nos matar, que pode matar nossos entes queridos. E então o perigo e a

ameaça fazem com que essa realidade vença a nossa possibilidade de interpretá-la bem nesse momento, e, sobretudo, a nossa capacidade mitopoética. Não somos esmagados por essa realidade, estamos suspensos. Estamos todos suspensos.



Uma outra coisa importante a ser dita: a poesia se alimenta do mundo, se alimenta dos outros, logo, continuar a escrever poesia em um isolamento forçado e na ausência absoluta de seres humanos é inútil, não porque não existam pessoas que leiam, mas porque faltam pessoas que alimentam, a menos que não se deseje falar somente de si, o que não é indicado. Portanto, a experiência dos outros, o confronto com os outros, a história dos outros, a voz dos outros é um

alimento essencial da poesia. Então, de um lado, a realidade é esse bloco de mármore invisível, que obstrui o caminho, e, do outro, a ausência do alimento, do olhar, da aproximação física, porque a poesia evidentemente tem muito a ver com o físico das outras pessoas, parece-me que nesse momento — e não me desagrada nem um pouco — esteja tirando a palavra dos poetas. Os poetas, talvez, comecem a refletir mais do que a emitir palavras com as quais possam confortar, analisar. Este é um momento de silêncio fecundo, de espera. E acredito que nunca, como nesse momento, nos sentimos homens entre os homens. Não há nada de especial em ser poeta, é um modo, um ofício, um dom, um talento pelo qual se diz através das palavras, através de uma música que olha para o silêncio, que olha para o vazio que todos sentem. É, então, uma espécie de união e, talvez, nesse momento, seja também supérflua, visto que existe uma união planetária mais forte do que a poesia, que tomará a palavra depois, quando tudo acabar, e nos levará a conhecer o que, talvez, nesse momento não saibamos.

* Refere-se a um sistema de caixas eletrônicas que permite que clientes de bancos realizem saques e pagamentos. [N. R. T.]

Zona Vermelha

para N.

Tenho uma amiga que continua a trabalhar na fábrica na Zona Vermelha. Na prensa o contato forçado com os colegas é estreito. Diz: “Nós operários somos carnes de abate. Ninguém fala dos mortos no trabalho”, todo ano uma contagem de produtos estocados e de moscas mortas na região da neve, onde o verde é cortado pelos portões e divide em porções desiguais a terra. Tudo acaba, para todos, em dois metros quadrados de terra, revirada por uma pá de escavadeira manuseada por um homem que ficou mudo pelo trabalho com os mortos. Tudo é posto em silêncio sob uma camada de viridescentes mofos nobres congelados pelo sopro da primeira noite. Diz: “Não tenho medo por mim”. Não acrescenta: “Seria quase uma liberação”. Aliás, emite um lampejo de pura alegria se lhe pergunto, em pensamento: “Você comeu?”.

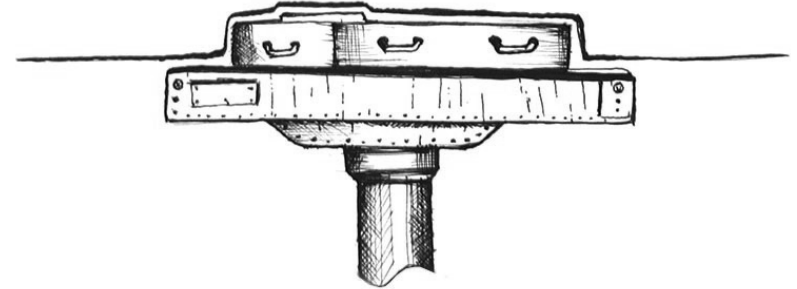
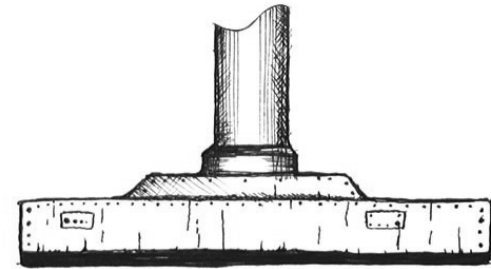
Roma, 12 de março de 2020

Zona Rossa

a N.

Ho un'amica che continua a lavorare in fabbrica nella Zona Rossa. Alla pressa il contatto forzato coi colleghi è stretto. Dice: “Noi operai siamo carne da macello. Nessuno parla dei morti sul lavoro”, ogni anno un conteggio di prodotti stoccati e di mosche morte nella regione della neve, dove l'orto è tagliato dai cancelli e divide in porzioni disuguali la terra. Tutto finisce, per tutti, in due metri quadri di terra, rivoltata da una benna manovrata da un uomo reso muto dal lavoro coi morti. Tutto è messo a tacere sotto uno strato di viridescenti muffe nobili raggelate dal soffio della prima notte. Dice: “Non ho paura per me”. Non aggiunge: “Sarebbe quasi una liberazione”. Anzi, emette una scintilla di pura gioia se le chiedo, in pensiero: “Hai mangiato?”

Roma, 12 marzo 2020



Verde com céu acima

onde falta a afável carne humana,
o objeto sociável, a coisa

— onde falta a coisa
fixada na matéria,

passa a luz

deste mundo
radioso e gentil – e tão
belo, sem sentido: perfeito

Fiumicino, 28 de outubro de 2017

P – Pessoa

“Uma pessoa é o que resta quando está distante”, isso
já escrevi. Eu estou aqui
e te faço falta, porque lembro
só do que faz bem
lembrar: peneirei o ouro
da minha vida, o ouro da areia
da infância, quando minha mãe me levava à praia e eu olhava por horas
como reluz o mar dos promontórios. Não adianta lembrar
quando o amor se transforma num monstro. Não adianta lembrar
quantas vezes eu já morri
enquanto estava viva. Não adianta lembrar
do abandono. Uma pessoa é o que contém
depois que a vida
trabalhou a tora da vida
até a medula, até dela fazer um barco levíssimo
que resiste ao mar
sob qualquer céu. Eu lembro apenas
do reluzir a perder de vista
da minha vida. Se olhares bem,
verás uma coisa viva. Se olhares bem,
verás que agora enfim estou
somente viva.

Roma, 31 de dezembro de 2018

Verde con cielo sopra

dove manca l'affabile carne umana,
l'oggetto socievole, la cosa

– dove manca la cosa
fissata nella materia,

passa la luce

di questo mondo
radioso e gentile – e così
bello, privo di senso: perfetto

Fiumicino, 28 ottobre 2017
(de *Giardino della gioia*, Mondadori, 2019)

P – Persona

«Una persona è quello che rimane quando è lontana», questo
l'ho già scritto. Io sono qui
e ti manco, perché ricordo
solo quello che fa bene
ricordare: ho setacciato l'oro
dalla mia vita, l'oro della sabbia
dell'infanzia, quando mia madre mi portava al mare e guardavo per ore
come luccica il mare dai promontori. Non serve ricordare
quando l'amore si trasforma in mostro. Non serve ricordare
quante volte io sono già morta
mentre ero viva. Non serve ricordare
l'abbandono. Una persona è quello che contiene
dopo che la vita
ha lavorato il legno della vita
fino alla midolla, fino a farne una barca leggerissima
che tiene il mare
sotto qualunque cielo. Io ricordo soltanto
il luccicare a perdita d'occhio
della mia vita. Se guardi bene,
vedi una cosa viva. Se guardi bene,
vedi che adesso finalmente sono
solo viva.

Roma, 31 dicembre 2018
(de *Giardino della gioia*, Mondadori, 2019)

Fabio Franzin
(Milão, 1963)
Poeta e operário



Oh natureza

Vão florescendo as glicínias
na nossa varanda,
e no pé de limão,

encomendado com desconto durante
a emergência, zumbem as abelhas,
e polinizam. Natureza, cara,

tu que sabes e não sabes
de decretos e quarentenas,
continuas, igual, em teu curso,

vem em socorro desta alma
que treme. E eu te agradeço.
Te peço mil vezes desculpas.

Oh natura*

L'é drio fiorir el glicine
tea nostra teràzha,
e sua pianta de limoni

ciota in sconto durante
l'emergenza, ronza 'e ave,
'e inpòina. Natura, cara,

tì che te sa e no' te sa
de decreti e quarantene,
te continua, conpagna, el tó corso,

te vièn in socorro de 'sta ànema
che treme. E mì te dise grazie.
Mì te domande mìe volte scusa.

*Dialeto vêneto-trevigiano da região de Opitergino-Mottense.
[N.A.]

Oh natura**

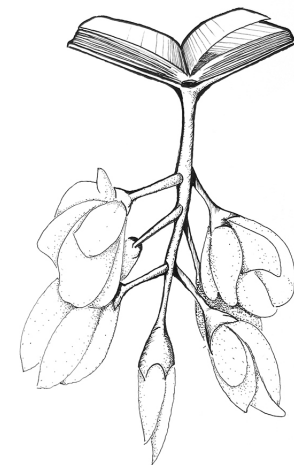
Sta fiorendo il glicine
sulla nostra terrazza,
e nella pianta di limone

fatta arrivare scontata durante
l'emergenza, ronzano le api,
impollinano. Natura, cara,

tu che sai e non sai
di decreti e quarantene,
continui, uguale, il tuo corso,

vieni in soccorso di questa anima
che treme. E allora ti ringrazio.
Io ti chiedo mille volte scusa.

** Versão do autor para o italiano. [N.T.]



Ficar longe

Ficar longe,
agora entendemos
quanto nos custa,
quanto nos afasta,
a todos, da realidade.

Mesmo em um só metro
escancara-se um deserto,
se as mãos são obrigadas a parar
os gestos usuais. Se o medo
não encontra outro conforto
senão as palavras, acreditamos
de novo nelas. Pode-se
dizer: *beijar, abraçar*
e, ainda, dizer: *coragem*
tudo vai passar. Deixem-nas ir,
deixem-nas chegar. Nenhuma
poesia é maior
que um metro, eu sei,
mas a distância se anula
se as palavras são verdadeiras

e se uma das mãos a segura
pelo lado em que começa,
e a outra pelo lado em que acaba,
podemos ainda nos unir, podemos
ainda nos sentir realmente humanos.

Star distanti*

Star distanti,
'dèss lo 'ven capio
quant che costa,
quant che ne staca,
tuti, daa realtà.

Anca te un sol metro
se spaeànca un deserto,
se ae man ghe toca fermàr
i sèsti sòiti. Se 'a paura
no' trova altro conforto
che dae paròe, credén
de nòvo in lore. Se pol
dir: *basàrse, 'brazhàrse*
se pol 'ncora dir: *coràjo,*
tut passa. 'Assée 'ndar,
'assée 'rivàr. Nissuna
poesia la 'é longa pì
de un metro, lo so,
ma 'a distanza sparìsse
se 'e paròe le 'é vere

e se 'na man la tien
da 'ndo' che 'a scuminzhia,
e cheàltra 'ndo che 'a finisse,
se pol 'ncora unirse, se pol
sintirse 'ncora davvero umani.

Stare distanti**

Stare distanti,
ora l'abbiamo capito
quanto ci costa,
quanto ci stacca,
tutti, dalla realtà.

Anche in un solo metro
si spalanca un deserto,
se le mani sono costrette a fermare
i gesti consueti. Se la paura
non trova altro conforto
che dalle parole, crediamo
di nuovo in esse. Si può
dire: *baciarci, abbracciarci*
si può ancora dire: *coraggio*
tutto passa. Lasciatele andare,
lasciatele arrivare. Nessuna
poesia è lunga più
di un metro, lo so,
ma la distanza si annulla
se le parole sono vere

e se una mano la tiene
dalla parte dove incomincia,
e l'altra dove essa finisce,
possiamo ancora unirci, possiamo
sentirci ancora davvero umani.

* Dialetto vêneto-trevigiano da região de Opitergino-Mottense.
[N.A.]

** Versão do autor para o italiano. [N.T.]



Sem nenhum Ulisses

Vento, fora, que faz bater as sacadas.
O berro longo de uma ambulância
que passa, com sua carga de dor
— faça-a chegar a tempo, faça com que se
salve — e eu leio Walcott
enquanto todo o mundo
está isolado, fechado em quarentena.

“something still fastens us forever to the poor”
(algo nos liga ainda e para sempre aos pobres)

enquanto o desespero tomou conta,
e começam os assaltos aos supermercados.

Quanto repetimos, como Cassandras
tomadas por tolas, que assim, tão
desigual não podia continuar?

O vento desta manhã nos lembra disso.
Basta dizem as venezianas que batem, basta
aos que ficam falando de um lucro que
não leva em conta o homem, que não ajuda
os que ficam para trás, que sofrem.

Oh Walcott, Homero do nosso tempo, de ilhas,
povos servos e colônias exploradas,
que cantou o suor dos escravos,
a miséria dos esquecidos,
tuas palavras percutem, toc toc, junto
com essas venezianas que batem no fundo
de nossas almas distraídas,
berram junto com as sereias que cantam
o apocalipse que nos deixa todos iguais,
náufragos perdidos em meio à borrasca,
sem nenhum Ulisses a bordo, sem
um único escudo para se proteger,
sem mais nenhum deus que nos escute.

Senza nessun Ulisse*

Vento, fòra, che fa sbàter i balconi.
L’urlo longo de ‘na ‘nbueànzha
che passa, col só cargo de doeór
— fàea ‘rivàr in tenpo, fa che ‘l se
salve — e mi che lèdhe Walcott
intant che el mondo intièro
l’è isoeà, serà in quarantena.

“something still fastens un forever to the poor”
(calcòssa ne liga ‘ncora e par senpre ai poréti)

intant che ‘a desperaziòn la ‘é colma,
e scuminzhia ‘i assalti ai supermercati.

Quant lo ‘véneo dita, come Cassandre
ciapàdhe par seme, che cussì, cussì
sgaiva no’ a podhéa pì continuàr?

El vent de stamatina el ne ‘o ricorda.
Basta dise i balconi che sbate, basta
a quei che sbàtoea de un profito che
no’ tièn de conto l’òn, che no’iuta
tuti quei che resta indrio, che sofre.

Oh Walcott, nostro Omero de isoe,
de pòpoi servi e coeònie sfrutàdhe,
che te ‘à cantà el sudór dei s.ciavi,
‘a miseria de quei desmentegàdhi,
‘e tó paròe bate, toc toc, insieme
a ‘sti balconi che bussà tel fondo
dee nostre àneme straviàdhe,
‘e zhiga insieme ae sirene che canta
l’apocaisse che ne fa tuti conpagni,
naufraghi persi in mèdho aa borasca
senza nissùn Ulisse a bordo, senza
nissùn scudo ‘ndo ‘scónderse drio,
senza pì nissùn dio che ne ‘scolte.

* Dialetto vêneto-trevigiano da região de Opitergino-Mottense.
[N.A.]

Senza nessun Ulisse**

Vento, fuori, che fa sbattere i balconi.
L’urlo lungo di un’ambulanza
che passa, col suo carico di dolore
— falla arrivare in tempo, fa che si
salvi — e io che leggo Walcott
mentre tutto il mondo
è isolato, chiuso in quarantena.

“something still fastens un forever to the poor”
(qualcosa ci lega ancora e per sempre ai poveri)

mentre la disperazione è colma,
e hanno inizio gli assalti ai supermercati.

Quanto lo abbiamo ribadito, come Cassandre
prese per sceme, che così, così
dispari non poteva continuare?

Il vento di stamani ce lo rammenta.
Basta dicono le imposte che sbattono, basta
a quelli che cianciano di un profitto che
non tiene conto dell’uomo, che non aiuta
coloro che rimangono indietro, che soffrono.

Oh Walcott, Omero del nostro tempo, di isole,
popoli servi e colonie sfruttate,
che hai cantato il sudore degli schiavi,
la miseria di quelli dimenticati,
le tue parole battono, toc toc, insieme
a queste imposte che bussano nel fondo
delle nostre anime distratte,
urlano assieme alle sirene che cantano
l’apocalisse che ci rende tutti uguali,
naufraghi persi in mezzo alla burrasca,
senza nessun Ulisse a bordo, senza
alcuno scudo cui ripararsi,
senza più nessun dio che ci ascolti.

** Versão do autor para o italiano. [N.T.]

Franca Grisoni

(Sirmione, 1945)

Poeta



Coronavírus

Não é Ele que me tira o fôlego,
a fome de ar, o respiro curto
é o seu filho que me dá
um Medo enorme
que nunca havia sentido
e que cresce, à medida que aumentam
aqueles que Ele já pegou.
Velhos e pequenos, muitos já se foram,
outros passarão ainda pelo fogo
que já nos uniformiza
qualquer cor de pele
em um pó cinza
sem funeral
irmãos
como nunca fomos
deveras capazes de pensar.

Coronavirus**

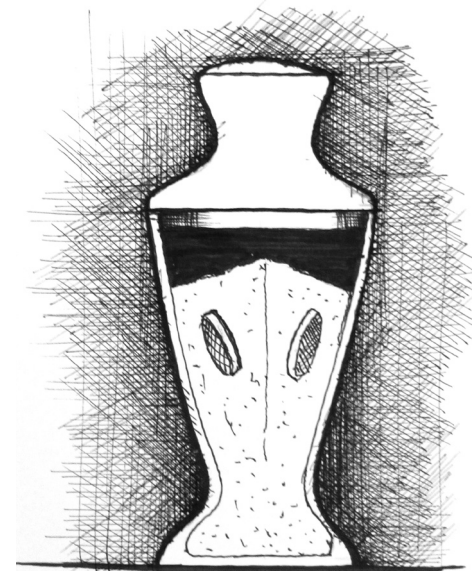
Non Lui a farmi il manca fiato,
la fame di aria, il respiro corto
è la sua figlia che me li dà:
una Paura grande
che non mi aveva mai preso
e che cresce man mano che aumentano
quelli che Lui ha già acchiappato.
Vecchi e piccoli, tanti già andati,
altri ancora passeranno per il fuoco
che ci uniforma già
ogni colore di pelle
in una cenere grigia
senza funerale
fratelli
come non siamo mai stati
davvero capaci di pensarci.

** Versão da autora para o italiano. [N.T.]

Coronavirus*

Mia Lu a fame el manca fià,
la fam de aria, el respir cürt
l'è la sò fiöla che la me i-a dà:
'na Pora granda
che la m'i-a mai ciapat
e che la cres ma a ma che i cres
ch'èi che El gh'à za brancat.
Vecc e picui, tacc za nacc,
oter amó i pasarà per el fòc
che 'l ne liela za
töcc i culur de pèl
en de 'na sener grisa
sensa füneral
fradei
come no som mai stacc
bu de bu de pensan.

* Dialetto de Sirmione. [N.A.]



“voltar ao mundo como era...”

Elvira Seminara

(Catania, 1959)
Escritora e jornalista



Na Itália se reivindica o retorno à normalidade, ao mundo como era. Eu não penso de modo algum que seja algo que devamos desejar, voltar ao mundo como era. E o mundo normal é um mundo feito de subjugação de uns sobre os outros, de abuso e de consumo devastador da natureza e do ambiente, de desigualdade e de desequilíbrios. Penso que devamos voltar, ao contrário, ao mundo zerado, “decriado”, como diz Simone Weil, no qual recomeçarmos melhores, e acatar a mensagem de Julia Kristeva quando diz: “Tenhamos consciência da nossa finitude”. Somos imperfeitos, somos frágeis. Só com a cooperação, com a escuta, a relação sadia entre nós e a natureza, podemos viver bem, viver melhor. Só com a ternura, diz ela. E é um sentimento belo, porque é um sentimento consciente da nossa fragilidade e da necessidade de sermos melhores uns com os outros.



Valerio Magrelli

(Roma, 1956)

Poeta, escritor, tradutor e professor



Nova Teoria do Caos: poesia com explicação anexa

para Marco Perilli

Em matemática e em física, o assim chamado “efeito borboleta”, causado pelo simples bater de asas do inseto, expressa a ideia de que mínimas variações nas condições iniciais produzam máximas variações no comportamento a longo prazo de um sistema.

1 senhor come 1 borboleta na China
e não podemos mais ir ao cinema,
ir correr
e trabalhar,
ir discorrer
ou mesmo dançar,
ir à pizzeria,
hábitos antigos,
ficar em companhia
abraçar os amigos.

Explicação: o eixo desse poema é constituído pelo contágio entre rimas e ações cotidianas, numa transmissão poética do som que quer imitar aquela patológica do vírus.

Nuova Teoria del Caos: poesia con spiegazione allegata

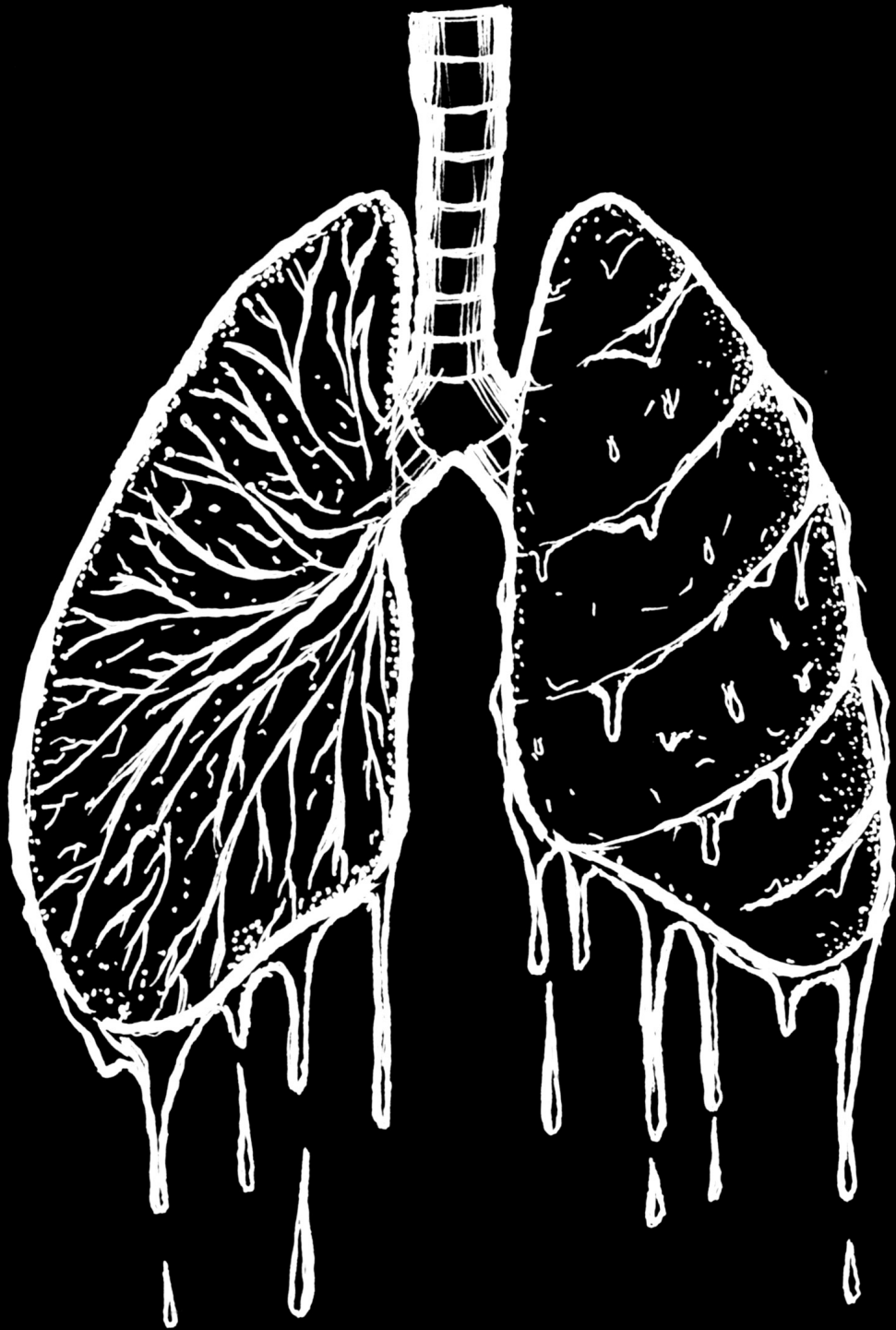
a Marco Perilli

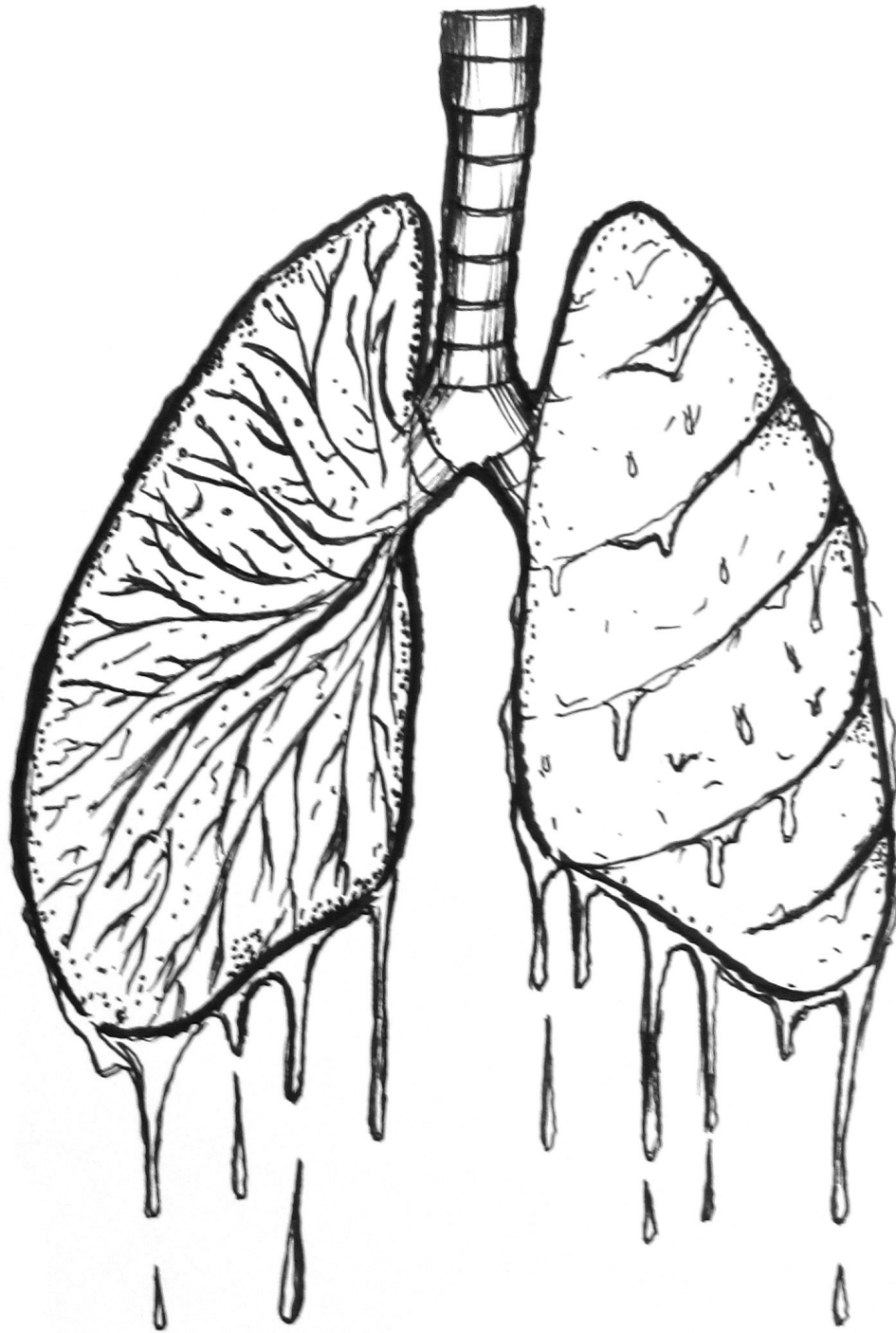
In matematica e in fisica, il cosiddetto “effetto farfalla”, causato dal semplice battito d’ali dell’insetto, esprime l’idea che minime variazioni nelle condizioni iniziali producano massime variazioni nel comportamento a lungo termine di un sistema.

1 signore si mangia 1 farfalla in Cina
e non possiamo più andarcene al cinema,
andare a correre
e a lavorare,
andare a discorrere
oppure a ballare,
andare in pizzeria,
magari in bici,
starsene in compagnia,
abbracciare gli amici.

Spiegazione: l’asse di questa poesia è costituito dal contagio tra rime e azioni quotidiane, in una trasmissione poetica del suono che vuole mimare quella patologica del virus.







Paolo Puppa
(Veneza, 1945)
Professor e dramaturgo

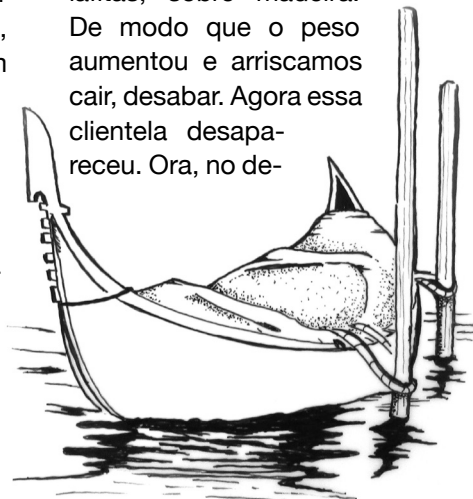


“uma cidade de pintura metafísica, deserta”

Estou aqui, para um papo sobre o antes e o depois em relação ao Armagedom, a esse flagelo, à peste, nova, do terceiro milênio. Eu sou veneziano, moro na Laguna, já tivemos a maré alta, em novembro passado, tão alta a ponto de se aproximar do pico histórico de 1966, quando chegou a 1,93 m. Em 12 de novembro passado, chegamos a 1,87 m, e significa uma catástrofe para a cidade. Já então a enorme massa turística que tomava e ocupava a cidade diminuiu. Agora, nós, que nos lamentávamos de não poder viajar comodamente nos vaporetos, porque os vaporetos estavam ocupados por milhões de chineses, japoneses, ameríndios, russos com suas malas enormes, e não tinha mais espaço para nós, agora podemos viajar comodamente, mas a cidade parece um quadro de De Chirico, uma cidade de pintura metafísica, deserta.

Outra coisa positiva na desgraça: os grandes navios de

cruzeiro, que poluíam o ar — tínhamos um nível de poeira fina recorde na Europa, provavelmente. Pensem numa cidade de velhos como Veneza, de asmáticos, de cardiopatas e de crianças (pocas). Pensem no que todas essas categorias se arriscavam com a poeira fina. Agora, em compensação, o ar é limpo, quando chove não vem mais água podre e se respira. Mas a ausência de navios é um outro golpe sofrido, terrível para a economia da cidade, dois terços das nossas casas foram transformados em Bed&Breakfast, entre outras coisas, tornando os edifícios mais pesados, porque em cada quarto puseram sanitários que pesam, e a nossa cidade se apoia sobre as palafitas, sobre madeira. De modo que o peso aumentou e arriscamos cair, desabar. Agora essa clientela desapareceu. Ora, no de-



pois. Nessa situação, em que no meu registro civil eu sou um velho, avô, e minha geração, eu e minha mulher, somos dois velhinhos, numa casa antiga, de 1400, nos roubaram a primavera. Nós, nesses meses, fazíamos provisão de bom ar, de luz, de sol para nos prepararmos para o inverno. O coronavírus roubou aos jovens, às crianças, aos meus netos os espaços, a socialização, o esporte, mas eles terão tempo para se refazer. Espero. Mas nós, ao contrário, não. A nós não foram dadas grandes chances. A única vantagem, pode-se dizer, no depois, é que, talvez esta cidade vazia da inflação patológica e compulsiva do turismo, possa ocupar seus espaços, não no sentido de uma autarquia econômica, mas, por exemplo, estimulando o artesanato, que aqui é próspero, pensemos só no vidro, com resultados admiráveis e também muito eficazes do ponto de vista dos proventos econômicos. Talvez uma cidade que se reconstrói de baixo, que se reconstrói das ruínas, como depois de uma terceira guerra mundial, um projeto de existência diferente e mais vivível.

“Não renuncio a você por um morcego, ou diário de um vírus”

(um fragmento)

O momento mais divertido, acreditem, é à noite, quando vocês se reúnem diante das caixinhas que mandam luz, a pequena tela que parece o altar em que vocês rezam cada vez mais frequentemente há alguns dias. De fato, elas lhes comunicam os números de um modo tão sério, que começo a rir. Vocês ficam ali em silêncio religioso. A mãezinha com a colher de pau erguida, o prato fumegante na outra mão, as crianças que não entendem a razão dessa demora, o papai com rugas na testa que cala os menores. Vocês parecem estar realmente nas casas de teto alto, que acho que chamam de igrejas. E lhes transmitem também as curvas com a projeção. E vocês exultam, mas que cretinos, se o avanço em algumas cidades diminui. Mas eu gosto de variar, rapazes. O fato é que me canso com frequência e depressa de estar sempre no mesmo lugar. É isto. Nenhuma lógica. Por caridade. Não seja por isso. Além disso, vocês estão se tornando repentinamente melhores. Vocês não se odeiam mais. Unidos contra mim. É lindo! Excitante! Façam. Façam. Por favor. Façam. Façam. Fiquem à vontade. Nenhum problema para mim. Fiquem tranquilos. Mas devo dizer que uma coisa me surpre-

ende muito: a perversa relação de vocês com o tempo. Vocês não sabem ver o tempo em seu conjunto. Me explico. É só uma questão de espera. Mesmo se algum de vocês se sente seguro, no momento, porque decido deixá-lo, porque finjo ceder a uma limpeza mais sistemática na sua casa, a uma máscara melhor ajeitada na cara. Aqueles que dizemos ter escapado da minha chacina, em alguns anos, também deverão ir embora com seus trapos. O que muda entre agora ou daqui a dez anos? Uma alternativa que teria sentido para mim seria só a eternidade. Que não existe! Está claro ou não? Estamos partindo, rapazes! Todos a bordo!

Talvez a verdadeira delícia para mim seja quando deslizo pela boca de vocês e mergulho nos sacos que me parece vocês chamem de pulmões. Fico lá tranquilo, tranquila, tranquilos, tranquilas. Para me refrescar um pouco, tomo um bom banho. Sim. Encho de água que é uma maravilha, e também faço bolhas, quando vocês começam a perder o fôlego e ter dificuldade para respirar. E assim vou de cima para baixo como numa montanha-russa. Vocês não fazem ideia. Depois, quando percebo pela ausência dos mo-

vimentos que o meu gentil hóspede decidiu fazer as malas, então saio e mudo de residência, digamos. Mas somos tantos, tantas, e nos multiplicamos como gafanhotos. Diferente de meteoritos, diferente de bomba nuclear. É preciso muito pouco para fazê-los desaparecer, basta um pouco de fantasia. Porém, confesso, será difícil ficar sem os cantos alegres e fingidos de vocês nas janelas destes dias, sem as bandeirinhas coloridas de arco-íris, sem os escritos “Vamos conseguir”.

[...] Nas suas casinhas, enquanto isso, vocês não fazem mais dentro e fora, ou muito menos do que antes. Todos envelheceram ou voltaram a ser crianças. Os que entram em quarentena guardam-no e o usam só para despejar água, não o resto. Vejo que o negócio já cresce bem pouco. E assim diminuirão os novos nascimentos. Que engraçado. Novo controle de natalidade, que medo vocês têm de mim. Método que parece muito eficaz.

“Non rinuncio a te per un pipistrello, o diario di un virus”

(un brano)

Il momento più divertente, credetemi, è la sera, quando vi riunite davanti alle scatole che mandano luce, il piccolo schermo che pare l'altare dove pregate sempre più spesso da qualche giorno, eh, eh. Vi comunicano infatti i numeri in modo così serio che mi metto a sghignazzare. Ve ne state in silenzio religioso, la mamma col mestolo in alto e il piatto fumante nell'altra mano, i bambini che non capiscono la ragione di quel rallentamento, il pappino colle rughe sulla fronte che zittisce i pargoli. Sembrate davvero come nelle case col soffitto alto che mi pare chiamate chiese. E vi trasmettono pure le curve colla proiezione. E gongolate, ma che cretini, se l'aumento in qualche città rallenta. Ma a me piace cambiare, ragazzi. Il fatto è che mi stanco spesso e presto a restare nello stesso posto. Tutto qua. Nessuna logica. Per carità. Ci mancherebbe altro. State diventando all'improvviso più buoni. Non vi odiate più. Uniti contro di me. Che bello! Che eccitante. Fate fate. Prego. Fate pure. Accomodatevi. Nessun problema per me. Tranquilli. Una cosa però mi sorprende molto. Devo dirvelo. Il vostro cattivo rapporto col tempo. Non sapete vederlo nel suo insieme, il tempo. Mi spiego. È solo questione di attesa. Anche se qualcuno di voi la fa franca, al momento, perché deci-

do di lasciarlo, perché fingo di cedere ad una pulizia più sistematica nella sua abitazione, a una mascherina meglio sistemata sul muso, questo chiamiamolo pure scampato alla mia strage tra qualche anno ma dovrà pure andarsene coi suoi stracci. Cosa cambia tra adesso o fra dieci anni? Eh? Eh? Un'alternativa a me che avrebbe senso sarebbe solo l'eternità. Che non esiste! O no? Chiaro? Si parteeee, ragazzi! Tutti a bordo!

Forse per me la vera goduria è quando mi intrufolo nella vostra bocca e mi tuffo nelle sacche che chiamate mi pare polmoni. Me ne sto là un po' tranquillo, tranquilla, tranquille, tranquille. Per rinfrescarmi un po' mi faccio un bel bagnetto. Sìiii, riempio d'acqua che è una meraviglia e faccio pure le bolle quando cominciate a tirar su il fiato e faticate a respirare. E così vado su e giù, come sull'ottovolante. Non avete idea. Poi, quando capisco dall'assenza del movimento che il mio gentile ospite ha deciso di fare i bagagli allora me ne esco fuori e cambio residenza, diciamo. Ma siamo in tanti tante e ci moltiplichiamo come cavallette. Altro che meteoriti, altro che bomba nucleare. Ci vuole così poco per farvi sparire. Basta un po' di fantasia. Però, lo confesso, sarà dura restare senza i vostri canti

finto allegri alle finestre di questi giorni, senza le bandierine colorate di arcobaleno, senza le scritte “Ce la faremo”.

[...] Nelle vostre casette, intanto, non fate più su e giù, o molto meno rispetto a un tempo. Tutti invecchiati o tornati bambini. Quelli che si mettono in quarantena vuol dire che lo ripiegano e lo usano solo per spander acqua, non il resto. Vedo che vi si allunga poco l'affare, già. E si abbasseranno così i nuovi nati. Che ridere. Nuovo controllo delle nascite, la paura che vi faccio. Metodo pare molto efficace.

Mariangela Gualtieri

(Cesena, 1951)
Poeta



Nove de março de dois mil e vinte

Quero te dizer isso
que devíamos parar.
Sabíamos disso. Sentíamos todos
que era demasiado furioso
o nosso fazer. Estar dentro das coisas.
Todos fora de nós.
Sacudir cada hora — fazê-la render.

Devíamos parar
e não conseguíamos.
Era para fazermos juntos.
Diminuir o ritmo.
Mas não conseguíamos.
Não havia esforço humano
que nos pudesse barrar.

E visto que isso
era desejo tácito comum
como um inconsciente querer —
quicá nossa espécie obedeceu
desatou as correntes que mantêm blindada
nossa semente. Abriu
as fissuras mais secretas
e deixou entrar.
Quicá por isso, depois, houve um salto
de espécie — do morcego até nós.
Algo em nós quis escancarar.
Quicá, não sei.

Agora estamos em casa.

É portentoso o que acontece.
E tem ouro, acredito, nesse tempo estranho.
Quicá existam dádivas.
Pepitas de ouro para nós. Se nos ajudarmos.
Há um intenso chamado
da espécie agora, e como espécie, agora,
cada um se deve pensar. Um comum destino
nos mantém aqui. Sabíamos disso. Mas não muito bem.
Ou todos ou ninguém.

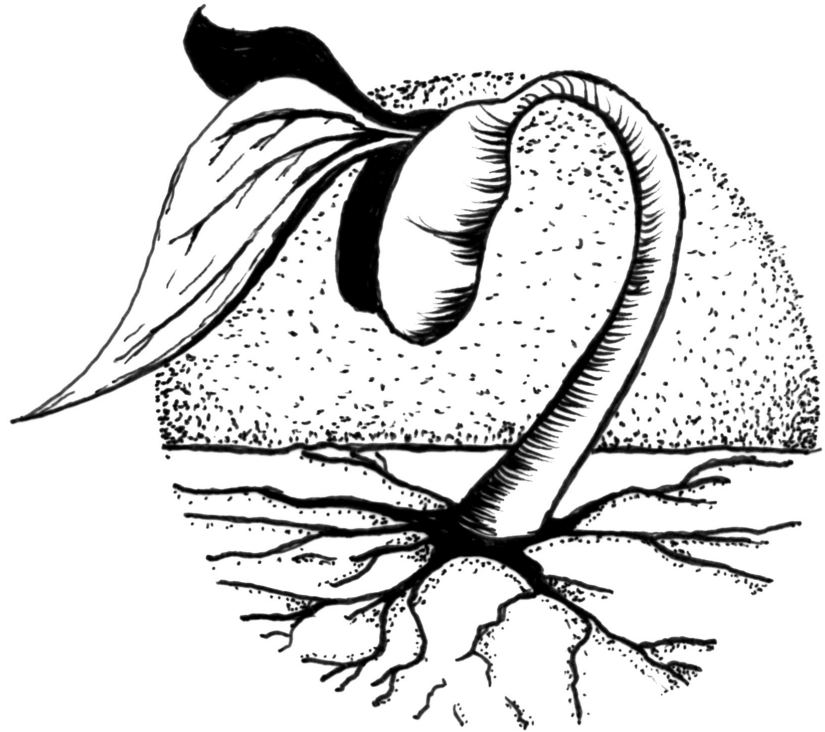
É potente a terra. Viva realmente.
Eu a sinto pensativa de um pensamento
que nós não conhecemos
E o que acontece? Consideremos
se não é ela a mover.
Se a lei que mantém bem guiado
todo o universo, se o que acontece me pergunto
não seja a plena expressão daquela lei
que também nos governa — exatamente como
cada estrela — cada partícula de cosmo.

Se a matéria escura fosse isso
manter-se ao lado de tudo num ardor
de vida, com a varredoura morte que chega
para equilibrar todas as espécies.
Mantê-la dentro de seus limites, em seu lugar,
guiada. Não somos nós
que fizemos o céu.

Uma voz imponente, sem palavra
nos diz agora para ficarmos em casa, como crianças
que muito aprontaram, sem saber o quê,
e não terão beijos, nem serão abraçadas.
Todos em uma freada. Dentro de cada um a freada
que nos leva para trás, talvez nas lentidões
das antigas antepassadas, das mães.

Olhar mais para o céu,
pintar de ocre um morto. Fazer pela primeira vez
o pão. Olhar bem um rosto. Cantar
baixinho para que uma criança durma. Pela primeira vez
apertar com a mão outra mão
sentir a intensidade da aliança. Que estamos juntos.
Um único organismo. Toda a espécie
carregamos em nós. Dentro de nós a salvamos.

Àquele aperto
de uma palma com a palma de alguém
àquele simples gesto que nos é impedido agora —
nós voltaremos com uma compreensão dilatada.
Estaremos aqui, mais atentos, acredito. Mais delicada
nossa mão estará dentro do fazer da vida.
Agora sabemos o quanto é triste
estar distante um metro.



Nove marzo duemilaventi

Questo ti voglio dire
ci dovevamo fermare.
Lo sapevamo. Lo sentivamo tutti
ch'era troppo furioso
il nostro fare. Stare dentro le cose.
Tutti fuori di noi.
Agitare ogni ora — farla fruttare.

Ci dovevamo fermare
e non ci riuscivamo.
Andava fatto insieme.
Rallentare la corsa.
Ma non ci riuscivamo.
Non c'era sforzo umano
che ci potesse bloccare.

E poiché questo
era desiderio tacito comune
come un inconscio volere —
forse la specie nostra ha ubbidito
slacciato le catene che tengono blindato
il nostro seme. Aperto
le fessure più segrete
e fatto entrare.
Forse per questo dopo c'è stato un salto
di specie — dal pipistrello a noi.
Qualcosa in noi ha voluto spalancare.
Forse, non so.

Adesso siamo a casa.

È portentoso quello che succede.
E c'è dell'oro, credo, in questo tempo strano.
Forse ci sono doni.
Pepite d'oro per noi. Se ci aiutiamo.
C'è un molto forte richiamo
della specie ora e come specie adesso
deve pensarsi ognuno. Un comune destino
ci tiene qui. Lo sapevamo. Ma non troppo bene.
O tutti quanti o nessuno.

È potente la terra. Viva per davvero.
Io la sento pensante d'un pensiero
che noi non conosciamo.
E quello che succede? Consideriamo
se non sia lei che muove.
Se la legge che tiene ben guidato
l'universo intero, se quanto accade mi chiedo non sia
piena espressione di quella legge
che governa anche noi — proprio come
ogni stella — ogni particella di cosmo.

Se la materia oscura fosse questo
tenersi insieme di tutto in un ardore
di vita, con la spazzina morte che viene
a equilibrare ogni specie.
Tenerla dentro la misura sua, al posto suo,
guidata. Non siamo noi
che abbiamo fatto il cielo.

Una voce imponente, senza parola
ci dice ora di stare a casa, come bambini
che l'hanno fatta grossa, senza sapere cosa,
e non avranno baci, non saranno abbracciati.
Ognuno dentro una frenata
che ci riporta indietro, forse nelle lentezze
delle antiche antenate, delle madri.

Guardare di più il cielo,
tingere d'ocra un morto. Fare per la prima volta
il pane. Guardare bene una faccia. Cantare
piano piano perché un bambino dorma. Per la
prima volta stringere con la mano un'altra mano
sentire forte l'intesa. Che siamo insieme.
Un organismo solo. Tutta la specie
la portiamo in noi. Dentro noi la salviamo.

A quella stretta
di un palmo col palmo di qualcuno
a quel semplice atto che ci è interdetto ora —
noi torneremo con una comprensione dilatata.
Saremo qui, più attenti credo. Più delicata
la nostra mano starà dentro il fare della vita.
Adesso lo sappiamo quanto è triste
stare lontani un metro.

Eugenio De Signoribus

(Cupra Marittima, 1947)

Poeta



“o grande silêncio”

Caros amigos, o trecho a seguir é certamente pessimista. Mas eu vivi essa pandemia, ainda não debelada, como uma prova geral. A próxima será fatal para a humanidade, provavelmente; como para os crentes pode ser a penúltima ceia, antes do anunciado sacrifício. Agora que voltam movimentos e rumores, é já quase uma recordação o grande silêncio que durou mais de três meses, durante o qual só a natureza falou, com a neve nas colinas, com o vento entre as casas e as árvores, com os animais dos bosques impelidos até o mar, desorientados com o horizonte mais límpido. Mas vou guardar como advertência outras imagens: as fossas comuns em New York e no Brasil, onde eram depositados os corpos dos sem nome, dos invisíveis, não reclamados por ninguém, e a longa fila de caminhões militares que saíam dos necrotérios italianos carregados de caixões e deslizavam no silêncio noturno para destinos desconhecidos, alguns para os fornos crematórios, outros para sepulturas

distantes, em outras regiões, não havendo mais lugar nos cemitérios locais. Tudo sem um adeus. Seria fácil associar essas imagens àquelas, em tempos não distantes, de fossas comuns, sob as ditaduras, durante as limpezas étnicas e muitas outras devastações, atrocidades. Mas é claro, não são imagens que podemos comparar. Essas atuais são outras. São só uma advertência do que poderia acontecer se a direção do mundo não mudar. A ideia de desenvolvimento, da salvaguarda dos recursos restantes do planeta e dos seres humanos, ainda muito explorados, ainda escravos, os danados da terra. Quando Salgado disse em uma recente entrevista “salvemos a Amazônia ou perderemos a nossa humanidade”, respondo:

“Você tem razão”. Mas, no meu coração, sinto que já a perdemos juntamente com a nossa bem resistente inocência.

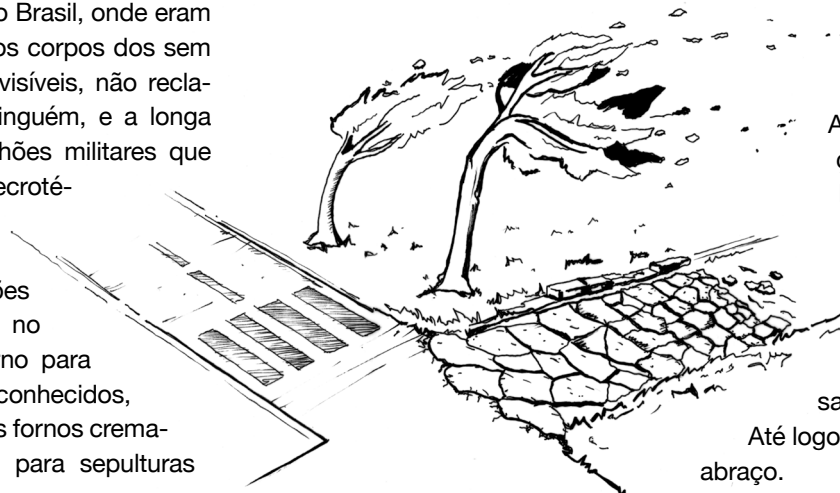
Há pelo menos meio século estamos conscientes da feroz exploração do planeta. Escrevemos sem pesar, gritamos sem voz, assinamos dezenas de apelos. Caro, estimadíssimo Salgado, caros amigos, o que mudou? Nada... nada. Aliás, tudo foi piorando, até chegarmos a um passo do precipício ambiental e humano.

Se essa pandemia servisse para alguma coisa, servisse para mudar de rota, para compreender que nunca acabou a pandemia da guerra, da exploração, da fome, poderia até dar uma esperança, mas as guerras insidiosas nunca acabaram. Os grandes poderes só estão

se reposicionando. Os motores já estão ligados.

A reconquista começou. E a reflexão sobre o futuro e sobre o sentido do nosso viver, só a fazem os corações não mercantilizados, os corações dos santos da terra.

Até logo amigos. Um grande abraço.



(envenenar)

bombas e bombas atômicas não amedrontam mais. Antes os arsenais mantinham o mundo por um fio, um fio que segurava, apesar das guerras locais, as limpezas étnicas. Tragédias imanes, pequenos fatos, ecos nos jornais, fotos de amontoados de mortos que represavam o rio, ou que enchiam covas: histórias dolorosas que não tocavam a rede invisível do pacto das potências...

Mas, há algum tempo, depois de pequenas provas de transmissão, estamos certos de que não serão os cogumelos atômicos que irão condenar à morte o planeta... mas vírus letais, criados em laboratórios secretos, ou na natureza, quando esta, destruída, não conhece fronteiras entre vidas animais e humanas, entre espécies infectadas, modificadas pelo ambiente, e espécies humanas, mudadas, elas também, na respiração do viver...

E o encontro não será um confronto: mas, silencioso e invisível, irá capturar qualquer vida e a drenará...

Alguns, os autores do crime e seus mais previdentes cúmplices, talvez se salvarão numa estação espacial, colocada como um bunker a uma distância de segurança, no céu...

E, no final do dilúvio-pestes, se aproximarão com circunspeção e, por fim, descerão, talvez agradecendo a um Deus por poderem tocar a terra...

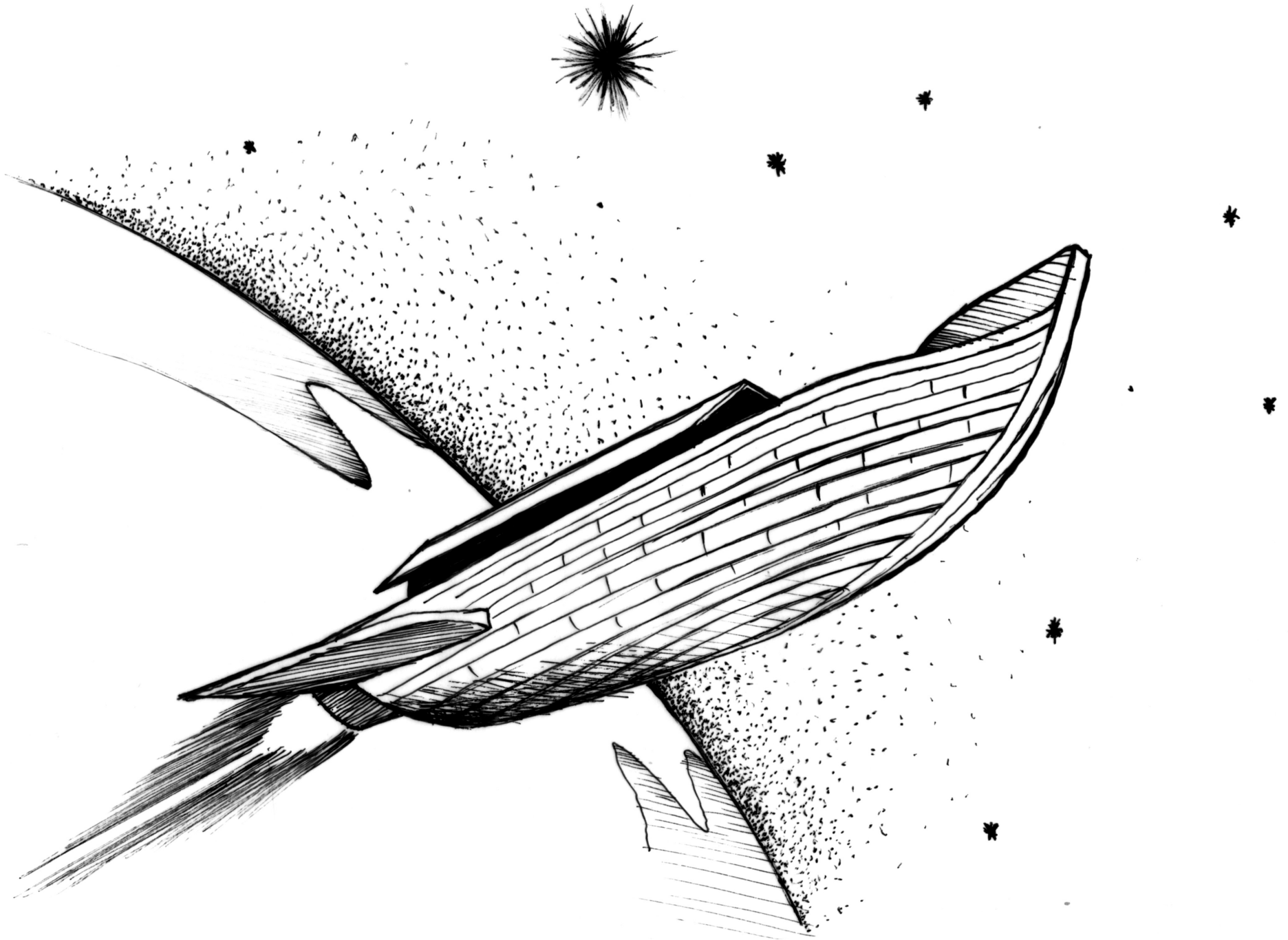
Então, serão eles os novos primeiros homens...

Farão melhor do que os anteriores? Melhor do que Noé e seus filhos? E daquele Deus que antes os salvou e depois dividiu suas descendências, tornando-as inimigas? Conseguirão prescindir das fábulas antigas? Conseguirão prescindir da ciência da morte? Se tivessem essas dúvidas, deveriam levar a estação pelo cosmo escuro até o fim do escuro... e se perder quem sabe onde, para sempre.

Que ninguém volte mais!

Março de 2020





(avvelenare)

bombe e bombe atomiche non fanno più paura. Un tempo gli arsenali tenevano sul filo il mondo, un filo che reggeva, malgrado le guerre locali, le pulizie etniche. Piccoli fatti, echi sui giornali, foto di montagne di morti che arginavano il fiume, o che riempivano fosse: storie dolorose che non toccavano il filo invisibile del patto delle potenze...

Ma da qualche tempo, dopo piccole prove di trasmissione, siamo certi che non saranno i funghi atomici a dare morte al pianeta... ma virus letali, creati in laboratori segreti, o in natura, quando questa, distrutta, non conosce confini tra vite animali e umane, tra specie infette, modificate dall'ambiente, e specie umane, mutate anch'esse nel respiro del vivere...

E l'incontro non sarà uno scontro: ma silenzioso e invisibile catturerà ogni vita e la prosciugherà...

Qualcuno, gli autori del misfatto e i loro più lungimiranti complici, forse si salveranno in una stazione spaziale, sistemata come un bunker a distanza di sicurezza, nel cielo...

E, alla fine del diluvio peste, si avvicineranno con circospezione e infine scenderanno, ringraziando magari un Iddio, di poter toccare la terra...

Allora, saranno loro i nuovi primi uomini...

Faranno meglio dei precedenti? Meglio di Noè e dei suoi figli? E di quel Dio che prima li salvò e poi divise le loro discendenze, rendendole nemiche? Faranno a meno delle favole antiche? Faranno a meno della scienza di morte?

Se avessero tali dubbi, dovrebbero spingere la stazione nel cosmo buio fino alla fine del buio... e perdersi chissà dove, per sempre.

Nessuno torni più!

Marzo 2020

A saída (Sonho, pesadelo, duplo sonho)

A todos aqueles que lutam para
salvar o planeta

*Uma imagem é como um apelo para
fazer alguma coisa...*
Sebastião Salgado

(Uma imagem feita com palavras é como um apelo
para fazer alguma coisa...)

(sonho)

estava com meus mais caros irmãos
na senda da floresta
para atravessar seu corpo
e medir seu respiro e visão

até que, ao chegar do breu
entre as comas ora brunas das árvores
detemo-nos numa clareira
no abrigo de uma cunha de pedra

e acendemos uma pequena fogueira,
trepidando ao falarmos com a noite
mantendo vivos os lampejos
da nossa vontade e confiança

sim, talvez valesse a pena
levar uma boa notícia...
a natureza ainda pulsava
malgrado os membros feridos

(não estávamos perdidos!)
mas não interessava a quem manda,
no fervilhar das mercancias,
que estava morrendo a mãe!

não adiantaram os gritos
a deter as mentes assassinas
e as gentes servis, o vil ouro
não via trégua ou decoro

éramos inermes e piedosos,
sem ganchos na consciência...
queríamos, chegando à saída,
tocar o vasto rio, a vida...

nos deitamos nos catres mirrados
revezando entre nós a vigília...
a floresta estava cheia de sons
mais intensos que nossos respiros

a custo pegamos no sono
agitado por sustos e batidas
confiando em quem lá vigiava
receando serpente e intrigas...

(no sonho, em chamas uma língua
multiplicava por sete as pontas
de fogo e até o ar parecia
queimar como páginas gastas

também não lembrava qual livro
eu aflito estivesse buscando
apartando entre pilhas, invocando
a graça perdida há pouco

dentro da biblioteca do homem
que já crepitava sem nexos,
antes do dano eu buscava
uma via de redenção, obsessa)

quando de repente acordamos
pungidos por farpas de afogo
vimos o guardião de costas
recostado ainda no sono

(mas quanto tempo dormimos?
o que foi que nos capturou?
contudo, nos mantemos atentos,
prontas as mentes e alertas!)

mas em torno só árvores mancas
deserto e horizonte rasgados
o céu sobre nós se fechara
nua a alma como a clareira

caminhamos encurvados e pasmos
como acusados de traído aviso
sem nunca virar as costas
expulsos outra vez do paraíso

até que chegamos à beira
daquilo que era o vasto rio
e ficamos de joelhos numa veia
d'água negra de sangue

mais não se podia mergulhar
nem se batizar de novo
ninguém podia se espelhar
ninguém sabia mais quem era

cada um blablava diferente
era numa outra língua
somente a visão era verdadeira
e choramos muito longamente

como crianças de um tempo...
mas não queríamos debandar!
as lágrimas formaram um rio
que se demorava na enseada.

Era o sétimo dia.

2

despertos no sonho-pesadelo
não se via uma saída...
não havia uma sombra na água
nem de pé, nem deitada

gritamos em estranhos apelos
já desfeitos na boca...
nenhuma resposta do nada
a ofensa estava dentro de nós

podia-se ceder à morte
consumidos na corrente
ramos enegrecidos e leves
já dispersos na mente

no entanto escrutamos em nós
até revermos no fundo
uma ponta cambiante
altiva luz de primavera

quicá esperando num bem
pegamos os sacos de folhas
e seguimos ao longo das bordas
ao encontro de nossa sorte

ali costeamos a margem negra
por um tempo que nunca viu o claro...
a água espelhava no céu
uma carga de morte

(ouviam-se os gritos de dentro
de animais alucinados
sem um rastro de fuga
seus olhos extravasados

e os peixes entre si falando
pulavam mudos da água
que se tornava fervente,
a boca aberta aspirando

uma duas vezes e findas
as forças, não voltavam à tona
enquanto o universo vivente
com o último clamor caía)

parávamos somente
ao avistar uma raiz,
limpando como numa lousa
os males nas costas e do lado

riscando aí com os dedos
nossos convulsos alfabetos
para encontrar sua cicatriz
signo de uma língua comum

— viver — e depois — humanos —
e depois — terra — e — céu —
e por fim — casa — para dizer
o que bastava

assim, uma palavra em cada pausa,
se fortalecia a corda
que nos mantinha andando
como alpinistas sem parede

e agora escrutadores do porvir,
só um instante diante de nós,
a hora dos mínimos acenos
de atos sem cerimônias...

até que com choque no coração
e o respiro suspenso
fomos ao flamejante oceano
da corrupta voz

estrilavam ondas titânicas
como se tivessem lâminas
ainda cruzadas enquanto lutando
gorgolhavam em longa agonia

vomitando os rejeitos de pó
como querendo o mal
expurgar de dentro de si
após a luta campal

fitava-se a cena pungente
por trás de uma duna distante
e a cada retrain-se da onda
crescia uma barreira cinzenta

escombros de coisas, informe aflição,
e portões e carcaças animais
e ossos talvez, restos humanos
ou roupas aqui e acolá, nó, farrapos

era um quadro de apocalipse
sem portos de certeza
até a tralha ao longo da margem
era um monte de sobras da ceia

nenhum sinal de madeira e pregos

nos entregamos exaustos à areia,
como a um berço ou a uma fossa
olhando para a abóbada celeste
que parecia quase enternecida

e ouvimos numa ressaca,
da outra encosta da duna,
vozes para as quais nos lançamos
como a uma fonte, sedentos,

tendo escapado do fogo da selva
uma pequena tropa, uma tribo
maravilhada e mansa na frente
estava aberta aos nossos braços

o céu debruçado sobre nós
e falava-se sem a palavra
estava-se no fim da história
ou então num novo incerto começo

nada mais se sabia do velho mundo
se uma viveza restara
ou apenas rastros de cidades de lama
e a memória dos abandonados

(alguns haviam se salvado?
e vagavam entre os destroços
afastando-os com mãos trementes
tocando os dedos dos aterrados?)

tesos, negros, as unhas quebradas
havam eles buscado a luz
e furado o limiar da vida
enquanto seu pranto minguava

ou numa jangada improvisada
deslizavam em águas fumantes
com o corpo torcido como feto
para as fauces vermelhas do mar?)

escolhemos com cuidado um outeiro
e ali erigimos uma frágil choupana
ombro a ombro ficamos nas pausas
para sustentar nossa fadiga

quem olhava o oceano insano
quem a desalentadora floresta
onde o evento era o animal
que de lá saía esgueirando-se espavorido

derreteu-se a cera do rosto
o choque de ainda estar vivo
tirara toda máscara ou véu
de sangue e suor

viámos agora, além das sendas do céu
e além da interminada barreira,
aparecer uma folha variegada
e depois asas de aves jamais vistas

mas não se via mais o sol
desde o primeiro despertar desolado
e mais não se via a lua
perdidos num limbo esvaziado

havia pouca luz apenas
quase renascendo da terra
um alvor estável e perene
a luz logo antes da aurora

como acumulada sob camadas
de destruição e ora ressurgindo
para orientar o sobrevivente
e acalmar seu afogo

não vale nada mesmo a promessa
— nunca mais — depois da guerra
após holocaustos e todas as falsas apostas,
lutos horrendos de humanos horrendos

nenhuma blasfêmia flagela mais
do que a violação da vida
e tudo é sempre separação
do que não resta e não se apaga

conversos de novo à natureza,
mãe, perante a ti a vergonha,
aguardando a calma e a sutura
entre picota e oração repetíamos

as palavras esquecidas
— irmãos! —
— criaturas! —
— perdão! —

antes de retomar o caminho
em busca de rostos e alfabetos,
nós, corpos sem pesos e amuletos
mais uma vez em utopia

nós, os doze

Nota

Enquanto escrevo esta nota, leio os últimos dados de junho e do primeiro semestre deste ano: a devastação na Amazônia aumentou 25% em relação ao mesmo período do ano passado (3.069,57 km²: um terço do território das Marcas, região italiana).

A floresta queima. São centenas os indígenas mortos de coronavírus e vários milhares de contagiados.

“Estimamos que exista um concreto risco de genocídio para os Povos Indígenas”, declarou um advogado, representando a Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil).

Na mesma hora, fico sabendo que queimam vastas áreas da Sibéria! Mais comuns mas não menos trágicos, os incêndios que sufocam as Filipinas e arredores. A Califórnia, a Europa, a Itália...

O incêndio que devastou a Austrália contou, entre outras mortes, três bilhões de animais mortos: se foi documentado o rápido avanço dos incêndios e o estalido ensurdecedor das florestas, não podemos dizer o mesmo do fugir alucinado, do grito sufocado deles. E que no Polo Ártico a temperatura é de 40°: as lajes de gelo, como quartos desprezados da grande casa comum, vagueiam na água: um pequeno grupo de morsas (talvez uma família) tenta subir numa jangada mais sólida, enquanto uma fêmea amamenta o filhote numa outra, sem cuidar das bordas que se desmancham à vista...

Primeiro a vida, depois a morte. Segundo a ordem dos vivos (por certo não os que dão a vida para dar a morte).

14 de julho de 2020

L'uscita (Sogno, incubo, doppio sogno)

A tutti quelli che si battono per la
salvezza del Pianeta

*Un'immagine è come un appello
a fare qualcosa...*
Sebastião Salgado

(Un'immagine fatta con le parole è come un appello
a fare qualcosa...)

(sogno)

ero coi miei fratelli più cari
sul sentiero della foresta
per attraversare il suo corpo
e misurarne respiro e vista

finché, approssimandosi il buio
tra le chiome ora brune degli alberi
ci fermammo in una radura
al riparo di un cugno di pietra

e accendemmo un piccolo fuoco,
trepidanti nel parlare alla notte
e mantenere vivi i bagliori
della nostra volontà e fiducia

sì, forse valeva la pena
riportare una buona notizia...
la natura ancora pulsava
malgrado gli arti feriti

(non eravamo finiti!)
ma non interessava ai potenti,
nel brulichio delle merci,
che stava morendo la madre!

i gridi non erano serviti
a fermare le menti assassine
e le genti servili, il vile oro
non vedeva sosta o decoro

eravamo inermi e pietosi,
senza ganci nella coscienza...
volevamo, raggiunta l'uscita,
toccare il gran fiume, la vita...

ci allungammo sui magri giacigli
disponendo a turno una veglia...
la foresta era piena di suoni
più intensi dei nostri respiri

prendemmo il sonno a fatica
agitato da scatti e farugli
fidando in chi era di guardia
temendo il serpente e i garbugli...

(nel sogno, in fiamme una lingua
moltiplicava per sette le punte
di fuoco e anche l'aria sembrava
bruciare come pagine consunte

né ricordavo quale libro
stessi cercando in affanno
scansando tra pile, invocando
la grazia di un attimo prima

dentro la biblioteca dell'uomo
che già crepitava sconnessa,
prima del danno cercavo
la chiave d'ossessa salvezza)

quando ci destammo di colpo
trafitti da una scheggia d'angoscia
scorgemmo il guardiano di spalle
reclino ancora nel sonno

(ma quanto abbiamo dormito?
quale cattura ci ha preso?
eppure eravamo coscienti
pronte le menti all'allerta!)

ma intorno solo alberi monchi
un deserto e un rotto orizzonte
il cielo s'era chiuso sopra di noi
nell'anima nudi come la radura

ci muovemmo incurvati e sgomenti
come accusati di tradito avviso
senza mai voltare le spalle
cacciati ancora dal paradiso

finché giungemmo alla riva
di quello che era il gran fiume
e ci inginocchiammo a una vena
d'acqua nera di sangue

non potevamo più immergerci
né battezzarci di nuovo
nessuno poteva specchiarsi
né più sapeva chi era

ciascuno blablava diverso
era in un'altra lingua
solo la vista era vera
e a lungo piangemmo a dirotto

come bambini di un tempo...
ma non volevamo disperderci!
le lacrime formarono un rivo
che indugiava nell'ansa.

Era il settimo giorno.

svegli nell'incubo-sogno
non vedevamo un'uscita...
non c'era un'ombra nell'acqua
né in piedi né stesa

gridammo in strani richiami
dissolti già nella bocca...
nessuna risposta dal nulla
l'offesa era dentro di noi

potevamo lasciarci morire
consumati nella corrente
rami anneriti e leggeri
dispersi già nella mente

invece scrutammo in noi
finché rivedemmo nel fondo
una punta trascolorante
fiera luce di primavera

forse sperando in un bene
prendemmo i sacchi di foglie
e ci avviammo lungo le soglie
per affrontare la nostra sorte

costeggiammo quel margine nero
per un tempo che mai vide il chiaro...
l'acqua specchiava in cielo
un carico di morte

(sentivamo i gridi di dentro
degli animali impazziti
senza una scia di fuga
i loro occhi fuoriusciti

e i pesci tra loro parlanti
guizzavano muti dall'acqua
che diventava bollente,
a bocche aperte aspiranti

una due volte poi spente
le forze, non riemergevano
mentre l'universo vivente
con l'ultimo clamore cadeva)

ci fermavamo soltanto
alla vista di una radice,
pulendo come una lavagna
i mali addosso e accanto

vi solcavamo poi con le dita
i nostri convulsi alfabeti
per trovarne la cicatrice
segno d'una comune lingua

— vivere — e poi — umani —
e poi — terra — e — cielo —
e infine — casa — per dire
ciò che bastava

così, una parola a sosta,
si rafforzava la corda
che ci teneva al cammino
come scalatori senza parete

e ora scrutatori d'avvenire
di un fiato avanti a noi,
l'ora dei minimi cenni
di atti senza cerimonie...

finché con un urto al cuore
e sospeso il respiro
fummo al fiammeggiante oceano
dalla corrotta voce

stridevano le onde titane
come contenessero lame
ancora incrociate mentre arenanti
gorgogliavano in lunga agonia

vomitando i rifiuti di polvere
come volessero il male
spurgare da dentro se stesse
dopo l'agone campale

guardavamo la scena straziante
da dietro una duna distante
e a ogni ritrarsi dell'onda
cresceva una grigia barriera

rottami di robe, informe gravezza,
e cancelli e carcasse animali
e forse ossa di resti umani
o vesti qua e là, nodi, brandelli

era un quadro d'apocalisse
senza approdi di certezza
anche il ciarpame lungo la riva
era un monte d'avanzi di cena

nessuna traccia di legni e di chiodi

ci affidammo sfiniti alla rena
come a una culla o a una fossa
e guardavamo la volta celeste
che appariva appena commossa

e ascoltammo in una risacca,
dall'altro versante della duna,
voci verso cui ci lanciammo
come assetati a una fonte

scampata al fuoco della giungla
una minuta schiera, una tribù
meravigliata e mite a noi di fronte
era alle nostre braccia aperte

il cielo era chino su di noi
e parlavamo senza la parola
eravamo alla fine della storia
oppure a un nuovo incerto inizio

più non sapevamo del vecchio mondo
se una vivezza era rimasta
o solo tracce di città di fango
e il pensiero degli abbandonati

(si erano alcuni salvati?
e vagavano tra le macerie
spostandole con mani tremanti
toccando le dita dei sotterrati?)

tese, nere, le unghie spezzate
avevano loro cercato la luce
e bucato la soglia vitale
mentre scemava il loro lamento

o su una zattera di fortuna
scivolavano su acque fumanti
con il corpo in torciglia fetale
verso le rosse fauci del mare?)

scegliemmo con cura un'altura
e vi erigemmo un fragile capanno
nelle soste eravamo spalla a spalla
per sorreggere la nostra fatica

chi guardando l'impazzito oceano
chi la sconsolante foresta
dove l'evento era l'animale
che ne usciva sgusciante e spaurito

era sciolta la cera del viso
lo choc del vivere ancora
aveva tolto ogni maschera o velo
di sangue e di sudore

ora vedevamo, oltre le cupe del cielo
e oltre l'interminata barriera,
prima apparire una screziata foglia
poi le ali di mai visti uccelli

ma non vedevamo più il sole
dal primo desolato risveglio
e più non vedevamo la luna
persi in un vuotato limbo

c'era solo un basso chiarore
quasi rinascente dalla terra
un albore stabile e perenne
la luce appena prima dell'alba

come accumulata sotto strati
di distruzione e ora risorgente
per orientare il sopravvivate
e quietarne l'angoscia

non vale proprio niente la promessa
– mai più – dopo la guerra
dopo olocausti e ogni falsa scommessa,
orrendi lutti d'umani orrendi

nessuna bestemmia più flagella
della violazione della vita
e tutto è sempre separazione
di ciò che non resta e non si cancella

conversi di nuovo alla natura,
madre per cui si è nella vergogna,
aspettando la quiete e la sutura
tra gogna e preghiera ripetevamo

le parole dimenticate
– fratelli! –
– creature! –
– perdono! –

prima di riprendere la via
in cerca di volti e alfabeti,
noi, corpi senza pesi e amuleti
ancora una volta in utopia

noi, i dodici

Nota

Mentre scrivo questa nota, leggo gli ultimi dati di giugno e del primo semestre di quest'anno: la devastazione in Amazzonia è aumentata del 25% rispetto allo stesso periodo dello scorso anno (3.069,57 km. quadrati: 1/3 del territorio delle Marche, regione italiana).

La foresta brucia. Centinaia gli indigeni morti per Coronavirus e svariate migliaia di contagiati.

“Riteniamo che esista un concreto rischio di genocidio delle popolazioni indigene”, ha dichiarato un avvocato, in rappresentanza di Apib (Articolazione dei popoli indigeni in Brasile).

Nelle stesse ore, apprendo che bruciano vaste aree della Siberia! Più usuali ma non meno tragici, gli incendi che soffocano le Filippine e dintorni. La California, l'Europa, l'Italia...

Quello che ha devastato l'Australia ha contato, tra le altre, le morti di tre miliardi di animali: se è stato documentato il veloce avanzamento degli incendi e l'assordante crepitio delle foreste, non si può dire altrettanto del loro fuggire allucinato, del loro grido soffocato.

E che al Polo Artico la temperatura è a 40°: le lastre di ghiaccio, come stanze staccatesi dalla grande casa comune, vagano nell'acqua: una piccola compagnia di trichechi (forse una famiglia) cerca di salire su una zattera più solida, mentre una loro femmina allatta il cucciolo su un'altra, più piccola, incurante dei bordi che vanno sfilacciandosi a vista...

Prima la vita, poi la morte. Secondo l'ordine dei venti (certo non quelli che danno la vita per dare la morte).

14 luglio 2020

Fabio Pusterla
(Mendrisio, 1957)
Poeta, tradutor e professor



Jogo antigo ou fragmento de utopia

Aquele que espiona e que agarra
cheira seu triunfo. Todos ou quase
fechou numa barreira e só espreita
sorrateiro a última presa que escapa
talvez tremante lá no meio
e perdida. Anda suave por aí
com olho de vespa e de drone
aguarda no ponto certo
de si e dos outros
dono.

Mas de um barranco irrompe
às suas costas involuntário o herói
coração na garganta e esperança
meia-luz silvestre e mão estendida
para a árvore de casca áspera
para a toca do mundo onde gritar
com toda força a voz
o *todos salvos* feliz
que liberta do pesadelo,
a frágil utopia que não termina.



Antico gioco o frammento di utopia

Quello che spia, quello che ghermisce
annusa il suo trionfo. Tutti o quasi
ha chiuso nello sbarro e solo scruta
subdolo l'ultima preda fuggiasca
forse tremante nel folto
e smarrita. Si aggira felpato
con occhio di vespa e di drone
attende al varco certo
di sé e degli altri
padrone.

Ma da una forra erompe
alle sue spalle involontario l'eroe
cuore in gola e speranza
semiluce boschiva e mano tesa
verso l'albero d'aspra scorza
verso la tana del mondo dove urlare
con tutta la forza la voce
il *salvi tutti* gioioso
che libera dall'incubo,
la fragile utopia che non finisce.

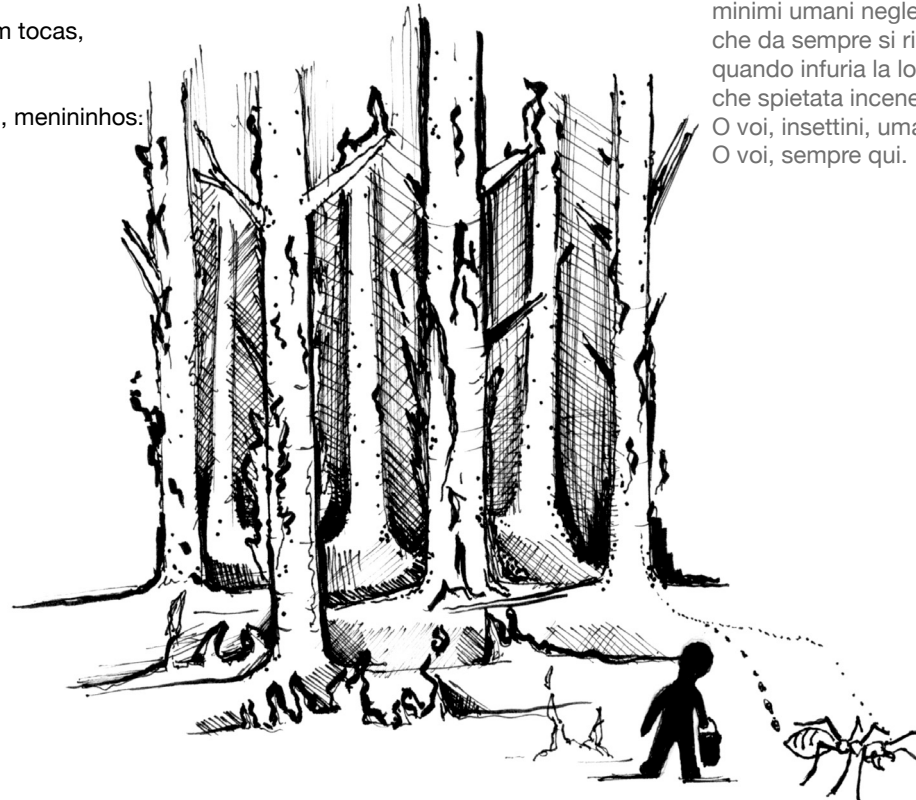
Insetinhos, humaninhos, menininhos

para Prisca

Queimam as florestas
(viveram os bosques, um dia):
Então você escreve de animais mortos,
corpos carbonizados e formigas
que vão comoventes em longa fila
rumo a sua forma silenciosa de perfeição
a nós desconhecida.

Formigas, última esperança dos insetos,
dos mínimos, mínimos insetinhos,
mínimos humanos esquecidos,
que desde sempre se abrigam em tocas,
quando irrompe a luta,
que impiedosa incinera.

Ó vocês, insetinhos, humaninhos, menininhos:
Ó vocês, sempre aqui!



Insettini, umanini, bambini

a Prisca

Bruciano le foreste
(vissero i boschi un dì):
tu scrivi intanto di animali morti,
corpi carbonizzati e formiche
che vanno commoventi in lunga fila
verso una loro forma silenziosa di perfezione
a noi ignota.

Formiche, ultima speme degli insetti,
nei minimi, minimi insettini,
minimi umani negletti,
che da sempre si riparano in tane,
quando infuria la lotta,
che spietata incenerisce.

O voi, insettini, umanini, bambini.
O voi, sempre qui.

Explode um anônimo lamaçal

Explode um anônimo lamaçal
os delatores levantam as mãos estendidas
novos gritos arengam novas gangues
(cauto trama nas sombras o poder cauto rosna
os lucros atentamente avalia)
servos vulgares seguram microfones noticiários
cartas abertas fechadas invejas ameaças
pesquisas barulhentas beatificações

só escutemos pessoas que saibam calar
vozes que apurem preservando palavras
sussurros do ar noturno
olhares e leves
mutações de hastes e de flores
escolhamos o silêncio
como um exílio imposto um território
vastíssimo para explorar

uma aventura pra nos encontrarmos
uma rebelião uma espera

Scoppia un anonimo fango

Scoppia un anonimo fango
alzano i delatori mani tese
nuove grida arringano nuove squadracce
(cauto cova nell'ombra il potere cauto ringhia
i proventi attentamente soppesa)
servi sguaiati reggono microfoni notiziari
lettere aperte chiuse invidie minacce
sondaggi fragorose beatificazioni

ascoltiamo solo persone che sanno tacere
voci che affinano preservando parole
sussurri dell'aria notturna
sguardi e lievi
mutamenti di steli e di fiori
scegliamo il silenzio
come un esilio imposto un territorio
vastissimo da esplorare

un'avventura in cui incontrarci
una ribellione un'attesa

(de *Cenere o terra*, Marcos y Marcos, 2018)

“o que me preocupa é a possibilidade de uma verdadeira mutação antropológica”

Donatella Di Pietrantonio

(Arsita, 1963)
Escritora e dentista



Passei a quarentena em Penne, no Abruzzo, na Itália Central, uma cidade de 12 mil habitantes, nas colinas, com um panorama muito bonito, muito verde. Com vista para as montanhas, para os Apeninos e para o mar Adriático. O que me chocou muito é que nós, em uma comunidade de poucos milhares de pessoas (em que todos se conhecem, todos se encontram naqueles espaços abertos de convivência, que são a praça, a rua, o pátio, e se entende imediatamente, até por um simples cumprimento, como está o outro), perdendo essa dimensão de encontro ao ar livre, também perdemos de vista os mais frágeis, os mais fracos, e perdemos alguns, não pelo coronavírus, mas até por motivos muito banais, um aquecedor defeituoso, um remédio errado, que morreram, na

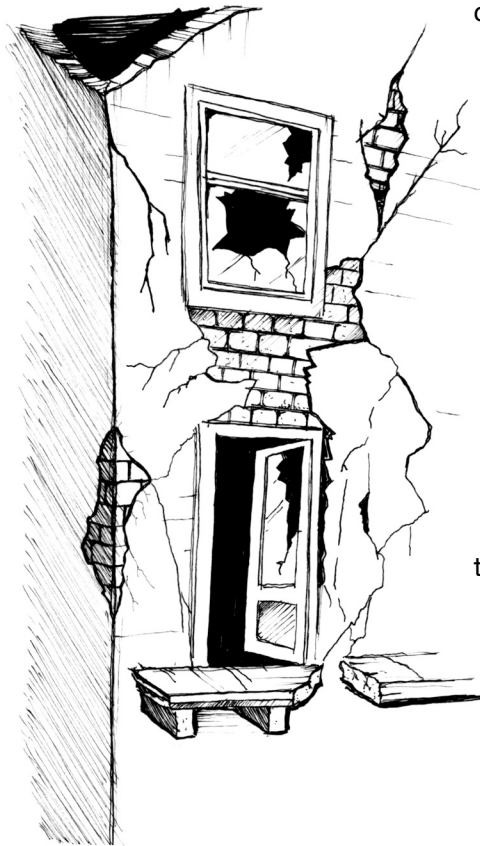
realidade, de solidão. O que me preocupa, até para o futuro, é se esse contágio vier a ter um segundo, um terceiro surto, ou se existirem outras pandemias no futuro, o que me preocupa é a possibilidade de uma verdadeira mutação antropológica, uma mutação nas formas com que as relações humanas são vividas, para um povo como os italianos, por exemplo, um povo mediterrâneo, habituado a viver e a manifestar, mesmo as relações de amizade, de um modo muito corporal, tátil, o abraço, o beijo. Temo que se realmente tivermos que nos habituar, por necessidade, por longo prazo, a reprimir o nosso impulso mesmo físico na relação com o outro, temo mesmo que perderemos uma parte importante da nossa identidade.

Minha linda

(um fragmento)

Eu já estava com medo, na noite de 5 de abril. Minha mãe o sentia pelo telefone, disse: vem dormir aqui, no campo. Então, fui eu que perguntei se ela estava assustada, jogando com o equívoco. Não, ela não, até o momento em que lhe tirou a filha, estava disposta a inserir o longo terremoto no catálogo das muitas adversidades datáveis de sua vida, como a neve de 1956, que os deixara sem pão, ou a pneumonia de 1982, que não passava nunca. O terremoto também não sarava, era uma epilepsia profunda da terra insurgida repentinamente e não acabava mais. Abaixo de nós, as convulsões repetiam-se há meses, sem um esquema, uma regularidade, ora mais intensas, ora mal perceptíveis, segundo uma sequência desordenada e extenuante. Às vezes, uma pausa mais demorada após um abalo nos iludia até a seguinte, mais forte que a última.

De noite, escutava o leve atrito das unhas



contra os lençóis a cada respiro e uma espécie de lamento na espessura das paredes, fraco e esporádico. Custava a pegar no sono na minha casa habitada por tensões invisíveis, rangidos, súbitos esfarelamentos por entre os tijolos das abóbadas em cruz. Certas manhãs, encontrava aqui e ali, no chão, pequenos acúmulos de poeira grossa caída de cima, antes de limpar, pegava-a nos dedos e levantava o olhar para comparar sua cor com a da argamassa, lá no alto. Teriam me bastado duas horas de descanso por dia da angústia serpenteante, uma breve pausa livre em que nada podia acontecer. No entanto, o enxame atingia a esmo, e, quando queria suspender meu contínuo estado de alerta, eu descia nas tardes já primaveris até o Parque do Sol para cochilar apoiada de costas no tronco de uma árvore. Sentada em cima do titã prisioneiro das camadas geológicas, aguardava que vibrasse, curiosa e segura por um tempo no sossego rarefeito. Isso nunca aconteceu, enquanto eu estava lá. O gigante ansioso também dormia.

(de *Bella mia*, Einaudi, 2014)

Vivian Lamarque
(pseudônimo de Vivian Daisy Do-
nata Provera Pellegrinelli Comba)

(Tesero, 1946)
Poeta e escritora



Ciranda do cair e levantar

Estava tão limpo o céu todo em volta
que estranho diziam dos ramos
é mais leve o ar e o ninho menos escuro.

Mas debaixo caíam velinhos como folhas
um deles por vergonha suas amarelas escondia
as pintava de verde e as prendia forte na rama
como meninas medrosas numa grande palma

Ó infância nossa e do mundo, se caíamos,
um curativo e um beijo e já nos levantávamos.
As palavras eram novas, se beijavam consoantes,
era o tempo anterior, o tempo de ouro do Antes.
(*caminhávamos, caminharemos, nos levantaremos*).



Filastrocca del cadere e rialzarsi

Era così pulito il cielo tutt'intorno
che strano dicevano dai rami
è più leggera l'aria e il nido meno nero.

Ma sotto cadevano vecchini come foglie
uno le sue gialle per vergogna nascondeva
le tingeva di verde e le legava strette al ramo
come bambine paurose a una grande mano.

O infanzia nostra e del mondo, se cadevamo,
un cerotto e un bacio e via ci rialzavamo.
Le parole erano nuove, si baciavano in rima,
era il primo tempo, il tempo d'oro del Prima.
(*camminavamo, cammineremo, ci rialzeremo*)

“Não quero esquecer que...”

Paolo Giordano

(Torino, 1982)
Escritor e físico



Estamos procurando as linhas de transmissão invisíveis da doença, mas há outras linhas de transmissão ainda mais elusivas que levaram a situação a ser o que é no mundo e aqui na Itália. Temos de procurar também por elas. Por isso, estou compilando uma lista de tudo aquilo que gostaria de não esquecer. Ela cresce um pouco a cada dia, e creio que cada um deveria ter a sua, para que, quando voltar a calma, possamos pegá-las e compará-las, ver se temos itens em comum, se será possível fazer algo a respeito. Não quero me esquecer da obediência às regras que vi ao meu redor, nem da minha surpresa ao vê-las. Mas também quero me esquecer de todas as vezes que, nas primeiras semanas e diante das tímidas medidas iniciais, ouvi repetir “você estão loucos”. Anos de deslegitimação de toda competência produziram uma desconfiança instintiva e difundida que se materializava, por fim, nestas três palavras: “você estão loucos”. Uma desconfiança que levou a atrasos, que causou vítimas. Não quero

esquecer que até o final não desmarquei nenhuma passagem aérea, mesmo quando estava claro que pegar o voo teria ido além de qualquer raciocínio lógico, e só porque eu desejava viajar. Não quero me esquecer da informação volúvel, contraditória, sensacionalista, emocional e aproximada que acompanhou o desdobramento

inicial do contágio. Não quero me esquecer de quando, de repente, acabou o falatório político. E foi como se meus ouvidos desentupissem após ter descido do avião que não havia pego. Não quero me esquecer de como a emergência nos fez negligenciar, em um instante, que somos uma multidão heterogênea com

necessidades e problemas diferentes. Não quero esquecer que a origem da pandemia não está em um experimento militar secreto, mas na nossa relação comprometida com o meio ambiente e a natureza. Não quero esquecer que a pandemia nos encontrou em boa parte tecnicamente despreparados e cientificamente desprevenidos. Não quero esquecer que não fui heroico, nem estável, nem previdente ao manter junta a minha família. Que, quando foi preciso, não soube levantar o astral de mais ninguém, tampouco o meu.

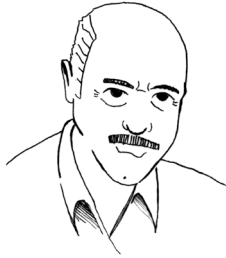


“A consciência de uma ferida coletiva”

Eraldo Affinati

(Roma, 1956)

Escritor e professor



A interrupção causada pelo coronavírus de quase todas as atividades produtivas, econômicas, não só da Itália, mas de grande parte do mundo, não pode deixar de ter causado um ponto de ruptura, de passagem na consciência coletiva. Eu falo principalmente dos jovens, da rapaziada que conheço bastante, sendo professor de Letras que nos últimos anos se dedicou muito ao ensino do italiano aos imigrantes. Eu vi, sobretudo nos adolescentes italianos, essa consciência de viver uma experiência extrema, traumática em certo sentido.

Vivo em Roma e nunca tinha visto Roma assim tão espectral, tão fechada, tão abandonada, deserta, a ponto de ser o verdadeiro deserto; as ruas pareciam ter se tornado um set de um filme de ficção científica. Eu pensava quase em 1975, *A última esperança da terra*, esse antigo filme de ficção científica, com Charlton Heston, que dirige em uma Los Angeles desolada, pensava também em certos filmes de Antonioni. Revi o bairro EUR, como talvez só tenha visto no cinema em alguns filmes, o Coliseu, que normalmente está invadido por turistas, de repente, parecia o monolito de Kubrick, em *2001 — Uma odisseia no espaço*. Certamente foi uma experiência forte, meu pensamento ia principalmente para os últimos dos últimos, aquele mendigo que me lembro

que ficava na frente da minha casa, abandonado por todos, mas muitos lhe davam o que comer, e ele tinha laranjas, as descascava, como se fosse um orangotango humano, depois deixava tudo ali no chão. Aquele sem-teto parecia realmente um orangotango na jaula, de quem ninguém queria se aproximar, ao qual muitos davam de comer. Houve também um patriotismo que vinha de baixo, uma espécie de solidariedade que levava as pessoas a colocar a bandeira tricolor nas sacadas, e também muitas famílias que deixavam comida na frente de casa, grátis, para quem pudesse aproveitar. Pão, massa, tomates. Devo dizer que me agradou essa solidariedade que surgiu. A consciência de uma ferida coletiva e, portanto, a transformação do antigo ditado que os latinos tinham nos transmitido: “*Mors tua, vita mea*”, em uma espécie de oposto: “*Vita tua, vita mea*”. Por que isso? Porque não basta colocar a máscara, digamos, como proteção, no sentido de que você a coloca e, se protegendo, protege também os outros. Esse sentimento de corralidade coletiva me agradou. O sentimento de realmente não ser possível se salvar sozinho, de estarmos todos no mesmo barco, prestes a nos afogarmos, uma condição de afundar, uma condição humana. Uma condição humana que foi de alguma forma exacerbada, tornada ainda

mais visível por essa epidemia. É verdade, estamos todos à beira de um precipício. A grande literatura, a verdadeira grande escrita sempre disse isso, porém, nesse momento, nós o vivemos. E eu, digamos, na minha atividade de professor e escritor, nesse momento, estou também elaborando um pouco essa condição.

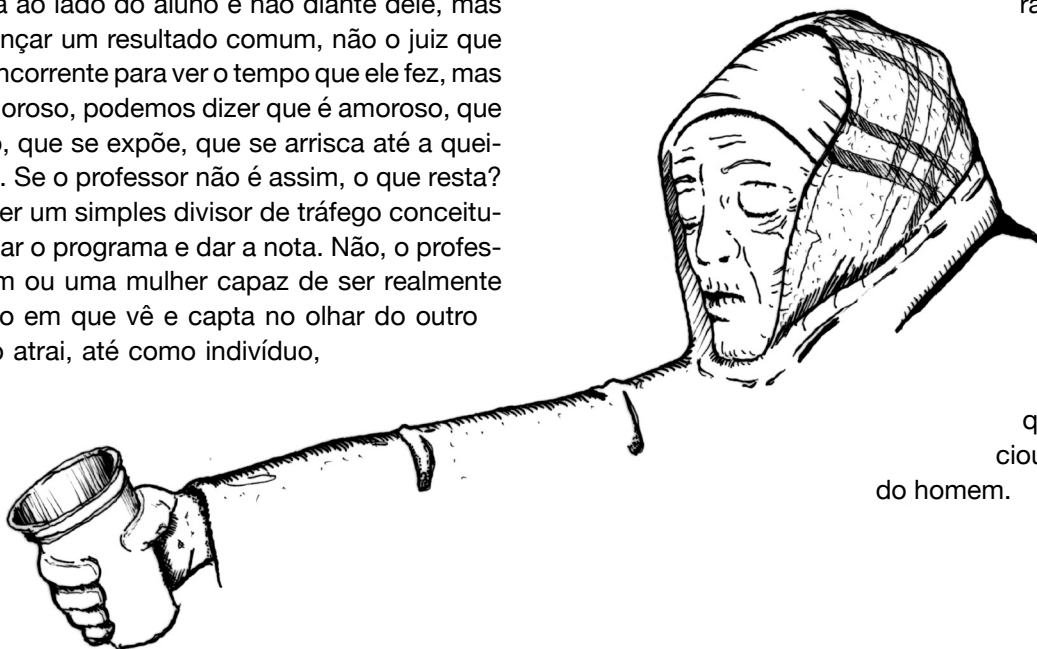
Eu e minha mulher, Anna Luce Lenzi, fundamos uma escola de italiano para imigrados que se chama Penny Wirton. Nós a fundamos a partir de um livro de Silvio D'Arzo, intitulado *Penny Wirton e sua madre* [Penny Wirton e sua mãe]. Silvio D'Arzo, que era o pseudônimo de um grande escritor italiano, Ezio Comparoni, nascido na Reggio Emilia em 1920 e morto com só 32 anos na mesma cidade, autor de alguns livros extraordinários, como *Casa d'altri* [Casa de outros], autor também de *Penny Wirton e sua madre*, justamente por ele quisemos chamar essa escola de italiano para imigrados baseada na relação pessoal um a um entre quem ensina e quem aprende. Os nossos Penny Wirton de hoje são os imigrados, que vêm para a Itália provenientes de todo o mundo, da África, do mundo eslavo, do Afeganistão, de Bangladesh, e nós lhes ensinamos italiano. Isso agora alcança muitas cidades italianas, há cerca de 50 Penny Wirton em toda a Itália. Também escrevemos um livro de formação, digamos, um manual de aprendizado do italiano, *Italiani anche noi* [Nós também italianos], publicado pela Editora Erickson, e o usamos por muitos anos como instrumento didático principal, essencial. De repente, por causa dessa epidemia, a atividade frontal, de ensino frontal, direto, um a um, foi necessariamente interrompida, foi preciso interromper, mas nós continuamos com a didática à distância, telefonando a esses nossos

amigos imigrados. Aliás, também tivemos nos anos passados muitos brasileiros que vieram até nós. Aproveito este vídeo que estou fazendo para uma universidade brasileira para cumprimentá-los idealmente. Precisamos interromper, eu dizia, essas nossas aulas, mas telefonamos, por whatsapp, skype, todos os modos, plataformas digitais, simples chamadas de vídeo com o celular, como estou fazendo nesta comunicação. Devo dizer que os rapazes responderam bem, porque, imaginem um menor não acompanhado, Mohamed, Kalik, Omar que deve viver em um quarto fechado, com o cartaz do Cristiano Ronaldo pregado na parede, na solidão da sua adolescência. Imaginem esses garotos, como podem ter vivido esse cativo, certamente para eles não foi simples, como não o foi para nós, então, receber o telefonema de um voluntário, sentir que ele se interessa por você, esse elemento anima todos, muda tudo, no sentido que muda o adulto que está telefonando, muda o jovem que está recebendo a chamada, ou a jovem, porque temos também muitas mulheres nigerianas com crianças que vinham e agora estão em casas para famílias.

A Penny Wirton precisou se reposicionar um pouco, por assim dizer, mas eu também vejo junto com o drama dessa exclusão social um grande movimento positivo, também vejo, como dizia antes, emergir uma solidariedade, uma força de resistência humana, importante, na qual devemos trabalhar como educadores quando retomarmos, esperemos que seja logo, no outono, a verdadeira escola, aquela do contato direto, da relação humana, a escola verdadeira, que nós professores sabemos ser a única verdadeira forma de intensificação da vida, isto é, a escola não deve ser um

espaço separado da vida, mas deveria ser justamente a sua intensificação. Portanto, você não vai à escola, mas neste caso é a escola que vai à sua casa.

Então, como dizer, as engrenagens descobertas, não mais a avaliação que o professor deve fazer, quase manipulando as cartas, como diria dom Lorenzo Milani, a quem talvez vocês saibam que sou muito ligado, escrevi dois livros sobre ele, mas, digamos, a avaliação entendida como relação humana e, portanto, guia. O professor que se coloca ao lado do aluno e não diante dele, mas junto com ele para alcançar um resultado comum, não o juiz que espera na chegada o concorrente para ver o tempo que ele fez, mas exatamente um guia amoroso, podemos dizer que é amoroso, que entra realmente no jogo, que se expõe, que se arrisca até a queimar um pouco as mãos. Se o professor não é assim, o que resta? O professor não pode ser um simples divisor de tráfico conceitual, que se limita a explicar o programa e dar a nota. Não, o professor deve ser um homem ou uma mulher capaz de ser realmente ele mesmo no momento em que vê e capta no olhar do outro algo de profundo que o atrai, até como indivíduo, pessoalmente. Desde o início, também da minha atividade literária, tive essa certeza. De fato, meu primeiro livro se intitula *Veglia d'armi* [Vigília de



armas], um livro dedicado a Liev Tolstói, talvez o maior escritor professor da época moderna. Mas eu sempre concebi a literatura desse modo. A literatura, para mim, é vida potenciada, por assim dizer, é vida mais vida. Digo isso porque agora estou falando também pensando no Brasil. Se leio o *Grande Sertão* de Guimarães Rosa, não é que leio só um destino individual, eu leio uma história coletiva, mesmo que fale de uma só pessoa, mesmo que fale des-

se pequeno Diadorim, desse rapazinho, mas, na verdade, esse romance, um grande romance conta uma história que envolve todos nós. As raízes de um homem não são só dele, tocar essas raízes é fazer vibrar toda a vegetação ao redor. Isso é a verdadeira literatura. Então, digamos, que essa epidemia evidenciou uma condição universal do homem.

Fora da louca classe

Via dalla pazza classe [Fora da louca classe], no fundo, e com o subtítulo *Educare per vivere* [Educar para viver] a que se refere? É a história da Penny Wirton, como surgiu essa invenção, digamos assim, de escola, de pedagogia um pouco diferente em relação às outras. Mas é também a minha história, autobiográfica, como frequentemente me acontece de fazer. O pequeno Eraldo que não ia bem na escola, aliás, que ia bem só na escrita, e que vivia a classe de um modo até aborrecido.

Nesse livro se entrelaça uma história individual, mas também uma tentativa de reagir à condição difícil que vivi. Por isso muitos dos meus livros são voltados para aqueles que vão mal, como *Elogio del ripetente* [Elogio do repetente]. *Elogio do repetente*, que tenta recuperar aquele que não está ouvindo, aquele que escuta educado tomando notas. Esse não é o verdadeiro aluno, o verdadeiro aluno é aquele que te desafia, que também te coloca um pouco à prova. Essa é a razão pela qual intitulei um dos capítulos que quero ler, o primeiro, de *Via dalla pazza classe*, “Il mestiere dei fiaschi” [A profissão dos fracassos]. A profissão dos fracassos é a profissão do professor, parece um gracejo, fracassar é uma derrota, é sermos derrotados. A profissão dos fracassos é uma definição de dom Lorenzo Milani, eu a retomei e o professor tem uma profissão destinada à derrota. Exatamente por isso a sua profissão talvez seja a mais bela do mundo.

Fragmento I

O professor parte o pão da instrução. Dá as cartas: enquanto o faz, mantém os olhos fixos em quem as recebe. Distribui os papéis. Não guarda nada para si. É uma tigela sem fundo. O mármore a ser extraído. Uma flor entre as páginas. Fica sempre em equilíbrio entre pergunta e resposta. Arrisca-se muito, porque sua profissão, como escreveu o prior Barbiana, é a dos fracassos. Quando cai, se levanta e recomeça. Mira no alto. Continua a levantar a barra. Primeiro oferece a todos as máscaras, a boa e a má, depois as tira do rosto, uma por uma. Desenha e apaga. Esculpe e destrói. Experimenta as vozes. Evoca os fantasmas. Explora o passado. Compõe o futuro. Reúne. Guia e escuta. É presente e ausente. Está ao lado e na frente do aluno. Mostra as próprias fragilidades. Não se envergonha de errar. Sente que o terreno treme sob seus pés e, no entanto, aceita o desafio. É o mestre dos limites, o bruxo das competências, o mago das convenções, o especialista em artifícios, mas não deixa que seu caminho seja bloqueado pelo programa. Anima o Grande Jogo. Edifica a casa comum. Queima os andaimes. Desvela os truques. Mostra os atalhos, mas conduz pela estrada principal. Conhece os simulacros da sabedoria. Confia suas palavras ao vento. Fala em nome do pai e sofre em seu lugar. Está a serviço dos mortos, porque ama os vivos. Enquanto te enfrenta, se confessa. Habita um lugar verbal, mas evita pagar aluguel, como se suas palavras fossem instrumentais: quer se tornar o legítimo proprietário da experiência da qual emana o que diz. Nisso é igual ao escritor: só os rapazes sabem, mesmo que não sejam capazes de expressá-lo. Presenteia a muitos a atenção que recebeu de poucos. Intercepta a energia de alguns e a orienta para outros. Quando explica, descobre as engrenagens. Segura as lâgrimas. Proclama a História. Foge do carisma. Ama as diferenças. Aceita a controvérsia. Certifica os valores exibidos, mas vai em busca daqueles ocultos. Desde o início sabe que, de um modo ou de outro, está destinado a desaparecer.

Fragmento II

Demos de presente um violão para Kamara, o garoto das pedras ensanguentadas. Das cicatrizes como desenhos errados. Dos pensamentos em pedaços. Dos pregos espalhados na areia. Dos caminhões capotados na duna. Das barcas com as malhas enroladas em meio aos Adidas. Dos barracões esburacados na Apúlia. Dos papelões estendidos no chão, nos cantos da Estação Termini. Agora ele está buscando um acorde para tocar a canção das aldeias bombardeadas. Invocando as noites insones passadas dentro dos tubos de alumínio, nas periferias das metrópoles africanas de onde provém. Itália, dá-me uma língua para dizê-lo, para entendê-lo, para conquistá-lo, depois esquecê-lo. Eu o imagino, à tarde, no quatinho em que mora no centro de refugiados. Na melancolia de seus dezessete anos. Sentado à beira de sua caminha, sob o antigo cartaz rasgado de Pogba, enquanto inicia a serenata da separação e ensaia o concerto da infidelidade. Sedento de esperança. Carregado de futuro. Com os olhos abertos. Perigosamente livre. Em busca de um sentido, um mundo, uma vida, na qual apostar todas as cartas. Da incompreensibilidade do nosso destino retiramos alimento, tomamos forma, prosperamos. Gostaria de subir no carrossel de moleques em tropel que neste momento Kamara representa. Basta um acorde de dó para refrear os insensatos e recuperar os desertores. Em frente, rapazes! O amor é uma profecia retroativa. Revela a morte de onde viemos e

para onde vamos. Uma manada de adolescentes rebeldes é atraída pela sua música. Os mesmos que antes de chegarem à Europa escaparam de emboscadas. Conheceram o engano. Suportaram o frio. Escalaram as montanhas. Andaram pelas fronteiras. Atravessaram os pântanos. Desafiaram as intempéries. Lutaram contra os dragões. Eles são todos Penny Wirton do mundo, fazendo-nos compreender que a Terra tem febre alta, acima de quarenta. E nós, enquanto escutamos as vozes forjadas no deserto, depois de fazê-los sentar com o lápis na mão, o que devemos fazer? Curar as chagas. Costurar os rasgões. Ligar o tempo ao espaço. Os sonhos à realidade. A juventude à idade adulta. Não seria mais do que isso. Educar para viver.

(de *Via dalla pazza classe*, Mondadori, 2019)

Laura Pugno

(Roma, 1970)

Poeta, escritora e ensaísta



O que sabemos com o corpo?

Que é o primeiro lugar do selvagem. O irreduzível. Pode ser domado, domesticado?

(Não responde).

Envelhece, se transforma, perde sangue, cria corpos, morre por corpos estranhos.

Na primeira oportunidade se liberta. Procurando até a destruição, se necessário.

Pode ser persuadido?

Talvez.

Onde você está, agora que fala do corpo? Você, realmente, está num jardim?

Um jardim imaginário, os jardins de Kyoto, e o jardineiro zen mexe na areia à sua frente com o rastelo?

Não, mas essa é uma conversa.

Talvez você esteja em um jardim, lendo num jardim, num papel ou numa tela. Agora que lê, você toma forma em minha mente. Você está em algum lugar, na minha frente.

Observemos juntos.

(E o observador, eu sei e você sabe, modifica o objeto observado).

O pensamento que procura a sua matéria, a sua forma, a língua que forma uma palavra.

Em poesia, há sempre um tu. Mesmo quando é secreto, de algum modo. E também aqui.

Entre palavra e palavra, há o vazio. Deveria haver o sem-esforço. O estado de fluxo, o fluir no branco da página, na mente de quem lê-escuta. Se você está escrevendo ou lendo, está sozinho.

Você está sozinho?

Cosa sappiamo col corpo?

Che è il primo luogo del selvaggio. L'irriducibile. Può essere domato, addomesticato?

(Non rispondere).

Invecchia, si trasforma, perde sangue, crea corpi, muore per corpi estranei.
Alla prima occasione si libera. Cercando anche la distruzione, se necessario.
Può essere persuaso?
Forse.

Dove sei, ora che parli del corpo? Davvero sei in un giardino?

Un giardino immaginario, i giardini di Kyoto, e il giardiniere zen che sposta la sabbia davanti a te con il rastrello?

No, ma questa è una conversazione.

Forse sei tu in un giardino, a leggere in un giardino, su carta o su schermo. Ora che leggi, prendi forma nella mia mente. Tu sei da qualche parte, davanti a me.

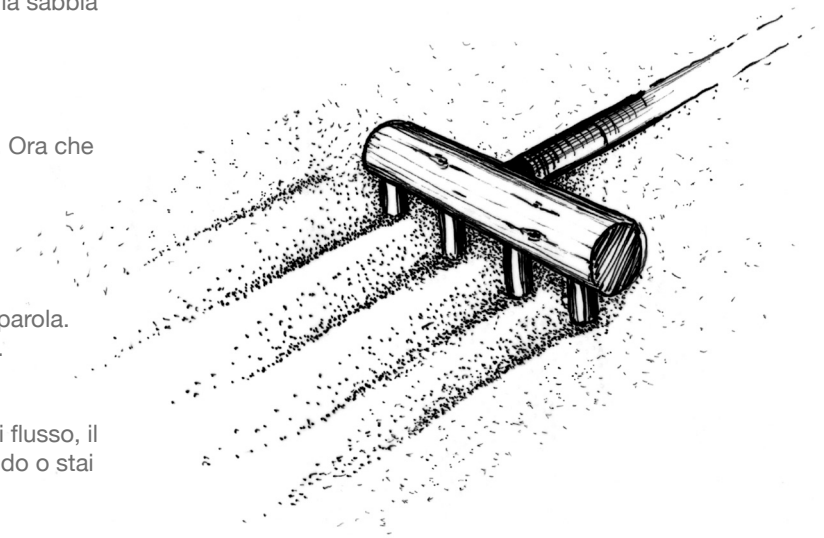
Osserviamo insieme.

(E l'osservatore, lo so e lo sai, modifica l'oggetto osservato).

Il pensiero che cerca la sua materia, la sua forma, la lingua che forma una parola.
Nella poesia, c'è sempre un tu. Anche quando è segreto, in qualche modo.
E anche qui.

Tra parola e parola, c'è il vuoto. Dovrebbe esserci senza-sforzo. Lo stato di flusso, il fluire nel bianco della pagina, nella mente di chi legge-ascolta. Se stai scrivendo o stai leggendo, sei da solo.

Sei da solo?



(de *In territorio selvaggio*, Nottetempo, 2018)

Sobre o sentido da literatura

Giulio Ferroni

(Roma, 1943)

Professor, crítico e ensaísta



Nós aqui na Itália já saímos em parte, mas tivemos um período de reclusão, nessa situação que nos coloca num horizonte análogo, mesmo se estamos um tanto distantes no espaço. E com um grande voto para uma saída feliz dessa situação, vou tentar lhes contar brevemente qual foi a minha experiência.

Certamente não posso falar aqui de todos os detalhes da vida cotidiana, mas quero me referir a uma situação particular que me aconteceu. Isto é, nestes meses fiz uma coisa que não fazia há muito tempo: reli o meu grande livro, que saiu em 1991, *História da Literatura Italiana*, o reli todo, corriji, modifiquei, atualizei para uma nova edição. Nada de estranho em tudo isso, mas o fato de ter acontecido exatamente num momento como este me fez repensar no sentido do nosso trabalho, no sentido

do estudo da literatura, da construção de uma história literária, da condição da crítica hoje. E por que me fez pensar? Me fez pensar em um modo muito problemático, porque o que aconteceu, e que ainda está acontecendo com todas as consequências que, infelizmente, poderão acontecer no futuro, nos impõe rever completamente não só a nossa vida econômica, a organização da existência, mas também a nossa relação com a cultura, com a literatura, com a sua história. O que significou fazer uma história da literatura num mundo que se projetava em um avanço contínuo de si, que sempre produzia e produz novos objetos, novas possibilidades, que era um pouco dominado por uma espécie de vontade de potência.

Hoje, o que aconteceu nos fez descobrir a fragilidade de todo o horizonte planetário,

podemos dizer. Hoje, não só nos fez descobrir essa fragilidade, mas nos fez entender que para salvar o mundo seria preciso olhar as coisas de modo diferente na cultura, na vida cotidiana, e sobretudo na economia e na política. Vocês sabem que a situação sob este ponto de vista é muito difícil, o que aconteceu nos fez pensar, no início, que seria possível tirar uma lição do que acontecia, ou seja, inverter a marcha do mundo, fazer entender que existem problemas que dizem respeito à justiça e que dizem respeito à vida social.

No Brasil, naturalmente, esses problemas são hoje muito prementes, certamente muito mais prementes do que no passado. Era algo que nos impunha o que estava acontecendo, e também uma reconversão radical das formas de desenvolvimento. Sim, havia essa

esperança. Mas o que está acontecendo no final, o modo como alguns líderes importantes do mundo responderam a isso nos faz até temer que não sairemos disso de maneira decisiva, mas que tentaremos continuar a viver como antes. Há um escritor francês muito controverso, Michel Houellebecq, que disse com relação a tantas perspectivas otimistas: “Não, não. Voltaremos a viver como antes, mas pior do que antes”. Esperemos que não seja assim. O nosso empenho, o empenho da cultura, deveria ser voltado justamente para isto: lutar por uma reconversão radical das formas de intervenção no mundo, da vida social, das tremendas discriminações que existem sempre mais e que se aprofundam entre ricos e pobres, e nos levam a agredir diretamente o problema ambiental, que é o quadro em que estão todas as coisas que vão

mal. No fundo, alguém, até alguns biólogos disseram que o que aconteceu não é só um fenômeno médico, mas está no quadro de um horizonte ambiental no qual estamos presos e que requer intervenções radicais que infelizmente a política e a economia contemporâneas tornam impossível. Porém, como estudioso e historiador da literatura italiana, pensei, e isso creio que interesse muito inclusive aos estudantes brasileiros, na presença do tema do confinamento, do encerramento, da própria peste na literatura italiana. Neste período, todos se referiram, na Itália, a duas grandes descrições da peste, que são aquela de Boccaccio no início do *Decameron*, “orrído cominciamiento”, a peste de 1348, aquela peste que des-

truiu grande parte da Europa e, depois, o outro ponto que causou interesse é a narração da peste de 1630, por Manzoni, nos grandes capítulos de *Os noivos*. São temas determinantes, nos quais é muito bonito ler essas passagens, mas quero lembrar que a peste de 1348 não suscitou apenas o interesse e a experiência de Boccaccio, mas também a de seu amigo Francesco Petrarca. Não devemos esquecer que o ano de 1348 está inscrito no *Cancioneiro* de Petrarca num soneto, o soneto 336, que recorda como entre os danos de abril daquele ano de 1348 está a morte da sua amada Laura.

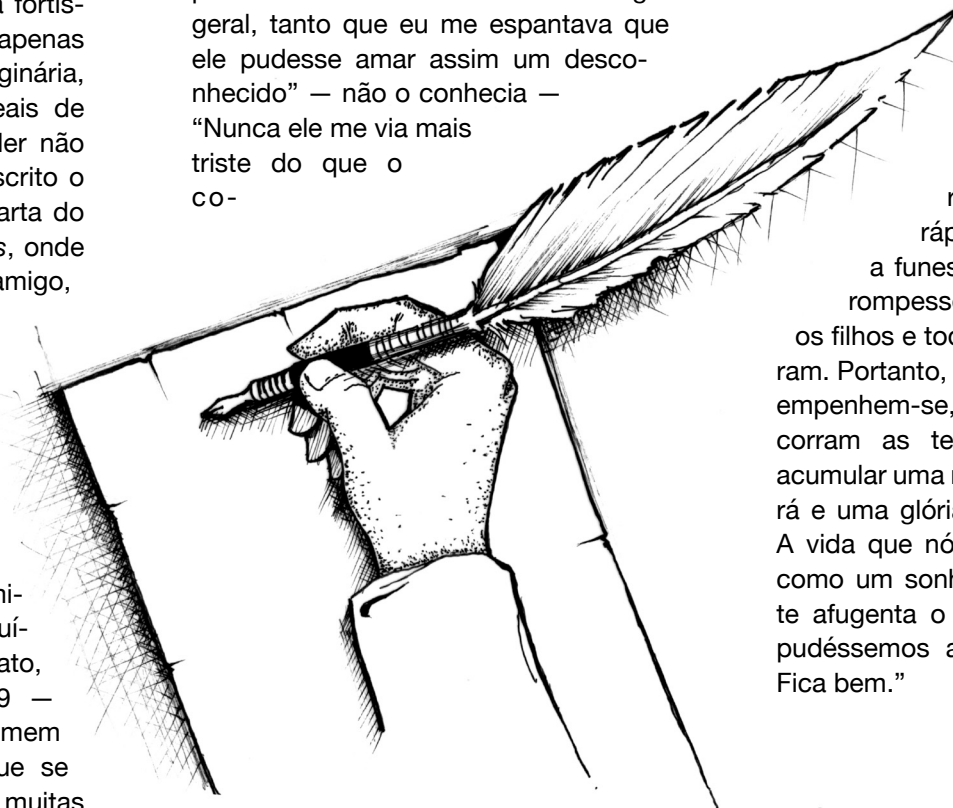
Mas não há apenas a morte de Laura. Na obra de Petrarca está inscrita até o fim a data de 1348, mesmo na sua primeira grande coletânea epistolar, as *Cartas Familiares*, em que a carta inicial, dedicada ao amigo Ludwig van Kempen, é uma carta que faz referência ao ano recém-vivido e a todos os amigos que morreram em 1348. Seria interessante ler algumas passagens dessa carta ou de outras cartas de Petrarca que fazem referência a 1348.

Rerum familiarum libri (Cartas familiares, VIII, 8), de Francesco Petrarca

O ano da peste, 1348, está inscrito em toda a obra de Petrarca, não só no *Cancioneiro*, mas também nas *Cartas Familiares*, e essa epidemia terrível não se limitou a 1348, mas se prolongou no ano seguinte e também houve outro surto em 1361, sobre o qual Petrarca fala em outras cartas. Há essa presença fortíssima de algo que destruiu não apenas Laura, seja ela figura real ou imaginária, mas destruiu muitos amigos reais de Petrarca. De modo que quero ler não a primeira carta em que está escrito o ano, mas uma carta, a oitava carta do oitavo livro das *Cartas Familiares*, onde há a referência à morte de um amigo, Paganino da Milano, que morreu no dia seguinte a uma visita que fizera a Petrarca. Naturalmente não a leio em latim, porque as *Cartas Familiares* de Petrarca são em latim, mas leio em tradução:

“Restaram-me alguns amigos que escaparam das ruínas do ano passado” — de fato, esta carta foi escrita em 1349 — “e primeiro entre todos um homem ilustre, Paganino da Milano, que se tornou para mim muito caro por muitas

provas de grande virtude, me pareceu digníssimo não só de mim, mas de nós. Ele se tornara para mim quase um outro Sócrates, uma mesma lealdade e benevolência, e o que há de mais doce, a amizade, um bom compartilhamento da boa e da má sorte. Enfim, a alma aberta a um fiel intercâmbio de nossos segredos. O quanto te amava” — ele se refere ao destinatário da carta, que era Ludwig van Kempen, de quem já falei — “O quanto te amava, quanto desejava te conhecer, quanto com os olhos da mente já te via, quanto era preocupado com a tua vida neste naufrágio geral, tanto que eu me espantava que ele pudesse amar assim um desconhecido” — não o conhecia — “Nunca ele me via mais triste do que o co-



co- mum, sem me perguntar inquieto: O que foi? O que faz o nosso amigo? Ao dizer que estava bem, deposto o temor, se abandonava a admirável alegria.

E ele também, digo com muitas lágrimas e com mais lágrimas diria se estes olhos já secos pelos males passados, e o resto dessas lágrimas que me sobram, se é que me sobram, eu não reservasse para os males iminentes, ele também, digo, atingido repentinamente por essa peste que agora devasta o mundo, à noite, depois de ter jantado com os amigos e passado algumas horas comigo, falan-

do sobre a nossa amizade e os nossos afetos, passou a noite inteira lutando com ânimo inabalável contra as extremas dores, morreu de manhã de rápida morte. E, para que a funesta tradição não se interrompesse, em menos de três dias os filhos e todos os familiares o seguiram. Portanto, coragem, ó mortais! Vão, empenhem-se, anseiem, trabalhem, percorram as terras e os mares para acumular uma riqueza que não os seguirá e uma glória que não permanecerá. A vida que nós levamos é um sono e como um sonho ela acaba. Só a morte afugenta o sono e o sonho, ou se pudéssemos acordar antes. Tu vives. Fica bem.”

“Princípio responsabilidade”

Sergio Givone

(Buronzo, 1944)

Filósofo e ensaísta



Covid-19 significa, como todos sabemos, *coronavirus disease*, doença causada pelo coronavírus, em que 19 significa o ano, 2019, quando o vírus foi identificado. Mas o que há de novo nesta que, na realidade, é a forma de um antigo flagelo, a peste? Procuramos responder a essa pergunta evocando categorias tipicamente modernas. Globalização, por exemplo. Trata-se, de fato, de uma epidemia que se torna pandemia, que se torna necessariamente pandemia até se espalhar justamente por todo o planeta. Mas também é verdade que essa característica tem muito pouco de novo. A peste desde sempre é uma epidemia que se torna pandemia. E, mesmo diferentemente do que acontece nos dias de hoje, quando a doença não se espalhava no mundo inteiro, era disso que se tratava: de uma epidemia que se torna pandemia.

Outra categoria que usamos e à qual recorremos é a de antropização. Aqui se entende por antropização aquela apropriação, muitas vezes violenta, da natureza por parte do homem, que transforma a natureza, transformando-a num produto humano e, dessa forma, abrindo passagens, criando desequilíbrios na natureza em que a peste — por assim dizer — penetra e triunfa.

Mas também essa categoria, ela também tão moderna, o é só até certo ponto. Pensemos que a primeira peste que os historiadores descreveram com precisão, a peste de Atenas, da qual fala Tucídides, também é mais coisa do homem do que da natureza, é mais da cidade do que do campo. Atenas era então uma realidade enorme para aqueles anos, para aqueles tempos. Era uma cidade de 400.000 habitantes, é exatamente esta enormidade o lugar de destino da peste.

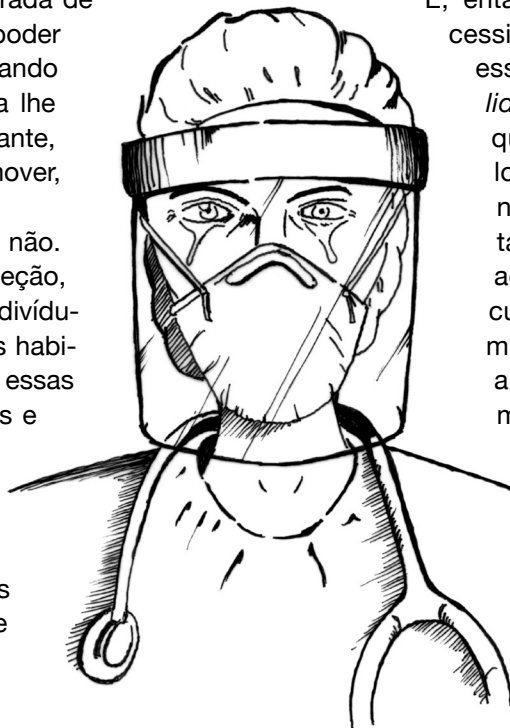
Eu acredito que a palavra-chave para compreender esse fenômeno seja outra, seja contágio. O que significa contágio? E por que contágio diz exatamente o que é a peste? Porque a peste é uma doença que se transmite de homem para homem, de animal para homem antes, mas depois de homem para homem num modo especialmente sorrateiro. Cada um, cada indivíduo é, ao mesmo tempo, doente e portador da doença. É exposto à doença e é, ao mesmo tempo, seu meio. É aquele que a transmite, é aquele que traz a infecção. E o que isso significa? Significa que cada um de nós, cada indivíduo enquanto contagiado e contagiante não pode deixar de ser responsável pela própria doença, pelo contágio. Mesmo sem querer contagiar, mesmo sendo a doença algo muito

maior do que ele, que o ameaça e que também o sobrepuja e esmaga, ele é responsável, traz consigo a responsabilidade em relação a todos os outros.

Então, a pandemia traz à luz novamente um princípio que nos últimos tempos colocamos entre parênteses, talvez até tenhamos esquecido: o *princípio responsabilidade*. O princípio que nos vê todos responsáveis por aquilo que acontece em relação aos outros.

Como se reagiu à pandemia? Quais os instrumentos para vencê-la, para combatê-la, para tratá-la? Instrumentos que, analisando bem, têm pouco a ver com o *princípio responsabilidade*. Pensemos, por exemplo, no estado de exceção. O que é o estado de exceção? É a condição que é declarada de forma autoritária pelo poder central quando esse poder assume para si, atribui a si todos os direitos, deixando ao indivíduo somente o direito à vida. Mas, para lhe conservar a vida, retira do indivíduo todo o restante, começando pelo direito à liberdade, direito de se mover, de fazer o que acredita e assim por diante.

O estado de exceção funciona? A resposta é não. A pandemia nos demonstra que o estado de exceção, isto é, de imposição de regras que separam os indivíduos e que realmente os prendem em suas próprias habitações, só funciona se os indivíduos fazem suas essas regras, como se fossem eles mesmos a querê-las e a impô-las a si próprios, não deixando que sejam impostas por outros, porque, nesse caso, a transgressão acaba por prevalecer, a vontade de transgressão, a necessidade de transgressão, a necessidade de liberdade, em outras palavras. E, então, toda a construção do estado de exceção inevitavelmente rui.



Mas também o instrumento oposto em relação a esse parece não funcionar: a imunidade de rebanho, a assim chamada imunização, ou seja, a ideia de que somente abandonando-se à peste, deixando-a livre, a peste se elimina por ela mesma, pois induz a imunidade nos indivíduos, nos sujeitos doentes. Sim, é verdade, esse princípio não pode ser contestado, mas qual é o preço da imunidade de rebanho? Provavelmente é um preço demasiado alto, aliás, vimos e estamos verificando tragicamente nesses dias: é um preço alto demais. No final, até poderá existir a imunidade, a imunidade de rebanho, mas um rebanho em que os mortos superam em muito os vivos, um rebanho que acaba em um massacre.

E, então, eis o *princípio responsabilidade*, a necessidade de trazer para o centro novamente esse princípio, porque *princípio responsabilidade* quer dizer algo de muito paradoxal, quer dizer que somos responsáveis por aquilo que nenhum tribunal me acusaria. Nenhum tribunal me acusaria de ser portador de contágio. Nenhum tribunal me acusaria da culpa da peste e, todavia, essa culpa-não-culpa é algo meu, preciso assumi-la, pelo menos na forma de uma atenção absoluta em relação a todos os demais. Somente assim podemos nos salvar. Somente através do *princípio responsabilidade*. Somente levando a responsabilidade até aquele limiar em que nós nos fazemos responsáveis pelo nosso destino.

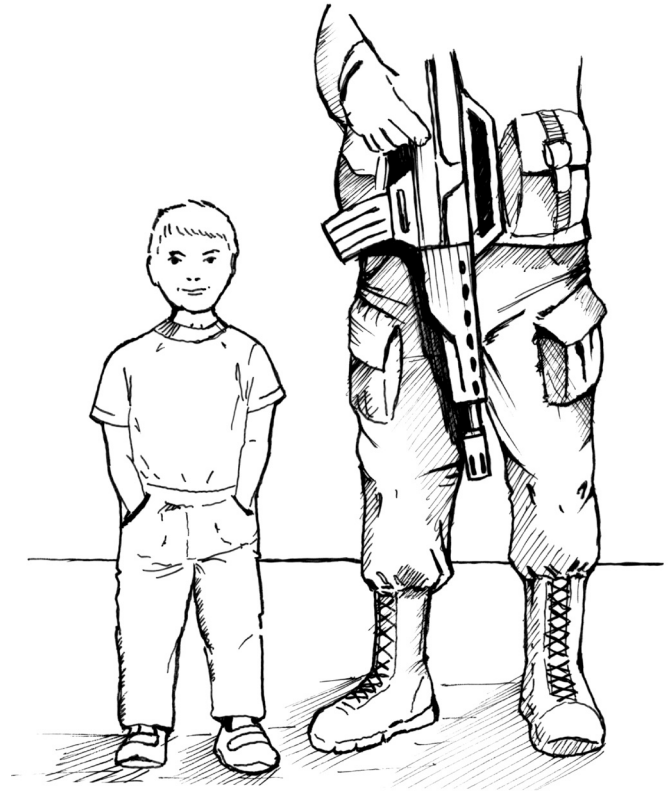
Laura Accerboni

(Gênova, 1985)
Poeta



Tinha umas
ruas e
três praças
no bolso
por isso
a criança
estava parada
podiam
cair
a qualquer
momento
e a polícia
estava logo ali
a dois passos.

Aveva delle
strade e
tre piazze
in tasca
per questo
il bambino
stava fermo
potevano
scivolargli
in qualsiasi
momento
e la polizia
era proprio lì
a due passi.



É tão
dura
a terra
que cobre
o chão
não se consegue
dizer casa
nem enterrar
algo
debaixo dos móveis
ou do sofá.
E nada nunca
cresce.
Olha
o teu corpo:
são anos
que tentas
entender se brota.

È così
dura
la terra
che copre
il pavimento
non si riesce
a dire casa
né a seppellire
qualcosa
sotto i mobili
o il divano.
E non cresce
mai niente.
Guarda
il tuo corpo:
sono anni
che cerchi
di capire
se germoglia.



(de *Acqua aqua fuoco*, Einaudi, 2020)

De uma concha

Tommaso Ottonieri

(Avezzano, 1958)

Poeta, professor e ensaísta



Moro numa cabana de fibra, no coração da floresta que se retrai.

Não há vento ao redor a não ser as correntes de cinzas, que de longe se levantam da roda das longas combustões. Um tapete de brasas, a pele viva do bosque; o chiado, que subcutâneo não deixa de vibrar, mais surdo. Da nesga do planeta que é esta, nuvens bufantes, círculos de fumaça, nas abóbadas derretem a um cifrar-se breve dos sinais, esmagados no alto como pássaros de carvão.

Morando a bolha no centro do cerco, a fibra que se acende a intervalos para receber, replica a inércia e flexiona exorcismos que nos seguraram. De longe, as línguas, da fibra, penetram; mais agudos, por trás das resistências de cobre, da minha concha forrada de arcanos, ouço crepitar em rodopios os hálitos dos contágios.

Assim, cada cabana, cada casca, no gemido da floresta que a envolve, ligado o cabo à fonte embutida, capta sua onda flébil, vibra-a pelo cerúleo todo percorrido pelas veias de chama. Assim o rastro, disparado para fora, de partículas rotantes, e invisível de boca em boca se espalha, diverge pela luz azulada dos cristais.

Assim espelhado no ser, assim na intermitência, das sombras das vozes. Assim um vórtice, alto um vórtice um cone de micropontos pode me manter ligado, amarra-me agora ao reaparecer ao sumir dos cílios das tuas palavras, atrás do líquido espelho das telas. Som e miragem no fundo de espelunca.

Debaixo do côncavo forrado de chamados, obcecados os ícones vibram do interior, ao longo da curva das paredes iluminadas. Logo abaixo da pele, como cabeada uma minúscula cobra, rasteja macio o metal da tua voz, quebra aqui os revérberos de tudo o que ainda há para se dizer. Enquanto houver sinal.

Enquanto a palavra aos trancos nos circunda. Até na mordida, mais um bruxuleio elétrico de palavra. Apenas uma faixa delgada de terra ficou para se compactar lá fora, toda ao redor dos andaimes de fibra; deslizante rasteja e isola, e é laço. Esta coroa de poeiras que cinge; e ainda se segura dos precipícios aqui apertados no cerco, sem que o soubéssemos.

Enquanto ainda houver sinal, e surdo o dilúvio acabar por nos apagar em seus fermentos de cinza, mais invisível uma tempestade de sílabas soprará de nós das pupilas escancaradas, e queimaremos bálsamos contra o fogo das extinções.

Comentário:

A imagem-base é um conjunto de claustrofobia e claustrofilia, que é a variante coronavírus da síndrome da cabana (*cabin fever*)... cruzando-se com a emergência ecológica e cultural (genocida?), com o pensamento voltado para os incêndios amazônicos (e, em segundo lugar, para aqueles australianos). No *focus* cabana, ainda que (esta) eletrificada e cabeada (temporariamente?), e no sentido de isolamento (e solidão) que a circunda e a cerca, vão assim se curto-circuitando condições culturais remotíssimas entre elas; e a condição hiperindustrializada (de repente desnudada na sua coação à produtividade ou ao ciclo produção-consumo) se redescobre estritamente “conectada” à arcaica e “excluída”, até mesmo caçada, e à sua profunda cultura da sobrevivência... querendo radicalizar, a *conectividade* poderia até ser a que (mesmo que só no imaginário, desejavelmente) é conferida pela onipresença invisível e rotativa do vírus, na sua vontade cega, desprovida de consciência, de replicar-se indistintamente sobre tudo: zerando as distâncias — biológicas — no momento exato em que leva a aprofundar as distâncias sociais... e nos entrega ao enigma: surgirá disso um colapso ou uma revolução? uma devolução ou uma outra maneira de evoluir? e o decrescimento, que parece inelutável antes mesmo que necessário, significará um abrir-se ou um retrair-se?



Da una conca

Abito una capanna di fibra, nel cuore della foresta che si arretra.

Non c'è vento intorno se non le correnti della cenere, che di lontano si sollevano dal cerchio delle lunghe combustioni. Un tappeto di braci, la pelle viva del bosco; lo sfrigolio, che sottocute non smette di vibrare, più sordo. Dal lembo di pianeta che è questo, nuvole a sbuffo, circoli di fumo, sulle volte fondono a un cifrarsi breve dei segnali, spiaccicati nell'alto come uccelli di carbone.

Abitando la bolla il centro dell'assedio, la fibra a tratti che si accende per ricevere, replica l'inerzia e flette, degli esorcismi che ci tennero. Di lontano le lingue, della fibra, penetrano; più acuti, dietro le resistenze di rame, dalla mia conca foderata di arcani, sento a giro crepitare gli aliti dei contagi.

Così ogni capanna ogni guscio, nel gemito della foresta che l'avvolge, allacciato il cavo alla polla sottotraccia, capta la sua onda flebile la vibra per il ceruleo corso tutto dalle vene di fiamma. Così la scia, saettata fuori, di particole rotanti, e invisibile di bocca in bocca si promana, diverge per la luce azzurrata dei cristalli.

Così specchiato all'essere, così nell'intermittenza, delle ombre delle voci. Così un vortice, alto un vortice un cono di micropunti può tenermi acceso, mi allaccia adesso al riapparire allo svanire delle ciglia delle tue parole, dietro il liquido specchio degli schermi. Suono e miraggio, nel fondo di spelonca.

Giù del concavo foderato di richiami, accecate le icone vibrano dal dentro, lungo la curva delle pareti illuminate. A fiore della pelle, come cablato un minuscolo serpente, soffice striscia il metallo della tua voce, spezza qui i riverberi di quello che c'è da dirsi ancora. Fin che ci sarà segnale.

Fin che parola a scatti ci circonda. Fino nel morso, elettrico un barlume ancora di parola. Solo un nastro esile di terra è rimasto a compattarsi difuori, tutt'intorno all'impalcatura di fibre; slittante striscia che isola, ed è laccio. Questa corona di polveri che cinge; e tiene ancora dai precipizi qui stretti all'assedio, senza che noi avessimo saputo.

Fino a che ancora ci sarà segnale, e che sordo il diluvio finirà di spegnerci nei suoi lieviti di cenere, più invisibile una tempesta di sillabe soffierà di noi dalle pupille spalancate, e bruceremo balsami contro il fuoco delle estinzioni.

Alessandro Fo
(Legnano, 1955)
Poeta, ensaísta e professor

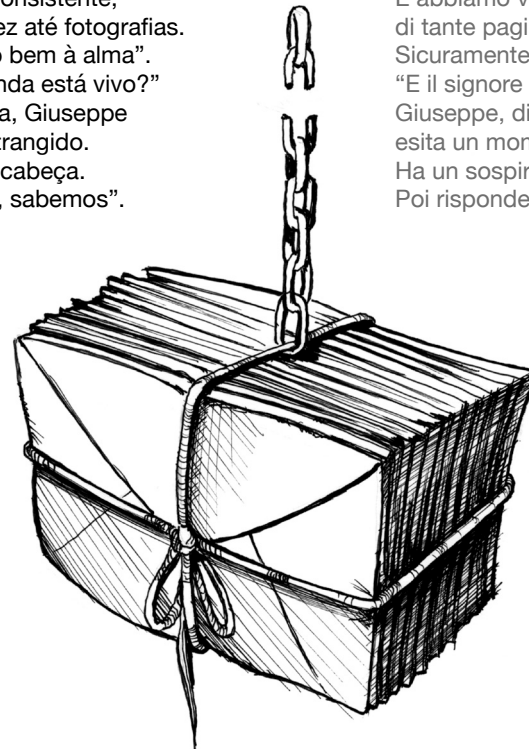


Uma esquina de Piacenza

23 de março, TG2 da noite.
Abre no crematório de Piacenza:
Sala da Despedida. Agora cheia,
caixões aos montes, daqui, de Cremona...
Falecidos na solidão, apartados
dos entes caros, durante a agonia,
a morte, os funerais...
Depois, entrevistas da Cruz Vermelha.
Voluntário do serviço de entrega
da farmácia (Giuseppe, um bancário):
“Uma senhora... quis que entregássemos
um remédio ao marido
internado pelo coronavírus.
O remédio, porém, era uma carta.
E vimos que era mesmo consistente,
com muitas páginas. Talvez até fotografias.
Com certeza lhe fez muito bem à alma”.
“E se sabe se o senhor ainda está vivo?”
Por detrás de sua máscara, Giuseppe
hesita um momento constrangido.
Suspira, se cala, inclina a cabeça.
E responde: “Infelizmente, sabemos”.

Un angolo a Piacenza

23 marzo, TG2 della sera.
Apre al crematorio di Piacenza:
la Sala del Congedo. Adesso satura
di troppe casse, da qui, da Cremona...
Caduti in solitudine, staccati
dai propri cari, durante l'agonia,
la morte, i funerali...
Interviste, poi, alla Croce Rossa.
Un volontario del servizio farmaci
a domicilio (Giuseppe, un bancario):
“Una signora... voleva consegnassimo
un farmaco al marito
ricoverato per coronavirus.
Il farmaco, in realtà, era una lettera.
E abbiamo visto che era consistente,
di tante pagine. Forse anche fotografie.
Sicuramente gli ha fatto bene all'anima”.
“E il signore si sa se è ancora vivo?”
Giuseppe, dietro la sua mascherina,
esita un momento imbarazzato.
Ha un sospiro, tace; piega il collo.
Poi risponde: “Purtroppo lo sappiamo”.



Franca Mancinelli

(Fano, 1981)
Poeta e ensaísta



Aqui, o que cai endurece no espaço determinado pelo acaso ou pelo destino. Caindo, se abandona, perde qualquer pertencimento. Começa a criar raízes, finas como cabelos. Mas hoje o tempo entrou, ressoando nos vidros. As paredes se afinaram, como membranas. Cada cômodo entrava no outro, sobreposto num jogo de dimensões perfeitas. Restava um só, repleto de todos os outros. Entrava ali também o jardim, com as árvores, a rua de carros lentos. Estava lhe fazendo isso, pacientemente, a chuva. Desfazendo uma sílaba até o início da articulação de um som. Trazendo-lhe logo depois o silêncio. Naquela duração podiam retornar, encontrar lugar as coisas.

No jardim, os carros dos adultos ficam abertos, às vezes com a chave no contato. Você pode entrar e sentar no lugar do motorista, levar seu irmão no banco do lado, os amigos atrás, ou até ir sozinho, virando o volante nas curvas, um pouco à direita e um pouco à esquerda, pisando no pedal do freio ou do acelerador, olhando pelo retrovisor o que fica para trás.

Na frente, uma mesma imagem fixa: as folhas da tília que se abrem na luz, os pequenos olhos redondos dos papagaios na gaiola.

Além dos gestos que cortam, dosam, levam ao cozimento. Volto sempre ao início, às coisas como eram: compostas de si mesmas, voltadas à própria casca. Assim as morde, as trituro até a papa.

*

Mais do que levar à boca, a abro. Suspensas do chão, caem coisas pendentes na maturação. Resplandecem no corpo como estrelas morrentes. Os raios vibram, encontram o caminho dos olhos.

*

Sementes de abóbora descascadas, e aquelas minúsculas de gergelim, de linho: um furto que é justo fazer. De cada junção, você também pode levantar voo.

*

Espalhe um pouco de farinha na palma das mãos, nas faces, na testa. Assim começam as guerras e as passagens de estado.

Pegue uma frigideira, risque-a com azeite.

Alinhado aos pontos cardeais, em posse de todas as suas forças, concentre-se: quebre um ovo.

Você está cansada. Está fazendo surgirem as gemas. As cascas se despedaçam, não resistem mais. Com os olhos fechados você continua a lutar. A terra é uma rocha, se esmigalha em cascalho fino. É uma parede e uma porta. Continue a dormir. As folhas se falam fraternas. Do coração ao topo dos cabelos, estão iniciando uma frase para você.

Qui ciò che cade indurisce nello spazio assegnato dal caso o dal destino. Cadendo si abbandona, perde ogni appartenenza. Inizia a crescere radici, sottili come capelli. Ma oggi il tempo è entrato, risuonando sui vetri. Le pareti si sono fatte sottili, come di membrana. Ogni stanza entrava nell'altra, sovrapposta in un gioco di dimensioni perfette. Ne restava una sola, profonda di tutte le altre. Vi entrava anche il giardino, con gli alberi, la strada di auto lente. Ti stava facendo questo, pazientemente, la pioggia. Sciogliendo una sillaba fino all'inizio dell'articolazione di un suono. Portandoti appena dopo il silenzio. In quella durata potevano fare ritorno, trovare luogo le cose.

In giardino le auto dei grandi restano aperte, a volte con la chiave inserita nel cruscotto. Puoi entrare e sederti nel posto di guida, portare tuo fratello nel sedile di fianco, gli amici dietro, oppure partire da solo, girando il volante alle curve, un po' a destra e un po' a sinistra, premendo il pedale del freno o dell'acceleratore, guardando dallo specchietto quello che resta alle spalle. Di fronte, una stessa immagine ferma: le foglie del tiglio che si aprono nella luce, i piccoli occhi rotondi dei cocoriti in gabbia.

Oltre i gesti che tagliano, dosano, portano a cottura. Torno sempre all'inizio, alle cose com'erano: composte di se stesse, rivolte alla propria buccia. Così le addento, le macino fino alla poltiglia.

*

Più che portare alla bocca, la apro. Sospese dalla terra, cadono cose in bilico nella maturazione. Risplendono nel corpo come stelle morenti. I raggi vibrano, trovano la via degli occhi.

*

Semi di zucca sbucciati, e quelli minuscoli di sesamo, di lino: un furto che è giusto compiere. Da ogni giuntura, anche tu puoi levare il tuo volo.

*

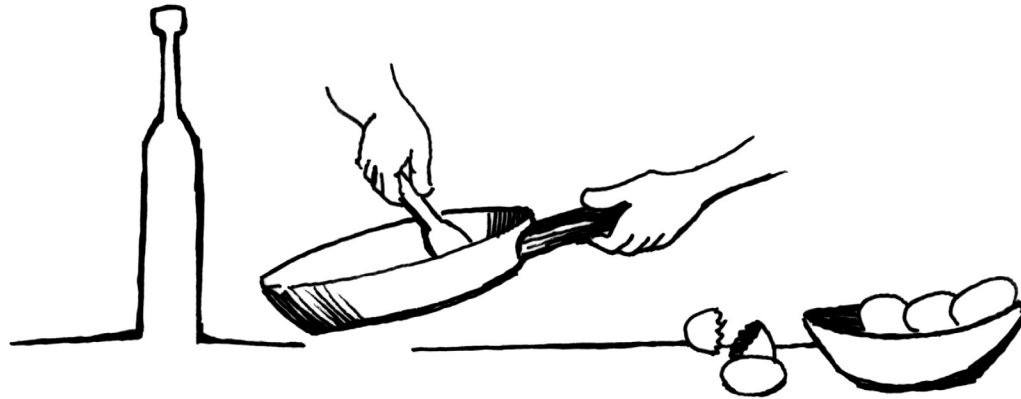
Cospargiti un po' di farina sul palmo delle mani, gli zigomi, la fronte. Così iniziano le guerre e i passaggi di stato.

Prendi una padella, rigala d'olio.

Allineato ai punti cardinali, in possesso di tutte le tue forze, concentrati: rompi un uovo.

Sei stanca. Stai facendo spuntare le gemme. Le scorze si frangono, non resistono più. Con gli occhi chiusi continui a lottare. La terra è una roccia, si sbriciola in ghiaia sottile. È una parete e una porta. Continua a dormire. Le foglie si parlano fraterne. Dal cuore alla cima della chioma, stanno iniziando una frase per te.

(de *Libretto di transito*, Amos Edizioni, 2018)



onde o fluir de um rio se interrompe, depois de uma queda ou de uma cachoeira, a água volta a ser espuma de novo. A corrente tão forte a ponto de segurar tudo o que chega. Uma luta se inicia contra uma fronteira móvel, intransponível. — Oscilações, breves hesitações. Obediência a uma língua branca e devastadora. Às vezes, é um temporal ou uma rocha contra a qual se chocar, desviar de rota. E se reencontrar livres.

corro. E estou parado na encruzilhada
onde desacelera, precipita

por uma lei de alegria se transforma.
Não acredito nos muros divisórios.
Fecho os olhos e atravesso a imagem.

com a força do nada
do nunca tido
nada para dar em troca,
os gestos recompõem uma língua
se enlaça ao meu corpo uma armadura.

aconteceu, fica: na escura
cavidade para se morar como um útero

há um ponto em que a vida vira do avesso
se torna alfabeto morse.

ao longo da rede de sangue asfaltado
as cinzas dos lugares
esperam viajar
como poeira sagrada.

nos olhos fechados uma nascente
de pupilas — luminescências
passadas entre globos
vigias de uma única imagem
gravitante na poeira explodida.

o infinito dos mortos
expande outra galáxia.
O vermelho no breu continua
a desaguar no mar
onde estamos sem corpo acocorados.

dove lo scorrere di un fiume si interrompe, dopo un salto o una cascata, l'acqua torna a farsi schiuma. La corrente così forte da trattenere tutto ciò che giunge. Una lotta inizia contro un confine mobile, invalicabile. — Oscillazioni, brevi tentennamenti. Obbedienza a una lingua bianca e devastante. A volte è un temporale, o un masso contro cui urtare, deviare rotta. E ritrovarsi liberi.

corro. E sto fermo all'incrocio
dove rallenta, precipita

per una legge di gioia si trasforma.
Non credo ai muri divisorii.
Chiudo gli occhi, e attraverso l'immagine.

con la forza del niente
del non avuto mai
niente da barattare,
i gesti ricompongono una lingua
si allaccia al mio corpo un'armatura.

è accaduto, resta: nel cupo
cavo da abitare come un utero

c'è un punto in cui la vita si rovescia
diventa scrittura morse.

lungo la rete di sangue asfaltato
le ceneri dei luoghi
aspettano di viaggiare
come polvere sacra.

negli occhi chiusi una sorgente
di pupille — luminescenze
trascorse tra globi
custodi di un'unica immagine
gravitante nella polvere esplosa.

l'infinito dei morti
espande un'altra galassia.
Il rosso nel buio continua
a sfociare nel mare
dove siamo senza corpo accucciati.

(de *Tutti gli occhi che ho aperto*, Marcos y
Marcos, 2020)

quantas janelas entre a fauce e o ventre
escancaradas. Dentro
são feitas as limpezas: vão escorrendo
milênios de escuridão e de poeira.

constelações de olhos no corpo
dormem anos-luz
da consciência — a onda
vem para a orla e volta
nisso fico com as pálpebras abertas.

a luz quase acabou.
deste vaso de cimento
despontamos a frente como flores
cortadas ao nascer.

*

nos ramos dos pulmões
pousaram os corvos.
Nenhum bater que os leve de volta.

*

jorra dos olhos água-benta por
ti buscando, a tua fratura
para atravessar o mundo.

atiraram no céu,
fez-se pedra.
Nós gravados na lápide de um sepulcro
— figuras vermelhas e azuis
de asas abertas na viagem.

alguém por entre essas ruínas
quase tocará com um dedo
a nossa história

e pássaros fugidos da emboscada
voltaremos a atravessar o ar.

quante finestre tra la gola e il ventre
spalancate. Dentro
si fanno le pulizie: scorrono
millenni di oscurità e di polvere.

costellazioni di occhi nel corpo
dormono anni luce
dalla coscienza — l'onda
viene a riva e ritorna
mentre tengo queste palpebre aperte.

è quasi finita la luce.
da questo vaso di cemento
sporgiamo il capo come fiori
recisi dalla nascita.

*

tra i rami dei polmoni
si sono posati i corvi.
Nessun battito che li richiami via.

*

sgorga dagli occhi acqua benedetta
cercando te, la tua frattura
per attraversare il mondo.

hanno sparato al cielo,
si è fatto pietra.
Noi incisi sulla lastra di un sepolcro
— figure rosse e azzurre
di ali aperte in viaggio.

qualcuno tra queste rovine
sfiorerà con un dito
la nostra storia

e uccelli sfuggiti all'appostamento
torneremo ad attraversare l'aria.

Marcello Frixione

(Gênova, 1960)

Poeta, ensaísta e professor



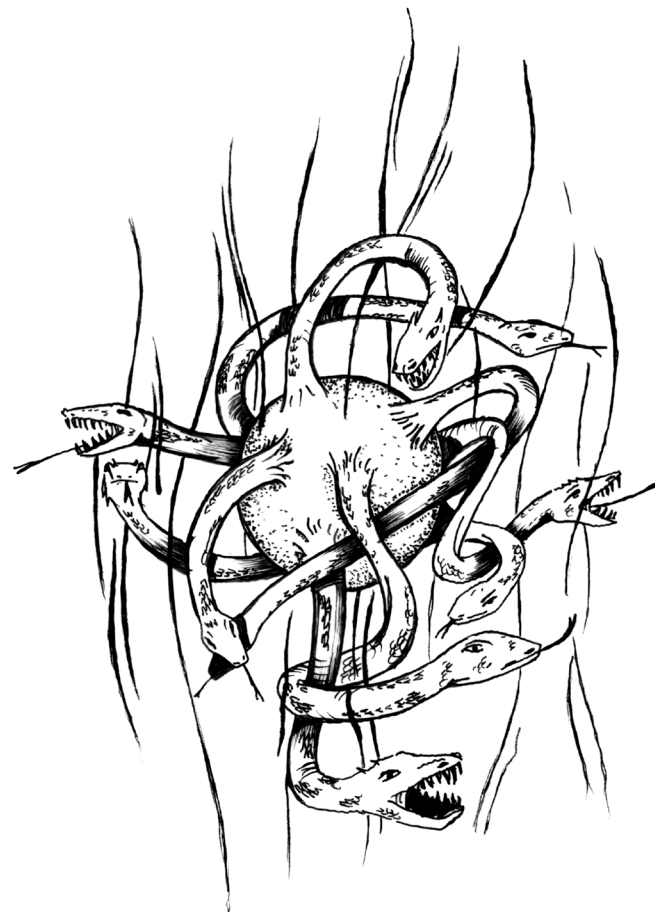
a quarentena pelo contágio de SARS-CoV-2 (*regnum Riboviria, ordo Nidovirales, familia Coronaviridae*)

perante o limiar dessa quaresma
se dá a morte viva nas pedras e
nas lápides reclusa além das portas
molha a morte os punhos apressa o passo
langue no sono esta vida incluída
nos calmos filamentos do contágio
e dorme se esconde atrás dos muros
se adormenta essa vida na morte
busto e tumba de si no solo nu e
nesta apertada e circunscrita sorte
se adormenta pela vida essa vida.

la quarantena per il contagio da SARS-CoV-2 (*regnum Riboviria, ordo Nidovirales, familia Coronaviridae*)

sul limitare di questa quaresima
si svolge la morte viva nei sassi e
nelle lastre reclusa oltre le porte
bagna la morte i pugni affretta i passi
langue nel sonno questa vita inclusa
nei quieti filamenti del contagio
e dorme si nasconde dietro i muri
s'addorme questa vita nella morte
busto e tomba di sé sul nudo suolo e
in questa angusta e circoscritta sorte
s'addorme per la vita questa vita.

Carniças fedendo aonde se vai,
Que d'êbrio massacre exalam das tumbas
A natureza acaba, o Mundo cai;
Das últimas vinganças ouço as trombas
Entre podres naufrágios
Tudo girando em jogo:
De si mesma nutrida
A Hidra de contágios;
E corta a ferro, a fogo
Dos cadáveres crua renascida
Fumegam congregados,
Os mal vivos, mal mortos, mal sepultados.



Carogne impuzzolite empion le strade,
Che nauseano più stragi ebre le tombe,
La natura finisce, il Mondo cade;
De l'ultime vendette odo le trombe.
Fra putridi naufragi
Par che ondeggi ogni loco:
Di sé stessa si pasce
Quell'Idra di contaggi;
E tronca a ferro, a foco
Da cadaveri suoi cruda rinasce.
Fumano in un accolti,
E mal vivi, e mal morti, e mal sepolti.

di Giacomo Lubrano (1619-1693)

Giulia Martini

(Pistoia, 1993)

Poeta



Mas me dirijo a eles e falo eu:
agora começo e agora lhes digo,
mesmo se nada mais que o tempo antigo
dói querer afinar no que bateu
das louças e panelas para guardar.

Amor amor amor amor amor
o que te agradaria que eu lhes dissesse?
Você mero calar, eu lendo Homero,
falando a sós e você só chorando.



Ma mi rivolgo a loro e parlo io:
ora comincio, ora ve lo dico,
anche se niente più del tempo antico
duole accordare sull'acciottolio
delle stoviglie da rigovernare.

Amore amore amore amore amore
cosa vorresti che dicessi loro?
Tu che omertosa, io che leggo Omero,
che parlo sola e tu sai solo piangere.

(de *Coppie minime*, Interno Poesia Editore, 2018)

nós sabemos e até temos as provas

Trad. Marcos Siscar

Gabriele Frasca

(Nápoles, 1957)

Poeta, ensaísta e professor



de repente é verdade tentamos uma vez e acabamos perdendo o jogo e justo quando era possível repetir “eu sei” com pasolini como um grito comum de ameaça não como um mantra como foi depois para qualquer um que se vangloriasse de um mandato profético ao alcance do primeiro malandro telegênico interessado em vender romances monólogos filmes de denúncia fácil e inútil com os quais fazer ninar em cada um a infeliz consciência que permanece como um membro cortado e que ainda coça. conhecer os nomes de quem faz o mal ou conspira para disputar o poder com aqueles que o tomaram para si mas conhecê-los muito bem para poder dizer sem provas e sem um só indício não serve mesmo para nada ou talvez apenas para lamentar seu próprio isolamento como artista que compreende mas que por sua vez segue incompreendido pela massa dos inúmeros alienados felizes de escutar em silêncio cada denúncia que no entanto não lhes muda a vida. de sua cama de hospital li wenliang não passou a repetir que em uma sociedade deve haver mais de uma voz gritando o que sabe e todos sabem porque já não há nada escondido e as provas estão diante de nossos olhos e por sorte também há muitos de nós que são capazes de extrair dos discursos de fachada aquilo que

há neles de verdadeiro e que talvez sequer queiramos descobrir se dissolve até mesmo a certeza que era a nossa de habitar a fábula de um mundo que nos pertence sem que nos contenha em sua espessa trama de substância que só fica às margens da vida e conecta cada coisa no planeta. o problema não é o que se sabe nem a falta de provas ou de indícios tampouco exige a acuidade que supomos nos intelectuais porque basta ter vontade para que fique claro o que aconteceu e o que está em risco. a questão caso haja será a de manter a memória e de não deixar que um perigo ulterior aprofunde com seus danos o esquecimento não apenas dos lutos e das angústias mas daqueles que deveriam responder em nome de todos. pois dos que geriram as numerosas crises sanitárias espalhadas pelo mundo entre as quais se destacou a pandemia nós sabemos os nomes bem como daqueles cujas cúpulas impunes atuam em toda parte para que reine a ignorância a morte e o medo. dos que geriram, em seguida, as fases opostas à negação inicial quando apareceram os primeiros sinais e a paranoia social subsequente sabemos quais são os nomes assim como daqueles que apoiaram o estado de emergência prolongado que parece prever um termidor o enésimo pensando bem mas desta

vez incluindo a desapareção até dos direitos elementares de *privacy* e proteção da identidade. mas nós sabemos sobretudo os nomes dos muitos que se sucederam sob o estandarte da liberdade apenas a de mercado é claro a fim de corroer toda forma de igualdade e de tutela no mundo do trabalho e que há trinta anos vêm destruindo em benefício das clínicas privadas essa saúde pública que perdeu bem mais que a metade dos leitos desde que por fim foi atacado o *welfare*. e é por isso que não ignoramos quem são os evidentes responsáveis do massacre lombardo e também não são desconhecidos os nomes daqueles que receberam propina da indústria farmacêutica e dos conselhos de administração dos centros de internação e hospitais criados para a excelência e incapazes de absorver o impacto de um contágio certamente disseminado mas não a ponto de colocar de joelhos uma nação que houvesse se preparado a tempo para um evento que muitos tinham por inevitável mas não letal como foi seguramente pela falta daquele pouco mais de terapias intensivas. e nem mesmo daqueles que negaram a tantos migrantes econômicos o acesso à cidadania sanitária que os teria preservado a eles e aos demais não demoraria a aflorar os nomes se alguém viesse a nos perguntar com tantas provas incriminatórias fossem necessárias. e o que dizer de todos os cientistas especialistas e jornalistas sempre em direto como nem mesmo outrora jogadores de futebol que sempre se omitem de dizer a todos nós que muito embora poderosa a ciência não pode tudo que procede por tentativa e erro e segue incerta. também deles nos recordamos os nomes e como poderia ser diferente se voltam os mesmos a cada noite como se fossem os únicos competentes em toda a Itália. e se você pensa que por serem demasiado

poderosos por seu volume de negócios e às vezes disfarçados de políticos eleitos por sufrágio universal com frequência réus confessos não é correto repetir os nomes dos que poluíram desmataram destruíram o habitat de plantas e animais promovendo de fato o desenvolvimento e em seguida a difusão de agentes patógenos e dessa zoonose afinal permanente em que vivemos pois bem você está enganado porque é preciso escandir atentamente os nomes dos culpados e reafirmar que foram eles que deixaram totalmente ignorados as advertências de especialistas e os protestos das organizações nascidas no final do último conflito mundial para limpar as consciências mas nunca realmente postas em condição de intervir na escala adequada. nenhuma pandemia pode ser derrotada internamente a um único país. e se a saúde não voltar a ser pública e dirigida por uma internacional da sobrevivência da espécie se não for a esta será à próxima infecção viral que caberá nos suprimir simplesmente sem qualquer cálculo apenas porque a vida escolhe seus caminhos e deixa outros tantos sem saída. para tanto que cada um de nós conheça também esses nomes e que tenha as provas necessárias para fazer justiça não é suficiente porque nos esquecemos disso tudo logo que retorna a cocanha do imaginário que já nos mantinha em quarentena muito antes que ela fosse necessária e então é preciso outra coisa de nada serve a lista dos honestos e dos canalhas mas apenas o desejo de voltar a fazer frente comum contra o que toma posse do organismo certo e se multiplica às cegas sem se importar de morrer da própria morte que infunde. é outra a infecção que nos mata. e nós todos não o esquecemos.

noi lo sappiamo e abbiamo anche le prove

magari è vero ce la siam giocata un tempo e poi s'è persa la partita e forse proprio quando si poteva ripetere io so con pasolini come un grido comune di minaccia non come un mantra come poi fu fatto da chiunque volesse farsi bello di un mandato profetico a portata del primo paraculo telegenico intenzionato a vendere romanzi monologhi pellicole di facile e inutile denuncia con cui mettere a nanna per ciascuno l'infelice coscienza che rimane come un arto mozzato che però ci dà prurito. sapere i nomi di chi fa del male o trama per contendere il potere a chi a sua volta se l'è accaparrato ma saperli così tanto per dire senza

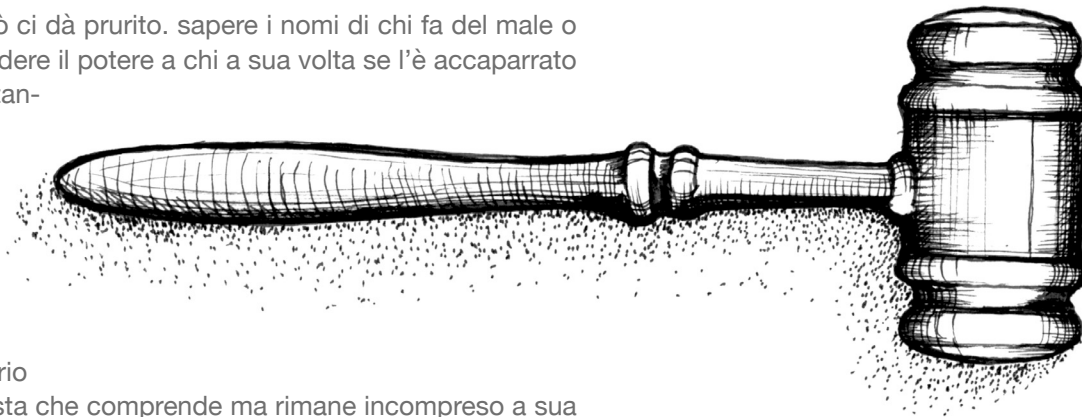
le prove e senza un solo indizio non serve proprio a niente o forse appena a lamentare il proprio

isolamento d'artista che comprende ma rimane incompreso a sua volta dalle masse dei troppi inconsapevoli felici d'ascoltare in silenzio ogni denuncia che non cambi però loro la vita. e non l'ha ripetuto li wenliang dal letto d'ospedale che dovrebbe in una società più d'una voce gridare ciò che sa e sanno tutti perché non c'è più nulla di nascosto e le prove le abbiamo sotto gli occhi e siamo pure per fortuna in tanti in grado di sottrarre dai discorsi di copertura ciò che c'è di vero e che magari invece non ci va nemmeno di scoprire se dissolve persino la certezza che fu nostra di abitare la favola d'un mondo che ci appartiene senza contenerci in

quella fitta trama di sostanza che della vita resta solo ai margini e connette ogni cosa sul pianeta. non è ciò che si sa che fa problema né le prove difettano o gl'indizi e nemmeno necessita l'acume che si suppone degl'intellettuali perché basta volerlo e appare chiaro ciò che è successo e quello che si rischia. la questione se mai sarà

serbarne memoria e non lasciare che un pericolo ulteriore lavori coi suoi danni alla dimenticanza non soltanto dei lutti e delle angosce ma di quanti dovrebbero risponderne per tutti. perché di chi gestì le troppe crisi sanitarie diffuse per il mondo da cui si distaccò la pandemia noi conosciamo i nomi così come di quelli di quei vertici impuniti

che agiscono dovunque perché regni l'ignoranza la morte e la paura. di chi ha gestito poi le fasi opposte del diniego iniziale quando apparvero i primi segni e della successiva paranoia sociale li sappiamo quei nomi come di chi ha favorito lo stato d'emergenza prolungato che sembra prevedere un terrore l'ennesimo a pensarci ma stavolta con in più la scomparsa dei diritti persino elementari della privacy e protezione dell'identità. ma noi sappiamo soprattutto i nomi dei tanti che si sono succeduti sotto l'insegna



della libertà naturalmente solo di mercato a erodere ogni forma d'eguaglianza e tutela nel mondo del lavoro e che sono trent'anni che distruggono a favore di cliniche private quella sanità pubblica che ha perso ben più della metà dei posti letto da quando fu aggredito infine il welfare. ed è per questo che non ignoriamo chi sono i responsabili palesi della strage lombarda e non ci sono nascosti neanche i nomi di chi ha preso tangenti dalle industrie farmaceutiche e dai consigli d'amministrazione dei centri di ricovero e di cura nati per le eccellenze ed incapaci di sostenere l'urto d'un contagio di certo pervasivo ma non tale da mettere in ginocchio una nazione che si fosse per tempo preparata a un evento che in tanti ritenevano inevitabile ma non letale come l'ha reso invero la mancanza del giusto in più di terapie intensive. anche di chi ha negato a tanta gente migrata per lavoro quell'accesso alla cittadinanza sanitaria che avrebbe preservato loro e gli altri non tarderebbe a venir fuori il nome se mai qualcuno ce lo richiedesse con quante prove a carico ci vogliono. e che dire di tutti gli scienziati esperti e giornalisti sempre in onda come nemmeno un tempo i calciatori che omettono ogni volta di ripetere a tutti noi che per quanto potente non tutto può la scienza che procede per prove e per errori e resta incerta. anche di loro ricordiamo i nomi e come non potremmo se ogni sera ritornano gli stessi quasi fossero i soli competenti in tutt'italia. e se pensate che per esser troppo potenti per il loro fatturato e camuffati a volte da politici eletti col suffragio universale e come spesso

accade rei confessi non sia giusto ripetere quei nomi di chi inquinò deforestò distrusse l'habitat di piante e d'animali favorendo di fatto lo sviluppo e poi la diffusione degli agenti patogeni e di quella zoonosi infine permanente in cui viviamo ebbene vi sbagliate perché occorre scandirli bene i nomi dei colpevoli e ribadire che son stati loro a lasciare del tutto inascoltati gli avvisi degli esperti e le proteste delle organizzazioni nate al tempo della fine dell'ultimo conflitto mondiale per pulirsi la coscienza ma mai davvero messe in condizione d'intervenire sulla scala giusta. nessuna pandemia si può sconfiggere all'interno di un singolo paese. e se la sanità non torna pubblica e gestita da un'internazionale della sopravvivenza della specie se non a questa spetterà alla prossima infezione virale cancellarci così senza alcun calcolo ma solo perché la vita sceglie le sue strade e ne lascia altrettante senza sbocchi. per questo che li sappia anche ciascuno di noi quei nomi e s'abbiano le prove necessarie per compiere giustizia mica basta perché dimentichiamo ogni cosa se torna la cuccagna d'immaginario che ci tenne chiusi in quarantena già da tanto prima che fosse necessario e allora serve ben altro serve mica aver l'elenco d'onesti e farabutti ma soltanto la voglia di tornare a fare fronte comune contro quanto s'impossessa dell'organismo giusto e si moltiplica alla cieca incurante di morire di quella stessa morte che propina. è un'altra l'infezione che ci uccide. e tutti noi non lo dimentichiamo.

“Prestes a voltar para casa...”

Mariano Bàino

(Nápoles, 1953)
Escritor e poeta



Prestes a voltar para casa, aparecem em meu campo visual algumas figuras em macacão branco ou madrepérola, com máscaras de proteção *full face*, munidas de pretos botões cilíndricos. Movem-se em um terraço oblíquo, um pouco acima da minha sacada, por entre as torrezinhas que reúnem as chaminés, sob a longa haste metálica de uma antena de televisão. Logo vão para dentro da casa. Médicos da peste enviados para fazer um teste? Para levar embora um morto? O novo contexto? A paisagem do morbo?

Na rede passam tantas coisas. Máscaras com certificação, sem certificação, em tecido, em algodão, com válvula, sem válvula. Servem. Não servem. Máscaras simples, cirúrgicas, filtrantes. Quando faz sentido ou não faz sentido usá-las. Somos obrigados a usá-las, mas também não o somos. Aquelas que servem apenas para não transmitir o vírus. Aquelas que servem apenas para não pegar o vírus.

Um Pascal da web, atualíssimo filósofo, aposta na máscara. O Homo Pandemicus, o cidadão pandêmico, deve escolher entre viver como se a máscara fosse eficaz e viver como se a máscara não o fosse. Trata-se de um jogo, de um risco, no qual devem ser considerados tanto a aposta quanto a perda ou o eventual ganho. Quem aposta na eficácia da máscara, se ganhar, ganha uma leva de saúde; se perder, seja como for, não perde nada além do que teria perdido de qualquer jeito sem usá-la. Pascal demonstra saber que nem todos podem acreditar a mando de alguém, mas, seguindo seu modelo, diz que é preciso trabalhar para se convencer, que é necessário entrar nos “mecanismos” da fé-prevenção, fazer tudo como se acreditássemos na eficácia do uso da máscara, de lavar continuamente as mãos, de manter a distância de um

metro para não ficarmos contagiados. Quem sabe o que pensa Pascal dos leilões desembestados na rede para assegurar para si as melhores máscaras, onde é pedido ao eventual adquirente que faça um lance, no escuro — os outros a que valor chegarão? —, com um limite de tempo. Deusmáscara. Máscara demiúrgaça. Pois é, o Homo Pandemicus, o cidadão pandêmico... Poderia não ser somente infodemia, somente um contágio de comunicados, vociferações, divulgações. Há também isso, também isso, mas junto com os mortos. O total, na Itália e no mundo, já é medonho. Os casos mortais se multiplicam. Uma epidemia real, global. O estranho morbo é de todos no planeta. Certas coisas pareciam desaparecidas. Todos sabiam que elas haviam desaparecido, com exceção dos mortos. As pestilências, a mortandade de homens são como as guerras: nos pegam desprevenidos, ninguém está disposto a crer que alguma coisa desse tipo possa durar. Não dura nada, não pode durar, é insulsa demais para não acabar logo, para não continuarmos a nos sentir livres, para não jogarmos com os dados, para não fazermos as coisinhas de sempre, para não ficarmos abraçados com o ente imaginário da ilusão, sem o qual como é possível viver? Além disso, são os homens que passam, que vão embora, que se fazem irreais, e não o pesadelo, não o massacre.

O bonsai que estava doente, vejo agora que bateu as botas vegetais, dissecado, mas também ensopado. Pergunto-me se também o bonsai conheceu seu *timor mortis*. Olho para aquela miniatura de árvore acabada enquanto vêm à minha cabeça as fogueiras da peste de Atenas, o livro de Tucídides, o de Lucrécio, que continua o relato. Nas prateleiras, os dois autores são uma edição vermelha e outra branca. Vou procurar os trechos pertinentes, mas que a leitura seja entremeada por um mínimo de paixão egoísta: humilhar o momento, não o sofrer, não me ver lendo sobre aquele suplício. Para percorrê-lo, como se não soubesse de nada, a incongruência de um *pesceduovo** acompanhado por um gole de vinho de altitude, da boa e velha reserva do advogado Buffaldieci. Então, os médicos nada podiam, não conheciam aquele mal, viam-se tratando-o pela primeira vez. Eram, aliás, as primeiras vítimas, porque eram eles que estavam em contato mais direto com quem havia sido afetado. Na geladeira, tem seis ovos, e vou colocar seis ovos:

os quero todos, unidos na luta. *Grana, pecorino*, farinha de rosca, um dente de alho para que seja superada a dúvida sobre a legitimidade de sua presença, azeite, sal e pimenta. Quebro os ovos, coloco na tigela, bato: repentinamente as pessoas eram acomedidas por um forte calor na cabeça, enrubesciam os olhos, garganta e língua ficavam logo vermelho-sangue, fôlego irregular e fedorento e queijos ralados, em seguida, espirros e rouquidão, e, em pouco tempo, a doença descia para o peito com forte tosse e farinha de rosca, alho picadinho, a salsinha atravessava o corpo todo. Uma vez sobrevivente ao mal, dele, contudo, restavam rastros e depois a mistura de ovos numa frigideira de ferro ou antiaderente eram atacados os genitais e as pontas das mãos e dos pés com um movimento circular, inclinar a frigideira e começar com a perda dessas partes, alguns até com a perda dos olhos e juntar a mistura no fundo, a natureza da epidemia superou as possibilidades da palavra enrolando a omelete, cozinhando-a em fogo lento, contagiavam-se como ovelhas e não havia um remédio que fosse único, tantos já haviam tido muitas perdas, completavam a obra de sepultamento de forma vergonhosa, utilizando piras já feitas para outros cadáveres, fazendo dourar de forma uniforme; outros jogavam numa pira, enquanto ali já ardia outro cadáver, o corpo que haviam trazido e imaginamos os vivos que se digladiavam com golpes de tochas para colocar ali os entes que lhes haviam sido queridos, para não abandoná-los, e as fogueiras vermelhantes diante da água tranquila e escura fazendo escorregar no prato e servir o *pesceduovo* bem quente.

Alguns filamentos da clara foram parar nas páginas dos livros, mas também filamentos das cenas dos livros foram parar no ovo batido. Queria ser também uma omelete de arte aruspicina, mas a lambança obtida não deixa, não autoriza o presságio propício.

* Literalmente peixe de ovo, ou seja, uma omelete cuja forma alongada se parece com a de um peixe. [N. T.]

“Sul punto di rientrare...”

Sul punto di rientrare compaiono nel mio campo visivo alcune figure in tuta integrale bianca o madreperlacea, maschere di protezione granfacciali, dotate di neri pasticconi cilindrici. Si muovono su uno sghembo terrazzo, un po' più in alto del mio balcone, fra le torrette che raccolgono le canne fumarie, sotto la lunga pertica metallica di un'antenna televisiva. Se ne vanno presto all'interno della casa. Medici della peste andati a eseguire un tampone? A portare via un morto? Il nuovo contesto? Il paesaggio del morbo? Sulla rete scorrono tante cose. Maschere certificate, non certificate, in tessuto, in cotone, con valvola, senza valvola. Servono. Non servono. Maschere semplici, chirurgiche, filtranti. Quando ha senso o non ha senso usarle. Si è obbligati a usarle, ma anche non obbligati. Quelle che servono solo per non trasmettere il virus. Quelle che servono solo per non farsi trasmettere il virus.

Un Pascal del web, oggi filosofo, scommette sulla mascherina. L'Homo Pandemicus, il cittadino pandemico, deve scegliere tra il vivere come se la mascherina fosse efficace e il vivere come se la mascherina non lo fosse. Si tratta di un gioco, di una scommessa, nella quale vanno considerati tanto la posta quanto la perdita o l'eventuale vincita. Chi scommette sull'efficacia della mascherina,

se guadagna, guadagna un sacco di salute; se perde, non perde nulla di più di quanto avrebbe perso comunque non portandola. Pascal mostra di sapere che non tutti possono credere a comando, ma in linea con il suo modello dice che bisogna lavorare per convincersi, che occorre entrare nei “meccanismi” della fede-prevenzione, fare tutto come se si credesse

all'efficacia dell'indossare la mascherina, del lavarsi continuamente le mani, del conservare la distanza di un metro per non restare contagiati. Chissà cosa pensa Pascal delle aste scatenatesi sulla rete per accaparrarsi le mascherine migliori,

dove viene chiesto all'eventuale acquirente di fare un'offerta, al buio — gli altri a che cifra saranno arrivati? —, con un limite di tempo. Diomascherina.

Mascherina demiurgaccia.

Già, l'Homo Pandemicus, il cittadino pandemico... Potrebbe non essere solo infodemia, solo un contagione di comunicati, vociferazioni, divulgamenti. C'è anche quello, anche quello, ma insieme ai morti. La somma, in Italia e nel mondo, è già paurosa. I casi mortali si moltiplicano.

Un'epidemia vera, globale. Lo strano morbo è di tutti nel pianeta. Certe cose sembravano scomparse. Tutti lo sapevano che erano scomparse. Tranne i morti. Le pestilenze, le morie di uomini, sono come le guerre, colgono impreparati, nessuno è disposto a credere che qualcosa del genere



durere. Non dura mica, non può durare, è troppo insulsa per non finire presto, per non continuare a sentirsi liberi, per non giocare a dadi, per non fare le cosucce di sempre, per non starsene abbracciati all'ente immaginario dell'illusione, senza il quale come puoi vivere? Poi sono gli uomini a passare, a scorrere via, a farsi irreali, e non l'incubo, non il massacro.

Il bonsai che era malato, vedo ora che ha tirato le sue cuoia vegetali, disseccato, ma anche infradiciato. Mi chiedo se anche quel bonsai ha conosciuto un suo *timor mortis*. Guardo quella miniatura d'albero finita, mentre mi vengono in mente i roghi della peste di Atene, il libro di Tucidide, quello di Lucrezio, che ne segue il racconto. Negli scaffali i due autori sono una rossa e una bianca edizione. Cercherò i brani attinenti, ma la lettura sia frammista a un minimo di passione egoistica: umiliare il momento, non subirlo, non vedermi leggere di quello strazio. Per ripercorrerlo come all'insaputa di me l'incongruità di un pesceduovo e poi un goccio di pedemontano vinello della buona e anziana riserva dell'avvocato Buffaldieci. Dunque i medici non potevano nulla, quel male non lo conoscevano, si trovavano a curarlo per la prima volta. Erano anzi i primi a caderne vittime perché erano loro a trovarsi più a diretto contatto con chi ne era colpito. In frigo sei uova ci sono e sei uova metterò: le voglio tutte, unite nella lotta. Grana, pecorino, pangrattato, spicchio d'aglio per il quale sia superato il dubbio sulla legittimità della presenza, olio, sale e pepe. Rompo le uova, verso in ciotola, sbatto: improvvisamente le persone erano colpite da un calore forte alla testa, si arrossavano gli occhi, gola e lingua erano subito rosso sangue, fiato irregolare e puzzolente e formag-

gi grattugiati, successivamente starnuto e raucedine, e in poco la malattia scendeva al petto con forte tosse e pangrattato, aglio a pezzettini, il prezzemolo attraversava tutto il corpo, se si sopravviveva al male ne restavano comunque tracce e poi il composto d'uova in una padella di ferro o antiaderente venivano attaccati i genitali e le punte delle mani e dei piedi con un movimento circolare inclinare la padella e iniziare con la perdita di queste parti, alcuni anche con la perdita degli occhi e radunare il composto nel fondo, la natura dell'epidemia superò le possibilità della parola arrotolando l'omelette, cuocendola a fuoco lento si contagiavano come pecore e non c'era un rimedio che fosse uno, molti avevano già avuto parecchi morti, compivano l'opera di sepoltura in modo vergognoso, utilizzando pire già innalzate per altri cadaveri facendo dorare in modo uniforme, altri gettavano su una pira, mentre già vi ardeva un altro cadavere, il corpo che avevano portato e immaginiamo i vivi che si battevano a colpi di torce per mettervi coloro che gli erano stati cari, per non abbandonarli e i roghi rosseggianti davanti all'acqua tranquilla e scura facendo scivolare sul piatto di portata e servire il pesceduovo ben caldo. Qualche filamento d'albume è andato a finire sulle pagine dei libri, ma anche filamenti delle scene dei libri sono finiti nel battuto d'uovo. Voleva anche essere una frittata d'arte aruspicina, ma il paciugo ottenuto non tende, non autorizza all'auspicio propizio.

Rebus

Homenagem a Robert Walser

Michele Gialdroni

(Roma, 1967)
Escritor e tradutor



Os copos estão todos desemparelhados, alguns garfos com dentes tortos, e temos uma colher com uma incrustação que não quer saber de sair. Quando decidimos por nos fecharmos em casa, pensamos que iríamos precisar de reservas para sair o menos possível. Eram os dias do receio de que pudessem faltar papel higiênico e fermento, entretanto havia apenas escassez de máscaras. Compramos muita fruta, muita verdura, arroz, macarrão, feijão. O feijão ainda está lá. A fruta tivemos que comê-la em poucos dias, pois ia estragar: uma comilança de manga, mamão, goiaba e abacaxi. Até enjoar. A verdura conseguimos cozinhá-la só em parte. Um mês depois, ainda havia cenouras carbonizadas e aipo petrificado na geladeira. Tivemos de esvaziá-la. Não tinha mais nada. O último pedaço de bacon, vencido, refogamos mesmo assim. Era preciso sair uma segunda vez, para uma segunda compra. Foi menor que a primeira, tentamos não repetir os mesmos erros. Compramos produtos não habituais para nós, com medo da rotina de uma vida de repente monótona, oficialmente monótona. Foi um erro trágico. Não comemos nada. Emagrecemos. Mas usávamos panelas e frigideiras como nunca. Cozinhávamos muito macarrão, isso sim. Receitas mais elaboradas, com vegetais variados, lasanhas, mas também

coisas mais simples, uma *carbonara*, um espagete alho e óleo, macarrão sem nada, a sopinha com caldo.

Não houve necessidade de nenhum trauma para percebermos que as tigelas estavam todas lascadas, que os pratos tinham leves trincas. Não haviam morrido nossos parentes e não conhecíamos ninguém que estivesse doente. Até um determinado momento, quando o porteiro interfonou para saber se estávamos bem. Que pergunta mais estranha. Sim, porque, no décimo terceiro andar, a senhora adoeceu e está no hospital. Mas não temos nada com que nos preocupar, é um bom hospital, lá ninguém morre.

O que queria dizer? E quem era a senhora do décimo terceiro andar? Eu me lembro dela, a via sair de manhã de roupa esportiva. Uma senhora idosa, com cabelos ralos, mas sempre em forma, de leggings e camisetas vistosas. Mal cumprimentava, mas pelos menos cumprimentava. Você acha que é ela? Não sei de quem você está falando. Onde foi parar a panela? Tem que cozinhar? Claro que tenho que cozinhar, são cinco horas! Que diabo de horário é, às cinco? Quero experimentar aquela receita que vi ontem na internet. Faltam alguns ingredientes, mas posso adaptá-la. Mas você está com vontade de cozinhar ou quer somente se manter ocupado? Qual

é a diferença? Você deve ter cozinhado mais nesses últimos dois meses do que em dez anos de casamento. Melhor assim, né? No porta-talheres da gaveta sempre havia uma grande confusão. Agora não, agora as colherinhas estavam todas alinhadas, as facas em ordem. Também havia facas maiores, que guardávamos num porta-facas na prateleira da cozinha, apesar de Sara ficar um pouco impressionada. O porta-facas era de madeira e com o tempo havia absorvido umidade, e estava mais escurecido e manchado. A madeira estraga, não se pode fazer nada. Mesmo destino das colheres de madeira, que usávamos para mexer o macarrão. Tínhamos duas: uma compramos nas férias, no Uruguai, a outra não me lembro, talvez no hipermercado. Agora as duas estavam quebradas, partidas. A bancada que imitava mármore continuava brilhante, mas as bordas se esfarelavam. A torneira da pia vazava, mas estávamos bem juntos, nunca brigávamos.

Pelo excesso de uso, a panela agora estava toda estragada. E pensar que era nova, comprada pela internet só um ano antes. Bonita, vermelha, antiaderente. Tão antiaderente que chegou a levantar minhas suspeitas. Material altamente tecnológico. Cancerígeno? Tomara que não.

Depois, num determinado momento, nos acostumamos, todos se acostumaram. Recomeçava-se a sair para um passeio matinal, uma volta furtiva no condomínio. Uma compra indispensável. Depois, uma útil. Por fim, uma desnecessária. Havíamos nos acostumado. Cozinhava-se menos. Compramos uma panela nova, ficaria intacta. Mas guardamos a velha, pode voltar a ser útil, com a colher do Uruguai e os ingredientes certos, aqueles indispensáveis, quando você quer fazer algo de gostoso.

(25 de agosto de 2020)

Rebus

Omaggio a Robert Walser

I bicchieri sono tutti spaiati, qualche forchetta ha i denti storti, e abbiamo un cucchiaino con una incrostazione che proprio non se ne va. Quando abbiamo deciso di chiuderci in casa, abbiamo pensato che avremmo avuto bisogno di scorte per uscire il meno possibile. Erano i giorni in cui si temeva che potessero scarseggiare carta igienica e fermento, invece scarseggiavano solo le mascherine. Comprammo molta frutta, molta verdura, riso, pasta, fagioli. I fagioli sono ancora lì. La frutta dovemmo mangiarla in pochi giorni perché si sarebbe rovinata: una abbuffata di mango, papaya, guave e ananas. Fino alla nausea. La verdura riuscimmo a cucinarla solo in parte. Un mese dopo c'erano ancora carote carbonizzate e sedani impietriti in frigo. Dovemmo svuotarlo. Non c'era più niente. L'ultimo pezzetto di bacon, scaduto, lo soffriggemmo lo stesso. Bisognava uscire una seconda volta, per la seconda spesa. Fu più piccola della prima, cercammo di non ripetere gli stessi errori. Comprammo prodotti inconsueti per noi, temendo la ripetitività di una vita improvvisamente monotona, ufficialmente monotona. Fu un tragico errore. Non mangiammo nulla. Dimagrimmo. Le pentole e le padelle però le usavamo, eccome. Cucinavamo tanta pasta, questo sì. Ricette più elaborate,

con verdure varie, timballi, ma anche cose più semplici, una carbonara, uno spaghetti aglio e olio, la pasta in bianco, la minestrina con il dado.

Non c'era stato bisogno di alcun trauma per accorgerci che le scodelle fossero tutte sbrecciate, che i piatti avessero delle leggere fessure. Non erano morti nostri parenti e non conoscevamo nessuno che si fosse ammalato. Fino ad un certo punto, quando il portiere citofonò per sapere se ci sentissimo bene. Che strana domanda. Sì, perché al tredicesimo piano la signora si è ammalata, è in ospedale. Ma non dobbiamo preoccuparci, quello è un ospedale buono, lì non ci muore nessuno.

Che voleva dire? E chi era la signora del tredicesimo piano? Io la ricordo, la vedevo uscire al mattino in abbigliamento sportivo. Una signora anziana, con i capelli radi, ma sempre in forma, con i leggings e le magliette sgargianti. Salutava appena, eppure salutava. Dici che sia lei? Non so di chi parli. Dov'è finita la pentola? Devi cucinare? Certo che devo cucinare, sono le cinque! Che razza di orario è, le cinque? Voglio provare quella ricetta che ho visto ieri in Internet. Mi mancano un paio di ingredienti, ma la adatto. Ma hai voglia di cucinare o cerchi solo di tenerti occupato? Che differenza fa? Avrai cucinato più

negli ultimi due mesi che in dieci anni di matrimonio. Meglio, no? Nel portaposate del cassetto c'era sempre stata una grande confusione. Ora no, ora i cucchiaini erano tutti allineati, i coltelli in ordine. C'erano poi coltelli più grandi, che tenevamo in una coltelliera sul ripiano della cucina, anche se a Sara faceva un po' impressione. La coltelliera era di legno e con il tempo aveva assorbito dell'umidità, si era offuscata e macchiata. Il legno si rovina, non c'è niente da fare. Stessa sorte per i cucchiaini di legno che usavamo per girare la pasta. Ne avevamo due: uno l'avevamo comprato in vacanza, in Uruguay, l'altro non ricordo, forse all'ipermercato. Ora erano rotti tutti e due, spezzati. Il ripiano di finto marmo era sempre lucido, ma i bordi si sbriciolavano. Il rubinetto del lavello perdeva, ma stavamo bene insieme, non litigavamo mai.

L'avevamo usata troppo la pentola, ora era tutta rovinata. E dire che era nuova, comprata in Internet appena l'anno prima. Bella, rossa, antiaderente. Talmente antiaderente da insospettirmi. Materiale altamente tecnologico. Cancerogeno? Speriamo di no. A un certo punto poi ci siamo abituati, tutti si sono abituati. Si ricominciava a uscire per una passeggiata all'alba, un giro furtivo del condominio. Un acquisto indispensabile. Poi uno utile. Infine uno innecessario. Ci si era abituati. Si cucinava meno. Comprammo una nuova pentola, sarebbe rimasta intatta. Ma quella vecchia l'abbiamo messa da parte, può tornare utile, con il cucchiaino dell'Uruguay e gli ingredienti giusti, quelli indispensabili, quando vuoi fare qualcosa di buono.

(25 agosto 2020)

Neste lugar abstrato

Franco Rella

(Rovereto, 1944)

Filósofo, ensaísta e escritor



Neste lugar abstrato. Penso nisso, penso nessa afirmação que aflora sei lá de onde, no meu pensamento, como um refrão absurdo e obsessivo. Pergunto-me como um lugar possa ser abstrato. O lugar é como o mundo. Está cheio, não é simplesmente um espaço, que é, justamente, por definição, desprovido de qualidade, pura realidade mental, geométrica e, portanto, abstrata. O lugar é um tópos: é onde se está. Saindo do tópos, deste lugar aqui onde estou, onde você está, entra-se numa dimensão atópica, que, também ela, não é abstrata. É, aliás, caracterizada por uma singularidade extrema, única assim como o tópos. Agora eu estou num lugar, certamente. Mas sinto efetivamente este lugar como um lugar abstrato, do qual desapareceu qualquer qualidade que possa defini-lo como um lugar. Em que, portanto, não se sabe quem se é e no qual parece que todo pensamento se retraiu para murchar num canto junto com muitos outros pensamentos — meus, de outros — abandonados como um monte de trapos inúteis. Um lugar abstrato, de novo. Talvez — tento me explicar — um lugar onde estou e onde não estou. Essas palavras transformadas por mim num problema voltam também como uma obsessão. Tomam conta de mim e pegam o lugar de outros possíveis pensamentos que parecem,

ao contrário, se afrouxarem e esfrelarem mal se insinuam nos limiares da consciência.

Tento explicar, mesmo se não sei a quem possa se dirigir essa minha explicação. A bolha da pandemia, em que fiquei protegido e ao mesmo tempo prisioneiro, é um lugar abstrato. Foi exatamente este lugar abstrato que se apresentou para mim inequivocamente, incontornavelmente. Penso nisso, mas, ao mesmo tempo, penso que a bolha pandêmica, mesmo quando somente olhada de soslaio pelos vidros de minha janela, foi, ao contrário, um espaço muito real, um lugar em nada abstrato, perpassado por imagens lancinantes de dor e por um difuso cheiro de morte. Um cheiro de morte? Sim, um muito pouco literário cheiro de morte, bem diferente daquele vagamente adocicado que respirava Hanno nos *Buddenbrook* ou Hans Castorp, ao lado do leito em que jazia o avô, e, depois, lá em cima, no alto, na *Montanha mágica*. Na bolha, a morte teve um cheiro que permanece, que não sei descrever, mas que parece ter impregnado minhas roupas, as paredes do meu quarto, as páginas dos livros, a superfície dos objetos, que parecem ter perdido sua inocência. Ou, talvez, mais provavelmente, tenha penetrado nas células do meu cérebro, onde, talvez, irá permanecer para sempre. Talvez no cérebro de todos. Talvez

irá se falar de células de morte para sempre e para sempre dormentes nos nossos cérebros, no cérebro da humanidade.

Mas volto à questão do lugar abstrato que deu início a esta incoerente investida mental. Volta como uma obsessão, tanto que me pergunto se tem a ver com o meu estado mental. Posso definir-me um depressivo, que aspira um aroma mortal e ao mesmo tempo insiste numa falsa questão aumentada, como se fosse o enigma definitivo da Esfinge? Resolvo que não. Uma longa vida passada a auscultar minhas inúmeras doenças me deu condição de ler com alguma precisão meus sintomas, e, até mesmo, em alguns casos, de cogitar alguma terapia. Portanto, não é a depressão que me recoloca mais uma vez num mundo abstrato. Essa afirmação, em si desprovida de sentido, volta continuamente, imagem ou pensamento ou obsessão, que encrespa a superfície cinzenta que talvez cubra o mundo, ou ao menos o meu mundo, uma camada de hábitos que se estende sobre a minha vida, agora não mais sulcada de desejos ou esperas. É isso, vivo a queda do desejo. A queda de qualquer espera. O lugar esvaziou-se, o mundo agora se tornou de verdade meu lugar abstrato. Aquela imagem captava, portanto, um estado existencial meu, uma realidade mental minha.

Parece-me agora poder enxergar um sentido. Parece-me poder entender algo do meu estado. A pandemia fez aflorar a fragilidade do humano, descobrindo no fundo que essa mesma fragilidade é o próprio humano. Poderia ser chamada de função positiva. Fragilidade, criaturalidade, mesmo quando esta foi encoberta pela máscara da força e do poder. O poderoso sabe chegar a uma ferocidade extrema justamente para cobrir sua própria caducidade

e sua própria inevitável fraqueza. Para cobrir aquele cheiro de morte que acompanha os mortais. Todos os mortais. A pandemia, no entanto, também produziu nos confins dos humanos a fenda da qual saiu como um pus o desumano. Definiu, por exemplo, os contornos de uma nova raça danada: vida nua, vida matável, vida sacrificável, horrenda vida, vida sem adjetivos, a ser evitada assim como se evita um contágio. É a nova raça danada da velhice. No fundo, humano e desumano jazem ambos no mesmo plano. A pandemia os fez virem à tona juntos, às vezes como um regurgito nauseabundo, outras vezes com um destaque e uma evidência lancinante.

A pandemia produziu também um falatório. Como sempre, em volta dos grandes eventos, se formam pequenas aglomerações, como disse Karl Kraus. A partir da tagarelice dos vários sábios que ganham sua comissão contradizendo-se na televisão. Mas também a desajeitada, estulta, repetida e muito pouco tranquilizante declaração: “Vai dar tudo certo”.

E eu em tudo isso? Eu me descobri parte daquela nova raça danada. Isso produziu consequências que procurarei explicar, esperando tornar compreensível algo que se agita confusamente em mim ou à minha volta.

A pandemia trouxe dor e desgraça e, como já disse, a definição de uma nova raça. Adicionou, portanto, trouxe algo para o mundo. Dor e desgraça são a paisagem de sempre, inclusive a velhice faz parte delas. A novidade trazida para o mundo é exatamente a de transformar a velhice numa raça danada. Trouxe, portanto, uma nova classificação, mas contemporaneamente também tirou algo. O que tirou de mim, em particular? De mim e talvez dos outros.

Talvez de todos. De fato, na abominada e dilacerada imagem da raça danada, no fim, espelham-se realmente todos. A raça danada é um *memento mori*, que nos faz saborear o acre sabor da precariedade. Criaturas de um dia, diziam os gregos.

Por fim chega-se aqui, ao que os gregos já cantavam com Homero. E também muitos anos antes Gilgâmesh na Mesopotâmia. Mas quero voltar a um ponto delicado e complexo que me diz respeito de verdade. Quero tentar dizer o que Pandemia me tirou. Me dou conta de que meu discurso se assemelha a um delirante vaguear em volta de um ponto cego, mas agora talvez possa dizê-lo com uma frase muito curta, com uma palavra, seca. A pandemia me tirou mundo. Vivi uma subtração de mundo. Foi-me subtraído o mundo ou mais precisamente me foi subtraído mundo sem o artigo definido “o”, de fato, aqui há pouco a ser definido. Por isso a expressão “um lugar abstrato” me intrigou tanto. Um lugar, um mundo transformado em abstrato, porque despido das coisas que o habitavam, das coisas desejáveis ou pouco desejáveis que se encontravam nele. Talvez o desejo esteja sempre fadado à queda, segundo sua etimologia, que o abre para descobrir nele a separação das estrelas. O desejo significa sem estrelas. Desejar, segundo o étimo, significa ser remoto e opaco ao céu. Ou aspirar ao céu ausente?

Mas eu não olho para as estrelas. Meu olhar vaga na terra. Agora não desejo nada, porque o que eu poderia querer me foi tirado, subtraído, apagado, rasurado a ponto que começo a não lembrar mais o que me foi tirado. O que queria e o que desejava. Por quem e como foi tirado é difícil de dizer. Parece-me agora muito simples dizer pandemia, que certamente é o lugar e o tempo em que se

deu a subtração, mas não tenho elementos para dizer — diferentemente do que acabei de declarar — que justamente ela tenha me tirado mundo. É difícil para mim dizer se sou eu quem padece dessa subtração ou se também outros, ou até mesmo todos, pelo menos todos aqueles que foram prisioneiros da pandemia, padecem dela. Não posso perguntar para ninguém, porque, com as partes de mundo que me foram subtraídas, muitas ou talvez todas as minhas relações parecem ter evaporado, deixando-me aqui sozinho, neste quarto, com esta janela pela qual raramente olho para o fora. De resto, não pode ser diferente. Cada pessoa conhecida, amada ou odiada, faz parte do mundo, fazia parte do meu mundo. Com a subtração de mundo, com seu retrair-se e enrugar-se, desapareceram as pessoas que o habitavam. Continuam desaparecendo. Vivo em afasia no deserto. Este é o meu quarto. Vivo em exílio. *Völligfremder*, totalmente estrangeiro, como K. no *Castelo*. Eis que mais uma vez Kafka intervém para me explicar o que estou vivendo.

Devo fazer uma correção. Disse acima “padeço dessa subtração”. Padeço no sentido de que a sinto, mas não há um verdadeiro padecimento, uma *souffrance*, para dizê-lo com Leopardi. Neste mundo abstrato fica-se como anestesiado. Acredito ser preciso uma vontade enorme para se sacudir. Uma vontade enorme também para sofrer. Será provavelmente necessário fazê-lo, porque se conformar com a subtração de mundo significa provavelmente colocar-se fora do mundo e, portanto, talvez fora do humano. Penso na solitária fera sem nome que vivia na *Toca* que nos contou Kafka ou naquela humanidade desumanada estendida na lama negra que nos narrou Beckett em *Como é*.

Heidegger do mundo, *die Welt*, extraiu o verbo *welten*: *die Welt weltet*, o mundo mundiza. O mundo recua do animal que é pobre de mundo e da pedra que é sem mundo: *die Welt un-weltet*. Portanto, o mundo mundiza, mas também o mundo desmundiza. O carrapato de Jacob von Uexküll está suspenso, quase totalmente sem mundo, acima do mundo, pronto a se precipitar sobre um animal que tem mais mundo para corroê-lo. O carrapato à conquista de um pouco de mundo.

Mas quero abandonar esses pedaços de memória que me levaram até Heidegger. Não totalmente, porque ainda é Heidegger que alerta que existir é estar no mundo. Trema-se, então, diante do abismo do *Unwelt*, do não-mundo em que se precipitam ser e existir. A perda do mundo é perda de existência. Mas aqui, na minha história, é outra coisa. Não há um abismo. O mundo retraiu-se, reduziu-se como um tecido que encolhe ao secar ou como a pele de Onagro do grande conto de Balzac, em que a soma desmedida de desejos reduziu a nada a pele de Onagro. A menção à pele de Onagro pode ser uma falsa pista. A ausência atual de desejos neste lugar abstrato não é o resultado de um excesso de desejo. Eu estava no mundo e agora quase não tenho mais mundo. Estou ainda no mundo, mas à beira de um mundo ausente, já vivencio a falta de mundo. Vivo, isto é, num mundo abstrato.

Estou dentro ou estou fora dos limites do humano?

Uma longa pesquisa, o que mais poderia fazer a não ser me dedicar a tortuosas pesquisas, me levou a um texto poético em que aflora “este lugar abstrato”. É um poema de Silvia Bre. E o poema é o seguinte:

e aqui onde eu estou eu não sou
senão a paz profunda de mim mesma
e não sei mais o que sou
e nem um pensamento que me venha
neste lugar abstrato da história
por mais leve que quis a minha vida
nunca quis tão leve a minha morte
e já que estou aqui
eu estou quieta
somente
às vezes
como se fosse em sonho
sinto dois olhos ignotos
entrar
dentro dos meus olhos de pedra.

Neste lugar abstrato. Exatamente o “neste” o qualifica. Não por acaso foi definido adjetivo ou pronome — neste caso, adjetivo — demonstrativo. Com isso se abre uma primeira contradição: um lugar abstrato não pode ser “este”. Mas Silvia afirma logo: “aqui onde eu estou eu não sou”. A coincidência e contemporaneidade de estar e não ser transforma o lugar, o tópos, em atopia, em estranhamento. Mas como se pode estar em atopia, no exílio de atopia, numa condição em que aflora “a paz profunda de mim mesma”? Atopia e paz? Uma paz dúbia, porque o texto continua numa sensação extrema de estranhamento: “não sei mais o que sou / e nem um pensamento que me venha / neste lugar abstrato da história”. O texto de Silvia Bre aproximou-se do que tentei dizer. Ou será que eu, inconscientemente, me aproximei de seu texto que não conhe-

cia antes de começar esta reflexão, que, à medida que avança, me parece se enroscar em si mesma, sem levar a lugar nenhum. Notei logo a afirmação dela: “não sei mais o *que* sou”. Ela não diz: “não sei mais *quem* sou”, como pareceria óbvio. Porque aqui, neste texto, é exatamente o eu — a sua identidade, a sua história — que está em questão. Não há pensamento que venha no lugar em que ela está, em que se está, neste lugar abstrato da história, porque aqui não domina mais o Eu, que parece ter perdido sua antiga senhoria. Assim, não se sabe o *que* se é. Talvez, este lugar abstrato da história seja a própria bolha. Talvez o poema fale disso, mesmo se não faço ideia de quando foi escrito.

Já reparei na coincidência entre estar e não estar, no mesmo lugar e no mesmo tempo. Essa situação é mais uma vez reafirmada nesse poema. Ela, Silvia, talvez, quis, escreve, “leve a minha vida” e “leve a minha morte”. Mas percebe também que aqui, portanto neste lugar abstrato, “dois olhos ignotos” podem “entrar / dentro dos meus olhos de pedra”. Os olhos ignotos talvez sejam os olhos da Górgona, que tornam de pedra os seus olhos? Ou talvez já fossem petrificados? O encontro com a Górgona já havia acontecido? Se Heidegger tiver razão, a pedra é sem mundo. Seus olhos agora são privados de mundo. Então, neste lugar abstrato da história, desta minha história, neste tempo em que vivo, os meus olhos também são privados de mundo. Não veem mundo. Ou veem pouco mundo. Odisseu à beira do reino dos mortos ouviu Tirésias, falou com a mãe, com os heróis “mas se reuniram imensas massas de mortos / com um estranho vozerio. Fui tomado por uma pálida angústia, / que não me mandasse do Hades, a ilustre Perséfone, / a cabeça da Górgona, o terrível monstro”. Dentro da bolha, os olhos que se

fixaram em mim são os olhos da Górgona, que me atraíram para a massa dos mortos, dos mortos sem voz. Pois na bolha nem os moribundos nem os mortos tinham voz. Nela dominava um estranho ruído uniforme, uma espécie de mudo gemido. Eis a vontade de petrificar para não sentir mais aquele inquietante lamento sombrio, que parece exalar da própria terra.

Talvez neste meu desorganizado discurso tenha deixado cair algo que precisa ser explicado e que me obriga a dar um passo atrás. Não lhe dei muito peso, pensando que, no rumor das palavras ou na sequência que avança deslizando na página como uma cobra ou uma lesma com seu argênteo rastro de baba, não teria sido notado. Algo contraditório e que é, acredito, verdadeiro exatamente nessa sua contradição. Tento retomá-lo e esclarecer na medida do possível. Efetivamente tenho a impressão de que nas fendas que se formaram no mundo, à medida que este me escapava, perdi muitas palavras. Portanto, não apenas pobre de mundo, mas também pobre de linguagem, pobre de palavras. Bataille e depois Blanchot disseram que é necessário despedaçar a linguagem, abrir nela as passagens rumo ao impossível ou, no caso de Blanchot, para um fora que nunca foi especificado por ele. Não é o meu caso. A pobreza é verdadeira pobreza. De palavras, mas, acredito, sobretudo de imagens. Se conseguir sair da bolha, se sobreviver a essa situação, terei fragmentos, estilhaços de imagens. As pessoas que andam mascaradas pelas ruas. Descartes afirmava *l'arvatus prode*, ando mascarado pelas ruas de Amsterdam. Mascarar-se significava para ele confundir-se na multidão de Amsterdam, que se mascarava para assumir o aspecto de uma futura metrópole. Assim como o homem da multidão do conto de Edgar Allan

Poe, que também se mascarava misturando-se com as pessoas. A máscara de hoje é exatamente o contrário. Cobre-se o rosto e evita-se se misturar com outras pessoas. Para manter a distância, passa-se rente aos muros ou se avança equilibrando-se no meio-fio da calçada. E você descobre que os olhos não são o espelho da alma. O rosto apagado pela máscara subtrai luz ao olhar. A tira de pano do nariz ao queixo cobre assim como a máscara negra inteira, a máscara de ferro que apaixonou Voltaire e depois Dumas. Mas não tenho apenas fragmentos de imagens do povo dos mascarados. Também tenho lívidas imagens noturnas dos caminhões militares em que foram empilhados, um em cima do outro, os caixões de quem morreu tendo diante dos olhos a máscara ou o escafandro que protegia do contágio o médico ou o enfermeiro. A solidão desses mortos se inverte e se espelha na anônima multiplicidade dos caixões empilhados e transportados aos fornos crematórios em que a chama nunca chegava a se apagar.

Me dou conta de que este meu vaguear entre as palavras pode parecer uma dilação contínua, o que na Idade Média era chamado de *delectatio morosa*, como se fosse uma espécie de dança em volta de um centro oculto. Ou um centro vazio? Difícil dizer. Talvez tenha assumido involuntariamente o passo incerto de quem anda num terreno inóspito, a superfície de um mundo ao qual foram subtraídos pedaços. O passo incerto, mas também o pensamento incerto, e incertas são também as palavras. Às vezes as pronuncio — de mim para mim mesmo. Na bolha nunca falei. O som da minha voz, agora que a ouço de novo, me parece opaco, ofuscado, como se viesse de longe. Mas chego finalmente à contradição, àquele algo de contraditório que deixei cair na página.

Escrevi mais acima: “A bolha da pandemia, em que fiquei protegido e ao mesmo tempo prisioneiro, é um lugar abstrato”. Protegido e prisioneiro. Certo, alguém pode se sentir protegido nas paredes de um presídio quando lá fora se alastra o horror. Vêm-me à mente os monges na Idade Média, ocupados em copiar manuscritos ou inventariar ervas, enquanto fora dali passavam hordas de bárbaros e exércitos com a fúria do fogo. Jünger fala disso em *Tempestades de aço*, provavelmente fazendo alusão ao escritor que foge ao conflito, à guerra que para ele era uma grande experiência espiritual. Mas aqui estou falando de mim. Estou falando da onda da pandemia que roçava o peitoril da minha janela e constituía uma espécie de barreira móvel entre mim e o mundo. Protegido, portanto, mas depois essa distância, essa subtração se tornou justamente subtração de mundo. Me senti fechado nesta subtração, fechado sem caminho de fuga deste lugar desnudado de tudo e, portanto, abstrato.

Me dou conta só agora, em retrospecto, que a figuração que eu conseguia conceber da onda pandêmica se assemelhava de verdade à cabeça da Górgona. Uma leitosa, deforme cabeça da Górgona. Vi as imagens aumentadas do vírus, uma espécie de astro multicolor. A onda pandêmica, a onda do vírus perdeu na minha imaginação toda cor. Tornou-se uma realidade magmática, grudenta, que gruda nos muros, rasteja e se propaga nas superfícies, ocupando mundo e, portanto, subtraindo mundo. Perceber seu ciclo fora da janela, o som indefinível, que me fez pensar no ruído de um sapo esmagado, me tornou prisioneiro. E protegido. Mas talvez o contágio tenha acontecido. O vírus com sua coroa e seu cetro cavou seu trono no nosso imaginário. Ali ficou. Ali fica.





In questo luogo astratto

In questo luogo astratto. Ci penso, penso a questa affermazione che affiora da chissà dove, nel mio pensiero, come un assurdo e ossessivo ritornello. Mi chiedo come possa essere astratto un luogo. Il luogo è come il mondo. È pieno, non è semplicemente uno spazio, che è appunto, per definizione, privo di qualità, pura realtà mentale, geometrica, e dunque astratta. Il luogo è un topos: è dove si è. Uscendo dal topos, da questo luogo qui dove sono, dove sei, si entra in una dimensione atopica, che pure anch'essa non è astratta. È anzi caratterizzata da una singolarità estrema, altrettanto unica del topos. Ora io sono in un luogo, certamente. Ma avverto effettivamente questo luogo come un luogo astratto, da cui è scomparsa ogni qualità che lo possa definire come un luogo. In cui dunque non si sa chi si è, e in cui pare che ogni pensiero si sia ritratto per avvizzirsi in un canto insieme a tanti altri inutili pensieri — miei, di altri — abbandonati come un mucchio di stracci inutili. Un luogo astratto, di nuovo. Forse — cerco di spiegarmi — un luogo dove sono e dove non sono. Queste parole che ho trasformato in un problema tornano anch'esse come un'ossessione. Mi occupano e prendono il posto di altri possibili pensieri che sembrano invece afflosciarsi e sfarinarsi non appena si affacciano alle soglie della coscienza.

Cerco di spiegare, anche se non so a chi possa essere rivolta questa mia spiegazione. La bolla della pandemia, in cui sono stato protetto e al tempo stesso prigioniero, è un luogo astratto. È stato proprio questo luogo astratto che mi si è presentato inequivocabile, inaggrabile. Penso questo ma al tempo stesso penso che la bolla pandemica, anche soltanto sogguardata attraverso i vetri della mia finestra, è stata invece uno spazio realissimo, un luogo

tutt'altro che astratto, attraversato da immagini strazianti, di dolore e da un diffuso odore di morte. Un odore di morte? Sì, un assai poco letterario, odore di morte, ben diverso da quello vagamente dolciastro che respirava Hanno nei *Buddenbrock* o Hans Castorp accanto al letto in cui giaceva il nonno, e poi lassù, in alto, sulla *Montagna magica*. Nella bolla la morte ha avuto un odore che permane, che non so descrivere, ma che mi pare abbia impegnato i miei vestiti, le pareti della mia stanza, le pagine dei libri, la superficie degli oggetti, che sembrano aver perduto la loro innocenza. O forse, più probabilmente, è penetrato nelle cellule del mio cervello dove forse rimarrà per sempre. Forse nel cervello di tutti. Si parlerà forse di cellule di morte da sempre e per sempre dormienti nei nostri cervelli, nel cervello dell'umanità.

Ma torno alla questione del luogo astratto, che ha dato il via a questa incoerente scorribanda mentale. Torna come un'ossessione, tanto che mi chiedo se abbia a che fare con uno mio stato mentale. Posso definirmi un depresso, che aspira un aroma mortale e al tempo stesso si accanisce su una falsa questione ingigantita come fosse il definitivo enigma della Sfinge? Decido di no. Una lunga vita ad auscultare le mie innumerevoli malattie mi ha messo in condizione di leggere con una certa precisione i miei sintomi, e persino in qualche caso di ipotizzare una qualche terapia. Non è la depressione dunque che mi riposta ancora una volta a un mondo astratto. Questa affermazione, in sé priva di senso, torna continuamente, immagine o pensiero o ossessione, che increspa la grigia superficie che forse copre il mondo, o almeno il mio mondo, una coltre di abitudini che si distende sulla mia vita, ora non più solcata da desideri o attese. Ecco, vivo la caduta del desiderio. La caduta

di ogni attesa. Il luogo si è svuotato, il mondo è ora diventato davvero il mio luogo astratto. Quell'immagine coglieva dunque un mio stato esistenziale, una mia realtà mentale.

Mi pare ora di poter intravedere un senso. Mi pare di poter capire qualcosa del mio stato. La pandemia ha fatto emergere la fragilità dell'umano, scoprendo in fondo che proprio questa fragilità è l'umano stesso. La si potrebbe dire una funzione positiva. Fragilità, creaturalità, anche quando questa è stata coperta dalla maschera della forza e del potere. Il potente sa spingersi a una ferocia estrema proprio per coprire la propria caducità e la propria inevitabile debolezza. Per coprire quell'odore di morte, che accompagna i mortali. Tutti i mortali. Però la pandemia ha anche prodotto nei confini dell'umano quella crepa da cui è uscito come un pus il disumano. Ha, per esempio, definito i contorni di una nuova razza dannata: vita nuda, vita uccidibile, vita sacrificabile, orrenda vita, vita senza aggettivi, da fuggire si fugge un contagio. È la nuova razza dannata della vecchiaia. In fondo, umano e disumano giacciono entrambi sullo stesso piano. La pandemia li ha fatti risaltare entrambi insieme, talora come in un rigurgito nauseabondo, e talora, invece, con un rilievo e una evidenza lancinante.

La pandemia ha prodotto anche un cicaleccio. Come sempre intorno ai grandi eventi si formano capannelli, come ha detto Karl Kraus. A partire dal chiocciolo dei vari sapienti che si guadagnavano il gettone contraddicendosi in televisione. Ma anche la goffa, stolido, ripetuta e assai poco rassicurante dichiarazione: "Andrà tutto bene".

Io in tutto questo? Io mi sono scoperto parte di quella nuova razza dannata. Questo ha prodotto delle conseguenze, che cercherò di

spiegare, sperando di rendere comprensibile qualcosa che si agita confusamente in me o intorno a me.

La pandemia ha portato dolore e sventura e, come ho già detto, la definizione di una nuova razza. Ha dunque aggiunto, portato qualcosa nel mondo. Dolore e sventura sono il paesaggio di sempre, anche la vecchiaia ne fa parte. La novità portata nel mondo è proprio quella di trasformare la vecchiaia in una razza dannata. Dunque, ha portato una nuova classificazione, ma al contempo ha anche tolto. Cosa ha tolto a me, in particolare? A me e forse ad altri. Forse a tutti. Infatti, nella aborrita e straziata immagine della razza dannata alla fine si specchiano davvero tutti. La razza dannata è un memento mori, che ci fa assaggiare l'acre sapore della precarietà. Creature d'un giorno, dicevano i Greci.

Alla fine si arriva qui, a quello che i Greci già cantavano con Omero. E anche molti anni prima Gilgameš in Mesopotamia. Ma voglio tornare ad un punto delicato e complesso, che mi riguarda davvero. Voglio cercare di dire ciò che Pandemia mi ha tolto. Mi rendo conto che il mio discorso assomiglia ad un delirante girovagare intorno a un punto cieco, ma ora forse posso dirlo in una frase molto breve, in una parola, secca. La pandemia mi ha tolto mondo. Ho vissuto una sottrazione di mondo. Mi è stato sottratto il mondo, o più precisamente mi è stato sottratto mondo senza l'articolo determinativo "il", infatti qui c'è poco da determinare. Per questo l'espressione "un luogo astratto" mi ha così preso. Un luogo, un mondo reso astratto perché spogliato dalle cose che lo abitavano, dalle cose desiderabili o poco desiderabili che vi si trovavano. Forse il desiderio è sempre destinato alla caduta, secondo la sua etimologia, che lo apre per scoprirvi il distacco dalle

stelle. Il desiderio significa senza stelle. Desiderare, secondo l'etimo, significa essere remoto e opaco al cielo. Oppure aspirare al cielo assente?

Ma io non guardo alle stelle. Il mio sguardo vaga sulla terra. Ora non desidero nulla perché ciò che potrei volere mi è stato tolto, sottratto, cancellato, abraso al punto che comincio a non ricordare più cosa mi è stato tolto. Cosa volevo e cosa desideravo. Da chi e come sia stato tolto è difficile dirlo. Mi pare ora troppo semplice dire pandemia, che certamente è il luogo e il tempo in cui è avvenuta la sottrazione, ma non ho elementi per dire — al contrario di quanto ho appena affermato — che proprio essa mi abbia sottratto mondo. Mi è difficile dire anche se sono io che patisco questa sottrazione, o se anche altri, o addirittura tutti, almeno tutti quelli che erano stati prigionieri di pandemia la patiscono. Non posso chiedere a nessuno, perché con le parti di mondo che mi sono state sottratte molti o forse tutti i miei rapporti sembrano essere evaporati, lasciandomi qui solo, in questa stanza, con questa finestra da cui raramente guardo il fuori. D'altronde non può essere altrimenti. Ogni persona conosciuta, amata o odiata fa parte del mondo, faceva parte del mio mondo. Con la sottrazione di mondo, con il suo ritrarsi e raggrinzirsi, sono sparite le persone che lo abitavano. Continuano a sparire. Vivo in afasia nel deserto. Questa è la mia stanza. Vivo in esilio. *Völlig fremder*, totalmente straniero, come K. nel *Castello*. Ecco che ancora una volta Kafka interviene a spiegarmi ciò che sto vivendo.

Devo fare una correzione. Ho detto sopra “patisco questa sottrazione”. Patisco nel senso che l'avverto, ma non c'è un vero e proprio patimento, una *souffrance* per dirla con Leopardi. In questo

mondo astratto si è come anestetizzati. Penso ci voglia una volontà enorme per scuotersi. Una volontà enorme anche per soffrire. Sarà probabilmente necessario farlo, perché accomodarsi nella sottrazione di mondo significa probabilmente porsi fuori dal mondo, e dunque, forse fuori dall'umano. Penso alla solitaria bestia senza nome che viveva nella *Tana* di cui ci ha raccontato Kafka, o a quell'umanità disumanata distesa nella belletta negra di cui ha narrato Beckett in *Come è*.

Heidegger dal mondo, *die Welt*, ha tratto il verbo *welten*: *die welt weltet*, il mondo mondeggia. Il mondo si ritrae dall'animale che è povero di mondo, e dalla pietra che è priva di mondo: *die Welt un-weltet*. Dunque, il mondo mondeggia ma anche il mondo smondeggia. La zecca di Jacob von Uexküll è sospesa, quasi totalmente senza mondo, sopra il mondo, pronta a precipitarsi su un animale che ha più mondo per intaccarlo. La zecca alla conquista di un po' di mondo.

Ma voglio abbandonare questi brandelli di memoria che mi hanno condotto a Heidegger. Non del tutto perché è ancora Heidegger che avverte che esistere è essere nel mondo. Si trema dunque di fronte all'abisso dell'*Unwelt*, del non-mondo in cui precipitano essere e esistere. La perdita del mondo è perdita di esistenza. Ma qui, nella mia storia, è un'altra cosa. Non c'è un abisso. Il mondo si è ritratto, si è ridotto come una stoffa che si ritira asciugandosi, o come la pelle di Zigrino del grande racconto di Balzac, dove la somma smodata dei desideri ha ridotto a nulla la pelle di zigrino. Il richiamo alla pelle di zigrino può trarre in inganno. L'assenza attuale di desideri, in questo luogo astratto, non è l'esito di un eccesso di desiderio. Ero nel mondo e ora non ho quasi più mondo.

Sono ancora nel mondo ma sull'orlo di un mondo assente, vivo già la mancanza di mondo. Vivo cioè in un luogo astratto. Sono dentro o sono fuori dai confini dell'umano? Una lunga ricerca, che altro potrei fare se non dedicarmi a tortuose ricerche, mi ha portato ad un testo poetico in cui emerge "questo luogo astratto". È una poesia di Silvia Bre. È questa poesia:

e qui dove io sono io non sono
che la pace profonda di me stessa
e non so più che sono
e nemmeno un pensiero che mi venga
in questo luogo astratto della storia
per quanto lieve volli la mia vita
mai quanto volli lieve la mia morte
e ormai che sono qui
io sono quieta
soltanto
a volte
come fosse in sogno
sento due occhi ignoti
entrare
dentro i miei occhi di pietra.

In questo luogo astratto. Proprio il "questo" lo qualifica. Non a caso è stato definito aggettivo o pronome — in questo caso aggettivo — dimostrativo. Con questo si apre una prima contraddizione: un luogo astratto non può essere "questo". Ma Silvia afferma subito: "qui dove sono io non sono". La coincidenza e la contemporaneità di essere e non essere trasforma il luogo, il topos, in atopia, in

straniamento. Ma come si può essere in atopia, nell'esilio di atopia, in uno stato in cui emerge "la pace profonda di me stessa"? Atopia e pace? Una pace dubbia, perché il testo prosegue in una sensazione estrema di straniamento: "non so più che sono / e nemmeno un pensiero che mi venga / in questo luogo astratto della storia". Il testo di Silvia Bre si è avvicinato a quanto ho cercato di dire. Oppure io, inconsciamente, mi sono portato nei pressi del suo testo che non conoscevo prima di iniziare questa riflessione che, via via che procede, mi pare attorcigliarsi su se stessa senza portare in alcun luogo. Ho notato subito la sua affermazione: "non so più *che* sono". Non dice: "non so più *chi* sono", come parrebbe ovvio. Perché qui, in questo testo, è proprio l'io — la sua identità, la sua storia — ad essere in questione. Non c'è pensiero che venga entro il luogo in cui lei è, in cui si è, in questo luogo astratto della storia, perché qui non domina più Io, che pare aver perduto la sua antica signoria. Così non si sa *che* si è. Forse, questo luogo astratto della storia è la bolla stessa. Forse è di questo che la poesia parla, anche se non ho idea di quando sia stata scritta.

Ho già notato la coincidenza di essere e non essere, nello stesso luogo e nello stesso tempo. Questa situazione è ulteriormente ribadita in questo suo testo. Lei, Silvia, forse, ha voluto, scrive, "lieve la mia vita" e "lieve la mia morte". Ma avverte anche che qui, dunque in questo luogo astratto, "due occhi ignoti" possono "entrare / dentro i miei occhi di pietra". Gli occhi ignoti sono forse gli occhi della Gorgone, che fanno di pietra i suoi occhi? O forse erano già impietriti? L'incontro con la Gorgone era già avvenuto? Se ha ragione Heidegger, la pietra è priva di mondo. I suoi occhi ora sono privati di mondo. Dunque, in questo luogo astratto

della storia, di questa mia storia, in questi tempi in cui vivo, anche i miei occhi sono privati di mondo. Non vedono mondo. O vedono poco mondo.

Odisseo sui bordi del regno dei morti ha ascoltato Tiresia, ha parlato con la madre, con gli eroi “ma si radunarono immense schiere di morti / con strano gridio. Mi prese una pallida angoscia, / che non mi mandasse dall’Ade, l’insigne Persefone, / la testa della Gorgone, il terribile mostro”. Dentro la bolla gli occhi che mi hanno fissato sono gli occhi di Gorgone, che mi hanno attratto verso la schiera dei morti, dei morti senza voce. Perché nella bolla né i morenti né i morti avevano voce. In essa dominava uno strano rumore uniforme, una sorta di muto mugolio. Ecco la voglia di impietrire per non sentire più quell’inquietante cupo lamento, che sembra esalare dalla terra stessa.

Forse in questo mio scoordinato discorso ho lasciato cadere qualcosa che deve essere spiegata e che mi costringe ad un passo indietro. L’ho buttata lì, pensando che nel brusio delle parole o nella sequenza che procede scivolando sulla pagina come un serpente o una lumaca con la sua argentea scia di bava, non sarebbe stata notata. Qualcosa di contraddittorio e che è, credo, vera proprio in questo suo contraddirsi. Cerco di riprenderla e di chiarire quanto mi è possibile. Effettivamente ho l’impressione che nelle crepe che si sono formate nel mondo, via via che questo mi si sottraeva, ho perduto molte parole. Dunque, non solo povero di mondo, ma anche povero di linguaggio, povero di parole. Bataille e poi Blanchot hanno detto che è necessario frantumare il linguaggio, aprire in esso i varchi verso l’impossibile o, nel caso di Blanchot, ad un fuori che non è mai stato da lui specificato. Non è il mio caso. La

povertà è vera povertà. Di parole ma, penso, soprattutto di immagini. Se uscirò dalla bolla, se sopravvivrò a questa situazione, avrò frammenti, schegge di immagini. La gente che gira per le strade mascherata. Descartes affermava *larvatus prodeo*, giro mascherato per le vie di Amsterdam. Mascherarsi per lui significava confondersi nella folla di Amsterdam che mascherava se stessa per prendere l’aspetto di una futura metropoli. Come l’uomo della folla del racconto di Edgar Allan Poe, che pure si mascherava mescolandosi alla gente. La maschera di oggi è esattamente il contrario. Ci si copre la faccia e si evita di mescolarsi con altre persone. Per tenere la distanza si radono i muri, o si procede in bilico sul bordo del marciapiede. E scopri che gli occhi non sono specchio dell’anima. Il volto cancellato dalla maschera toglie luce allo sguardo. La striscia di stoffa dal naso al mento copre come l’intera maschera nera, la maschera di ferro che appassionò Voltaire e poi Dumas. Ma non ho soltanto frammenti di immagini del popolo dei mascherati. Ho anche livide immagini notturne dei camion militari in cui sono state accatastate, una sull’altra, le bare di chi è morto avendo davanti agli occhi la maschera o lo scafandro che proteggeva il medico o l’infermiere dal contagio. La solitudine di queste morti si rovescia e si specchia nell’anonima molteplicità delle bare impilate, e trasportate nei forni crematori in cui la fiamma non arrivava mai a spegnersi.

Mi rendo conto che questo mio girovagare tra le parole può apparire come una dilazione continua, quella che nel medioevo veniva chiamata *delectatio morosa*, come fosse una sorta di danza intorno a un centro occulto. O un centro vuoto? Difficile dirlo. Forse ho assunto involontariamente il passo incerto di chi si muove su

un terreno impervio, la superficie di un mondo da cui sono stati sottratti dei pezzi. Il passo incerto, ma anche il pensiero incerto, e incerte sono anche le parole. Talvolta le pronuncio — da me a me stesso. Nella bolla non ho mai parlato. Il suono della mia voce ora che la riodo mi pare opaco, offuscato, come venisse da lontano. Ma vengo finalmente alla contraddizione, a quel qualcosa di contraddittorio che ho lasciato cadere sulla pagina.

Ho scritto più sopra: “La bolla della pandemia, in cui sono stato protetto e al tempo stesso prigioniero, è un luogo astratto”. Protetto e prigioniero. Certo, uno può sentirsi protetto nelle mura di un carcere, quando fuori infuria l’orrore. Mi vengono in mente i monaci nel medioevo, intenti a ricopiare manoscritti o a inventariare erbe, mentre fuori passavano orde di barbari ed eserciti con la furia del fuoco. Ne parla Jünger in *Tempeste d’acciaio*, probabilmente alludendo allo scrittore che si sottrae al conflitto, alla guerra che per lui era una grande esperienza spirituale. Ma qui sto parlando di me. Sto parlando dell’onda della pandemia che lambiva il davanzale della mia finestra, e costituiva una sorta di mobile barriera tra

me e il mondo. Dunque, protetto, ma poi quella distanza, quella sottrazione è diventata appunto sottrazione di mondo. Mi sono sentito chiuso in questa sottrazione, chiuso senza via di fuga, da questo luogo spogliato di tutto e dunque astratto.

Mi rendo conto solo ora, retrospettivamente, che la figurazione che riuscivo a darmi dell’onda pandemica assomigliava davvero alla testa della Gorgone. Una lattiginosa deforme testa di Gorgone. Ho visto le immagini ingigantite del virus, una sorta di astro multicolore. L’onda pandemica, l’onda del virus, ha perduto, nella mia immaginazione, ogni colore. È diventata una realtà magmatica, collosa che si incolla sui muri, striscia e dilaga sulle superfici, occupando mondo e quindi sottraendo mondo. Avvertire il suo fruscio fuori dalla finestra, il suono indefinibile, che mi ha fatto pensare al rumore di un rospo schiacciato, mi ha reso prigioniero. E protetto. Ma forse il contagio è avvenuto. Il virus con la sua corona e il suo scettro si è scavato il suo trono nel nostro immaginario. Lì è rimasto. Lì rimane.

“o ano da pandemia”

Enrica Lisciani-Petrini

(Teramo, 1951)
Professora e ensaísta



O ano de 2020 provavelmente será lembrado nos livros de história como “o ano da pandemia” — com todo o sentido de tragédia que essa expressão carrega consigo.

Com justiça. Desde o início de janeiro, de fato, de uma forma quase totalmente imprevisível, irrompeu aos poucos em todo o mundo o coronavírus. De resto, ainda não debelado. Tão inesperado em seus insidiosos efeitos clínicos e nas consequências que surgiram, a ponto de se falar, com uma metáfora sugestiva, em “cisne negro” (entendendo com esta metáfora, como se sabe, o impacto que podem ter grandes eventos dos quais não é possível prever a probabilidade, nem calcular as consequências).

Assim, em poucos dias, não só foram tomadas medidas de restrição progressiva das nossas práticas sociais cotidianas, que nos confinaram não

raramente em isolamento nas nossas próprias habitações, mas começaram a aparecer nos monitores de nossos televisores os números em crescimento exponencial dos contagiados-doentes. E, sobretudo, as imagens — que ficarão para sempre marcadas — das longas filas de caixões transportados pelos caminhões do exército, em um espectral silêncio, para os locais de cremação e depois aos cemitérios, sem que nenhum cônjuge, filho, parente, amigo, pudesse acompanhar essa última viagem na terra das pessoas mortas e sepultá-las.

Nessas imagens — sinal de um ritual fúnebre frustrado e, ao mesmo tempo, da conversão do sepultamento à mera destruição de corpos biológicos infectados —, foi “simbolicamente” desfigurada a nossa própria humanidade, a partir do momento em que a prá-

tica do sepultamento é a característica primeira da nossa espécie — tanto que a torna, justamente, *humana*. Como ensina o grande filósofo napolitano Giovan Battista Vico, para quem a humanidade “começou pelo *humare*”, isto é, por “colocar no húmus”, na terra, os corpos dos mortos. E como muitos poemas nos lembram, se pensarmos, por exemplo, em *Os sepulcros*, de Foscolo.

Ora, se pensarmos que Aristóteles, por sua vez, condenava a natureza do homem no fato de ser um “animal político” (*politikon zoon*) e, portanto, “social”, temos a medida de quanto foi devastador, no plano da *essência humana e social* que nos caracteriza, o evento epidêmico que atacou o mundo a partir do início deste ano. Repentinamente a existência foi arrastada para trás, violentamente levada a seus

termos mínimos e últimos, estreitada entre seus pontos extremos: a vida e a morte. Esta condição foi e é, assim, a ocasião de uma sucessão de perguntas surgentes de reflexões que se travaram de um lado a outro do planeta e nos levaram, exatamente, ao limite do extremo: o que se torna a existência quando é reduzida a seus elementos últimos ou se encontra diante da tragédia e da morte? Em que consiste a nossa humanidade? E o que esta “crise em tempos de Covid-19” — como oportunamente se intitula esta iniciativa da qual estou participando neste momento —, o que esta “crise” nos obriga a pensar e, eventualmente, a modificar?

Diante de tais questões muitas foram as respostas, as considerações. Como era justo e previsível.

Diversas considerações foram levantadas — inevitavelmente — a um nível imediatamente reativo ou narrativo ou jornalístico. E algumas delas não foram por isso menos perspicazes. Outras, porém, revelaram-se — ao longo do tempo — imediatistas demais, demasiado próximas dos fatos, sem aquela distância que, com o tempo, verifica sua solidez e frequentemente desfaz sua sensatez.

Quero dizer logo qual é a minha opinião sobre isso. Não por espírito de polêmica, mas apenas para não me esquivar do debate que estive e ainda está em curso.

Em primeiro lugar, não estou de acordo com aqueles que viram e veem nas restrições impostas pelos vários governos, mais conscientes, um gesto autoritário (ou mesmo de traços fascistas, como foi im-

pensadamente dito por alguém), dedicado a nos privar — deliberadamente — das nossas liberdades e dos nossos direitos pessoais. Aliás, acrescento *en passant* que, para mim, neste verão sob muitos aspectos libertário, houve muito poucas proibições e controles, e não por acaso, de resto, os efeitos começam perigosamente a ser vistos. Voltarei daqui a pouco à questão dos direitos.

Mas antes quero concluir o fio desse pensamento.

Ao contrário: creio que um Estado consciente **deva** — em condições de emergência (não de exceção, como alguém disse, confundindo os dois conceitos) — salvar a saúde dos cidadãos. (O estado de exceção, por exemplo, uma revolução ou um golpe de Estado nasce da vontade de um grupo ou de um indivíduo e se destina a modificar o passado e o existente. O estado de emergência, ao contrário, nasce de um evento externo objetivo, por exemplo, um terremoto ou, justamente, uma pandemia, e é destinado a restaurar, depois da momentânea emergência, o passado e o existente). Portanto, acho que dispor ou impor regras emergenciais é perfeitamente democrático e até antiautoritário.

A prova disso, de resto, é que exatamente os líderes autoritários, por exemplo, Bolsonaro, mas também Trump e outros, são aqueles que, paradoxalmente, decretaram a liberdade indiscriminada — demonstrando ter um conceito de liberdade muito precário: incentivar o “faço o que quero” a nível meramente individual e superficial

para depois sujeitar a todos em nível geral e substancial.

Então, o que são os nossos direitos? Pode-se falar só de direitos desvinculando o discurso dos deveres? Creio que não. Como diziam Simone Weil e Vladimir Jankélévitch — dois filósofos semitas que viveram na França praticamente nos mesmos anos (mesmo se Jankélévitch morreu muito mais tarde) — o discurso dos direitos é completamente vazio, e até perigoso, se não está intrinsecamente ligado ao das obrigações e dos deveres, antes de tudo, para com os outros. Tanto é que Jankélévitch repetia uma frase muito incisiva em sua sinteticidade: “Tout le monde a des droits, sauf moi” — “Todos têm direitos, exceto eu”. Por quê? O que significa esta frase? Primeiramente porque os direitos dos outros são os meus deveres. E depois porque — recíproca e automaticamente — os deveres dos outros se tornam os meus direitos. Se todos sentimos e exercitamos nossas obrigações para com os outros — por exemplo, de responsabilidade, de cuidado, de tutela, de salvaguarda —, elas automaticamente se tornam nossos direitos — a nossa salvaguarda, a nossa tutela, o nosso cuidado. O respeito que nos é dado e nos é devido.

Este é o ponto para voltarmos ao nosso fio condutor: nunca como neste momento todos devemos nos preocupar com a saúde dos outros, com a obrigação e a responsabilidade da salvaguarda dos outros, antes de pretender uma liberdade individual que poderia se revelar perigosa para os outros. E, portanto, — exatamente por isso — de-

vemos aceitar as restrições que se destinam a essa salvaguarda.

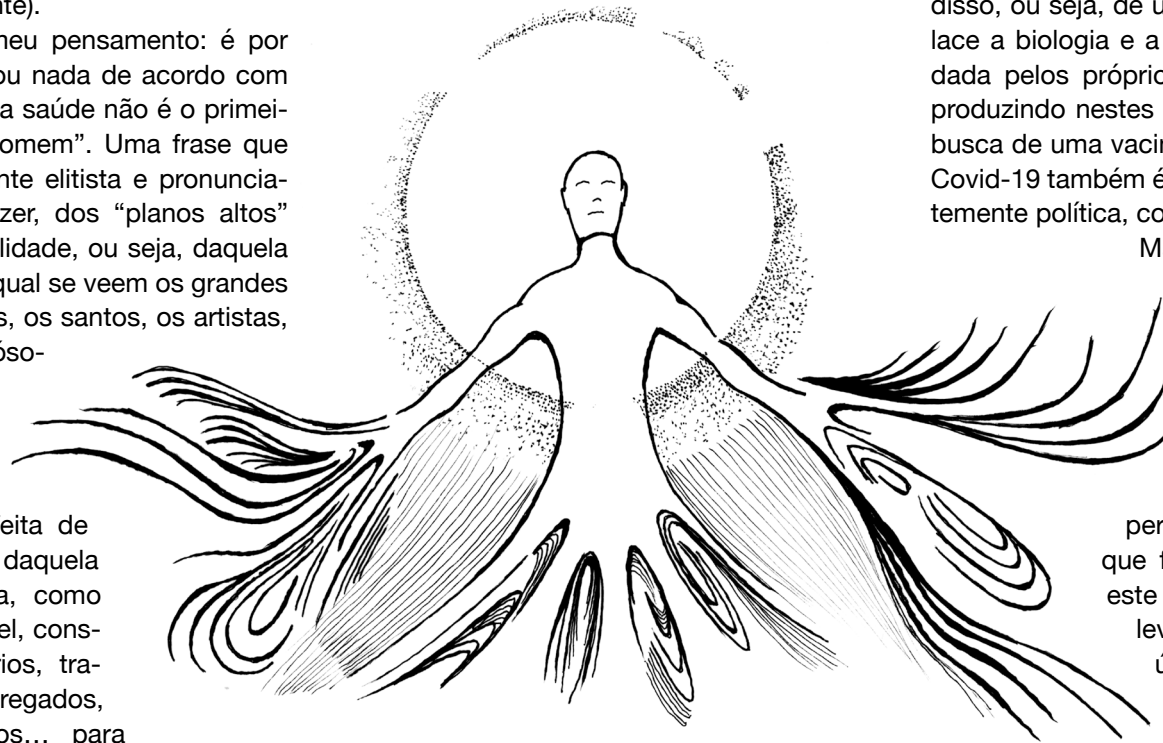
Porque — e assim chego a outro ponto controverso do debate atual — nunca como nesta fase histórica a saúde, a tutela dos corpos, o cuidado com a vida se tornaram prioritários (voltarei a este ponto de por que esses aspectos se tornaram prioritários mais adiante).

Então continuo meu pensamento: é por isso que não estou nada de acordo com quem disse que “a saúde não é o primeiro valor para o homem”. Uma frase que considero altamente elitista e pronunciada, por assim dizer, dos “planos altos” da história da realidade, ou seja, daquela perspectiva pela qual se veem os grandes homens, os heróis, os santos, os artistas, os grandes filósofos, os grandes cientistas...

Mas a realidade em sua cotidianidade é feita de homens comuns, daquela multidão anônima, como diria Georg Simmel, constituída de operários, trabalhadores, empregados, mães, pais, filhos... para os quais a saúde é essencial para poder viver e trabalhar. Mas não só, aquela afirmação “a saúde não é o primeiro valor para o homem” é certamente individualista; uma pessoa pode decidir individualmente sobre a própria saúde, o que quer e pode considerar que não seja o primeiro valor a observar, mas antes

está em jogo a saúde dos outros, da comunidade a que se pertence, e é esta que deve ser salvaguardada.

É por isso — assim volto de novo ao ponto — que considero que a tutela da saúde, sua imunização em caso de necessidade, seja uma das tarefas primárias de um



Estado democrático consciente. Mesmo a custo de alguma imposição momentânea no plano das liberdades e dos direitos individuais.

Naturalmente, como sempre, neste caso também é uma questão de equilíbrio e sentido da exatidão das coisas. Uma im-

posição imunitária excessiva — para citar o filósofo Roberto Esposito, que sobre este tema trabalhou muito e com profundidade — se revelaria ruínosa para o próprio organismo estatal. Mas uma dose adequada de imunização é, no entanto, vital, como demonstra qualquer organismo vivo. De resto, a prova da necessidade disso, ou seja, de um discurso que entrelace a biologia e a medicina à política, é dada pelos próprios fatos que estão se produzindo nestes dias, nestes meses. A busca de uma vacina que nos imunize do Covid-19 também é uma questão eminentemente política, como estamos vendo.

Mas agora — concluindo e saindo do plano das questões mais imediatamente sociais e políticas — gostaria de tratar brevemente daquelas perguntas “extremas” de que falei no início. Porque este acontecimento nos levou como nunca nas últimas décadas — depois das duas guerras mundiais do século passado —, diante da vida e da morte, a nos questionarmos sobre o sentido da nossa própria existência. Nunca como nesta fase tivemos a consciência — sempre, claro, genericamente admitida, mas nunca experimentada com tanta intensidade — da pre-

cariedade e da vulnerabilidade da vida como tal.

Primeiro, é oportuno entender por que a vida, como dizia antes, tornou-se em certo ponto um tema prioritário, dominante, senão “O” dominante. E por consequência qual é o sentido da existência que daí decorre.

Fazendo uma rapidíssima digressão histórico-teórica, deve-se dizer que, se na antiguidade até o século XVIII toda a realidade — e portanto a própria vida — era vista à luz de uma dimensão transcendente, eterna, naturalmente com algumas exceções que agora não é o caso de lembrar, e se o tempo em seu devir material era visto sob uma luz minoritária, marginal, dispensável, enquanto reabsorvido no eterno, a partir do fim do século XVIII, início do XIX, não é mais assim.

A descoberta do bíos, da vida (ligada ao nascimento da biologia, justamente no fim do século XVIII, início do XIX) deu um destaque prioritário ao tempo em seu decorrer concreto transformador.

A mudança de olhar foi, evidentemente, radical.

A existência não é mais vista na luz transfigurada de uma predestinação eterna, mas revelou, juntamente com seus aspectos energéticos e incessantemente transformadores, como ensina Bergson, os seus traços mais inquietantes: a sua extrema

precariedade e vulnerabilidade, traços que, como eu dizia antes, são genericamente adquiridos em nossa consciência comum, mas que ficam mais evidentes e lancinantes quando a morte com seu manto negro vem escurecer as luminosidades vitais nas quais normalmente vivemos.

Mas então esta pandemia — mesmo em sua negatividade e na “crise”, para voltar ao tema de que falávamos no início, devastadora que determinou — pode encontrar um reverso positivo. Como diz a bela abertura desta série de vídeos: “crise” vem do verbo “crinein”, que significa separar, mas também discernir, saber melhor selecionar, melhor ver e avaliar.

Este é o ponto que me interessa colocar em foco, para concluir.

Somente “diante do extremo”, da morte, tomamos consciência, como diz Jankélévitch, “da profunda gratuidade da vida”. Daí decorre um olhar sobre as coisas completamente diferente, que modifica a nossa própria cotidianidade.

Porque onde naufraga qualquer certeza consoladora de futuras ou superiores transcendências, abre-se o acesso à verdadeira salvaguarda das coisas e dos seres. Em nenhum outro lugar, de fato, como no fulgor extremo de sua precariedade, percebe-se o quanto, diz Jankélévitch, a sua “finitude é infinitamente preciosa”.





Entrevistas

A necessidade de um pensamento crítico

Entrevista realizada por Andrea Santurbano e Patricia Peterle em 23 de maio de 2020

Massimo Cacciari

(Veneza, 1944)

Filósofo, político e professor



Sobre a relação entre instituições políticas, cidadania, liberdades individuais e autoritarismo em tempos de pandemia.

A realidade dessa pandemia — a pandemia existe — assumiu proporções gigantescas, não se pode enfrentá-la com meios tradicionais, não existem ainda vacinas. Tudo isso é real, não se pode fazer nada. É possível analisar as causas remotas e conhecidas que a iniciaram, com certeza. Mas que ela existe, existe. O problema é que esta pandemia, sem nenhuma dúvida, está acelerando de forma dramática algumas tendências já em andamento, que poderão se tornar irresistíveis. É preciso pensar nisso, pois é claro que temos — como estava lembrando — de saber que a epidemia existe, que as mortes existem, que, se não houver formas de controle, se alastrarão ainda mais. Claro, mas é também indubitável, justamente, que do ponto de vista das consequências sociais, institucionais, políticas, esta pandemia pode produzir uma espantosa aceleração de certos processos já em andamento. Quais? São processos que vão fortalecendo em todos os níveis o momento, por assim dizer, decisionista-autoritário; são processos já em andamento: o esvaziamento das instituições representativas, dos parlamentos. Aquelas que cha-

mamos de tendências nacionalistas, populistas, nada mais são senão o sintoma desse processo, ou seja, diante de grandes crises econômicas, financeiras e sociais é preciso reajustar as nossas instituições para que elas se fortaleçam sempre mais, que deem poderes sempre maiores e eficácia rápida ao momento executivo. E não só isso, que fortaleçam também tendências culturais, no sentido mais etimológico do termo. Fortaleça um senso comum que tem suas raízes numa cultura que privilegia, obviamente, a própria liberdade individual.

Essa tendência vai se alastrando por todo lado: por que não ficar em casa? Por que não trabalhar em casa? Qual é a necessidade de se ter uma sala de aula? Um professor com alunos numa universidade? Por que trabalhar no escritório? Por que trabalhar numa empresa, juntos? Não seria mais econômico, mais simples trabalhar em casa? Por que não se faz tudo online? Os meios nos oferecem essa possibilidade. Logo, uma compressão da pessoa no indivíduo, uma redução da dimensão pessoal à individual, a eliminação da dimensão comunicativo-social em prol de uma puramente informacional. A redução do problema da comunicação ao da informação. E essas são tendências que já existiam antes, mas que a crise acelera de forma espantosa. E

muitas vezes de forma nem sequer consciente, isto é, os poderes políticos correm atrás dessas tendências, às vezes, talvez, com algum receio, às vezes aplaudindo. Mas seguem essa direção fundamental. E é difícil se opor a ela, porque se tem o problema de dizer, mas como? Quer que a doença se espalhe? Quer que a epidemia se torne ainda mais grave?... Não há dúvida de que, sem recorrer a nenhum raciocínio complotista — aqui não existe nenhum complô —, são tendências em andamento que são aceleradas, aceleradas, reforçadas e aceleradas.

Sobre a onda populista na política. Alguns governos, impondo medidas de combate à pandemia, deram sinais de acentuar tendências autoritárias, como o da Hungria; outros, como o do Brasil, seguiram aparentemente um caminho diferente, não impondo regras e enfatizando uma pretensa liberdade do cidadão. Como ler essa última tendência?

É lógico que seja assim, porque todas as estratégias, as perspectivas autoritárias se basearam sempre na dissolução de qualquer organização autônoma da sociedade civil: partidos, sindicatos etc. Uma individualização de massa. E sobre os indivíduos governa o chefe. Sempre foi assim. E é totalmente lógico, isto é, a exaltação da liberdade como liberdade puramente individual; então, se defenda, se alguém o ataca, atire nele etc. etc., aja sozinho. Esse apelo à liberdade como liberdade puramente individual é absolutamente o prelúdio de qualquer perspectiva autoritária, consubstancial à perspectiva de uma democracia autoritária. O problema

de todo populismo, de toda demagogia é o de dissolver os corpos intermediários. Uma verdadeira democracia não se sustenta sem os corpos intermediários, não se sustenta sem um conjunto de autonomias. Uma democracia não pode se sustentar sem pesquisa autônoma, sem universidade autônoma, sem corpos intermediários que representem os diversos setores sociais, que tenham uma voz própria, ideias próprias, perspectivas próprias, não pode se sustentar.

E os medos de hoje alimentam essas tendências, não é?

Não há nada de novo sob o sol. Como nos ensinam os mestres das ciências políticas, essa é a natureza humana: em situações parecidas, ela se repete. Não há nada de novo sob o sol. Nos momentos de crise, os velhos corpos intermediários, as velhas formas de organização, os velhos partidos não se sustentam mais. Então, você está numa encruzilhada: bem, vamos reconstituí-los de outras formas, de outros modos, vamos ver como mudar as nossas estruturas. Outro caminho: não, todos esses corpos intermediários enquanto tais são empecilhos, não permitem encarar o salto de época. Bem, vamos aniquilá-los. Indivíduos, medo, porque o indivíduo sozinho tem medo, fisiologicamente, é óbvio. Você me diz: se defenda, aja sozinho. Certo, vou me defender, mas tenho medo. O indivíduo tem medo, fisiologicamente. O indivíduo é o lobo contra o lobo. O medo pode ser o medo pelo imigrante, pelo estrangeiro, o medo pode ser medo pela crise econômica, pela perda do trabalho, o

medo pode ser o medo pelo vírus, pelo Covid-19, o coronavírus. E do meu ponto de vista, do ponto de vista de uma perspectiva democrático-autoritária, aproveito o medo.

Sobre as repercussões da pandemia na área de educação.

Temos um ministro da educação (na Itália), uma ministra da educação que diz, “não, não, continuemos online, está bem, o que interessa, muito bem! Também ano que vem começaremos online”. Sem entender, inclusive, que seguir esses processos significa multiplicar as desigualdades. Isso tem de ficar claro, não é? Porque, uma coisa é quando eu, numa casa bonita, com o meu quarto de estudante, acompanho as aulas; outra coisa é quando estou numa casa de 50 m², com minha mãe e meu pai fazendo outras coisas, com irmãos e irmãs fazendo bagunça ao redor etc. E, quem sabe, com apenas um computador para a casa inteira. É claro que se multiplicam as desigualdades. É claro que fenômenos desse tipo incentivarão ainda mais, por exemplo, a fuga de jovens da Itália para o exterior, assim que tiverem as possibilidades econômicas. É claro que isso leva a uma degradação dos processos formativos em todos os lugares. E, portanto, quem puder irá fugir para o exterior para estudar em medida ainda maior do que já acontece hoje. Assim, você multiplica as desigualdades, mas, entenda: há setores políticos que perseguem os processos, ou seja, se você não é a favor do ensino, da formação a distância, você não é moderno! Isso está formando um *common sense*. Então, vamos pensar nisso, só digo isso. Os artigos que escrevi nesse período, justamente, se intitulam “Pensemos nisso!”, pois entendo que são tendências de longo prazo. Entendo que a crise tem de ser enfrentada também com o “fechemo-

-nos todos em casa”, o trabalho a distância, o estudo a distância etc. Entendo tudo isso, mas uma coisa é entender e lidar com isso enquanto emergência, outra coisa é lidar enquanto estratégia. E estamos dia após dia sempre mais lidando com isso numa chave estratégica, sobretudo, naturalmente, com relação ao problema mais importante, que não é o da escola, o da organização do trabalho etc., é o institucional. Como podemos não percebê-lo? Como podemos ignorar que, justamente, certo pensamento democrático só interessa apenas, digamos, a um décimo da humanidade?

A dupla alma da Europa e, por tabela, do Ocidente, em termos religiosos, a saber, por um lado, o “intervencionismo” católico, por outro, uma espécie de “fatalismo” protestante, pode ter tido reflexo nas estratégias de combate ao Covid-19?

Eu não enfatizaria, diferentemente do que certo pensamento laico, também italiano, sustentava no passado, que as diferenças talvez essenciais eram aquelas entre a Europa protestante, digamos, e a Europa católica. Acredito que não seja isso, porém, o que está feito está feito. Quero dizer, a Europa agora é essa: ou se mantém unida ou irá se desagregar de algum modo. Provavelmente era um discurso, falando em termos muito gerais e não exatamente atuais, que podia ter efeitos políticos no imediato pós-guerra se, ao invés de ir em direção a um desenho de unidade europeia, tivéssemos avançado de acordo com um famoso artigo de Kojève de 1945, intitulado “O império latino”, ou seja, uma dupla Europa, uma Mitteleuropa (Europa Central) franco-carolíngia e um império latino. Ou melhor, uma Europa carolíngia e um império latino: Portugal, Espanha, França e Itália. Talvez tivesse sido uma boa

ideia. Com uma relação forte entre as duas dimensões, na época a Europa era ainda um centro, apesar de derrotada, continuava sendo a Europa. Esse discurso lá atrás teria tido um peso, era uma ideia que existia no seio de certo gaullismo. Essa ideia existia, e uma Europa latina talvez tivesse tido, aliás, com a outra margem do Mediterrâneo, com todos os países do Maghreb, os países islâmicos, os do Oriente Médio, uma relação muito mais forte, mais construtiva do que efetivamente teve. Ao contrário, a Europa foi construída em termos essencialmente mitteleuropeus, basta pensar nos três pais fundadores que são constantemente citados: Schuman, Adenauer e De Gasperi. Eram três alemães, entre eles, se reuniam e falavam alemão. Além de Adenauer, De Gasperi foi parlamentar do Império de Habsburgo e Schuman era luxemburguês. Ali houve talvez... mas essa é a história. A Europa tomou esse rumo, chegou à moeda única, à imagem e semelhança do marco, e a partir daí começaram os problemas.

Finalmente, uma reflexão sobre a morte. O fortalecimento ao longo do tempo da sociedade burguesa, produtivista tem deixado progressivamente de lado a questão da morte, como algo de inútil, para ser afastado, justamente porque improdutivo. Diante das cenas desses meses, é possível concluir que a pandemia irá agravar esse processo histórico?

Sim, mas não acredito que irá modificar o que, nesse caso também, é uma tendência cultural de fundo, ou seja, que nossa relação com a morte é uma relação de remoção da morte. A única relação que temos com a morte diz respeito à sua remoção. Como aqueles caminhões em Bergamo transportando cadáveres, pegamos o morto e o levamos embora. Mas sempre fazemos isso, não o

fazemos somente agora que existe o vírus. Sempre fazemos isso. Levem-no embora, vamos levá-lo embora, não pensemos nisso, acabou, *consumatum est*.

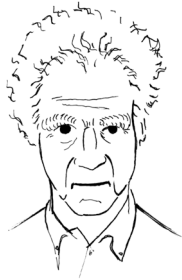
A epidemia fortalece tudo isso, justamente, não quero vê-lo... Quer dizer, é evidente que não posso ver um doente de vírus, é tudo evidente, como dizíamos antes, mas é claro que existe a epidemia, é claro que há mortos, é claro que é preciso tomar cuidado, é claro até que é preciso ficar em casa por um tempo. Mas o que conta é o que produz culturalmente tudo isso se não é encarado com a consciência de seus riscos, de seus perigos, e aqui também é assim. É claro que aquele morto eu não o posso ver, é claro que não poderei celebrar seu funeral, que não o poderei chorar, é claro. Mas é preciso ver, o que isso acelera? Acelera aquele fenômeno que já existe: quem dera se também me tivessem poupado de vê-lo antes, quem dera se me tivessem poupado a chatice de participar de funerais!

Um pensamento, que só pode ser um pensamento crítico, deve ver as coisas que foram ditas, procurar expressá-las, sem dúvida com muita dificuldade, com a consciência de que é muito difícil que elas sejam entendidas num momento desse tipo. Isso é o que podemos fazer, não vejo o que se possa fazer de diferente disso. Não há uma reflexão mínima sobre esses aspectos, não há, não conta. Portanto, continua uma tendência cultural geral, sem nenhuma reflexão. Este é o efeito desta pandemia: a aceleração extraordinária e inconsciente de um processo cultural em andamento há um bom tempo, porque nada se inventa, nada se cria, nada se destrói. Sobre esse processo talvez antes ainda se raciocinava e, agora, não se raciocina mais. Segue-se em frente, segue-se em frente, não é? Segue-se em frente. É preciso seguir em frente.

As “más coisas novas”

Entrevista realizada por Andrea Santurbano e Patricia Peterle em 25 de junho de 2020

Carlo Ginzburg
(Turim, 1939)
Historiador e ensaísta



Quais as perspectivas pós-Covid? Estamos diante de algo de inédito, pois a situação envolve o uso de novos meios tecnológicos de comunicação. Modelos do passado, então, ainda podem ser úteis para pensar em possíveis consequências dessa crise?

Faço uma premissa, isto é, é muito difícil falar desses temas sem repetir o que todo mundo já disse. Vou procurar evitar, na medida do possível, dizer de novo coisas já sabidas. Ora, tem algo que me parece óbvio, ou seja, que nesta situação as diferenças sociais e culturais se tornarão, verossimilmente, mais graves. Essa me parece uma previsão sensata e muito preocupante. Cabe ressaltar outro ponto, a diferença entre esta pandemia e, digamos, as pestilências do passado, pois hoje nós pudemos acompanhar o desenvolvimento desta pandemia praticamente em tempo real, mesmo se houve, naturalmente, uma tendência — não por todo lado, não da mesma forma — de ocultar dados. Contudo, a comunicação permitida pela tecnologia tornou esse fenômeno algo totalmente inédito. Eu creio que devemos partir deste dado, porque aqui há algo de irreversível, ou seja, não é pensável, que a revolução tecnológica que tem se verificado nestas décadas, que temos visto sob os nossos

olhos, comparável pelo menos com a revolução industrial, a primeira revolução industrial, recue, isso não é pensável.

O problema é, então, usar esse instrumento. Muitos anos atrás, li uma passagem nos *Diários* de Walter Benjamin que chamou muitíssimo a minha atenção. Ele já estava exilado, porque era judeu, da Alemanha nazista, se encontrava na Dinamarca e jogava xadrez com seu amigo Bertolt Brecht, e registra em seus *Diários* uma fala de Brecht — Brecht não judeu, mas comunista, que também estava exilado, e viria a escrever depois esses diálogos entre prófugos, essas conversas entre ele e Benjamin. Anota Benjamin: “Brecht me diz: ‘não devemos partir das boas velhas coisas, mas das más coisas novas’”. Ora, há aqui algo de paradoxal, mas eu acredito que há algo sobre o que refletir. É uma verdade não óbvia, a meu ver, e que coloca grandes problemas. O que quer dizer as “más coisas novas”? Digamos que a globalização não é um bem para todos, muito pelo contrário. Agravou inclusive os contrastes, as diferenças sociais e culturais, porém não podemos voltar atrás. E o meio de comunicação que estamos utilizando é algo que, na realidade, não é por si só democrático. Eu sempre insisto nisso, que, para ser usado de modo consciente, este meio

pressupõe uma formação cultural e, portanto, também o privilégio social. O problema, então, é como usar essas ferramentas, como transformar as “más coisas novas” em algo de menos mau e potencialmente bom. Acho que isso é recolocado de modo urgente nesse momento da pandemia, em que os contrastes sociais se tornarão mais graves; contudo, será preciso tentar tirar proveito dessa situação, antes de mais nada, partindo de um uso consciente dos meios de comunicação eletrônicos para, digamos assim, pelo menos nos defendermos de efeitos ruins que já estão se delineando.

Falando em tecnologia e nas “más coisas novas” e considerando o contexto geopolítico, parece que nenhum país soube se comunicar e olhar para o exemplo do “outro”. Parece que dados e comunicação não foram adequadamente aproveitados, e isso é paradoxal.

Estou plenamente de acordo e penso que, de fato, deverão ser analisadas mais de perto as respostas à pandemia nos diversos países. Nesse ponto, é preciso entender qual pode ser a unidade de medida espaço-social, geopolítica, se quisermos. A Itália, se formos ver, nos coloca diante de um panorama, nesse espaço tão circunscrito, tão pequeno, porque a Itália se comparada com o Brasil, é um país muito pequeno; mas o contraste entre o que aconteceu na Lombardia e o que aconteceu no restante do país — pensemos, por exemplo, na Sardenha, na Sicília ou na Basilicata — é fortíssimo. Então, aí será preciso fazer uma análise para entender o desastre lombardo. Algo já foi dito, ou seja, que a privatização — e aqui tem algo que vai na direção da pergunta, isto

é, procurar entender o que podemos aprender com essa múltipla resposta à pandemia — do sistema de saúde na Lombardia certamente contribuiu para esse desastre. Houve um atraso na resposta por parte do governo, mas quando se chegou a um *lockdown* parcial, efetivamente o centro-sul foi, mais ou menos, poupado. Eu creio, então, que aqui há algo a ser entendido, seria interessante comparar um país como a Itália, em que a realidade regional é muito forte, com um país em que essa diferença regional não é assim tão forte. Todavia, repito, por que, por exemplo, em Taiwan o impacto da pandemia foi muito mais fraco? Parece agora que na Coreia do Sul está tendo uma retomada, porém, são todos casos a serem analisados, não é? Vocês têm razão quando dizem que, de alguma forma, cada país procurou seguir um caminho. Tomemos o caso da Suécia, houve uma tentativa de seguir uma via totalmente diferente, que resultou desastrosa. Mas aí também seria preciso apresentar comparações próximas, comparando países vizinhos e comparando as diversas respostas e o impacto da pandemia nos diversos países. Tudo isso ainda me parece muito nebuloso. Portanto, não apenas não temos ainda uma vacina, mas também não temos os elementos para uma análise mais apurada, comparada. Aqui, digamos, o instrumento da análise histórica, decisivo, que é a comparação, ainda não possui dados, mas há de se ter certamente questões a serem colocadas e, talvez, também respostas a serem dadas.

Alguns governos, principalmente de cunho nacionalista, tardaram a reconhecer a gravidade da situação e a aplicar medidas de combate ao coronavírus, ao passo que teria sido mais plausível uma

postura agregadora e centralizadora, até mesmo mais demagógica: como explicar isso?

Estava pensando num artigo que acabo de ler na *HAU*, que é uma revista de antropologia e que tem um número dedicado ao Brasil, que acabei de receber. E há um artigo sobre o “fascismo brasileiro”. Nele fala-se algo a respeito de uma tentativa por parte do regime atual de se retirar das escolas o ensino da filosofia e da sociologia. Isso chamou muito a minha atenção. Entendo, que essas tendências anti-intelectualistas, anti-intelectuais são uma constante de muitos desses regimes, porém esse dado chamou muito a minha atenção. Ora, nesse artigo da *HAU*, falava-se rapidamente de governos, por assim dizer, populistas, soberanistas, e era citado também o caso da Índia. Ora, a realidade da Índia é, com certeza, muito diferente, e me parece — naturalmente acompanhado de longe, mas tenho amigos na Índia etc., e por isso me interessava compreender melhor — que a trajetória foi diferente, a cronologia também foi diferente, e aqui volta, então, o problema que foi colocado antes, ou seja, não aprender com o que aconteceu; portanto, a cronologia foi diferente e a resposta foi diferente. Esse êxodo de massa, coagido, imposto em direção aos vilarejos, em suma, é algo que me parece ter assumido na Índia proporções enormes e me parece que não tenha acontecido em outros lugares. Então, vamos dizer, eu hesito antes de generalizar, ou seja, também dentro dessa categoria, houve respostas diferentes que talvez devam ser associadas à história de longo prazo desses países. Isto é, aqui se cruzam como sempre (e aqui vou dizer uma banalidade) tendências de longo prazo com elementos conjunturais. Logo, na

comparação que deverá ser feita, teremos que levar em conta esses elementos.

Pensando no caso de algumas eleições políticas mais recentes, estamos condenados a democracias plebiscitárias, pautadas em mensagens rápidas, sem controle e veiculadas pelas redes sociais, sem um maior espaço de reflexão?

Sim, estou plenamente de acordo com o fato de que haja forças de direita, abertamente de direita, digamos de tipo fascista, como Salvini, na Itália, que foram muito hábeis em usar essas redes de informação. E, digamos, quando antes eu citava Bertolt Brecht sobre as “más coisas novas”, também estava pensando nisso, ou seja, trata-se de se apossar desses instrumentos para usá-los numa outra direção. Ora, há um ponto ao qual gostaria de voltar: o fato de que esses instrumentos tecnológicos que usamos são, como dizia, só aparentemente democráticos, no sentido de que na realidade são formalmente democráticos. Aqui, chegamos na direção da democracia plebiscitária, justamente, a não ser que se faça valer uma formação que o Google não pode dar, que a rede não pode dar. Aqui, é preciso uma mediação humana. Mais do que nunca, eu acredito que a escola — encontro entre docentes e alunos, alunos entre si etc. — é mais do que nunca importante para conseguir se opor a um uso fácil, demagógico, populista da rede. Então, existe essa interação que, para mim, é um problema político absolutamente decisivo. A interação entre a velocidade da rede e a leitura lenta. E a leitura lenta só pode ser ensinada por professores de carne e osso. Uso esse termo “leitura lenta”, que é

a definição da filologia dada por Friedrich Nietzsche, quando ainda era filólogo e ainda não era filósofo. Na Conferência de Basileia, ele disse: “A filologia é a arte de ler lentamente”. Eu acredito, então, que esse ponto seja decisivo e que a leitura lenta é um privilégio que deve ser possivelmente comunicado a todos. Eu, recentemente, disse a certa altura que meu lema é: “trufas [cogumelos] para todos”. Por quê? Porque as trufas são boas, são raras, são caras. Logo, trufas para todos. Isso quer dizer então que o privilégio não deve ser tal, e, logo, o privilégio de se ler lentamente, que adquirimos por meio da educação que recebemos, precisa ser, na medida do possível, estendido e comunicado a todos.

E o ensino a distância como pode mudar e, no caso, agravar esses processos que já estão em andamento?

Voltar atrás em absoluto não será possível, mas é claro que é preciso tentar voltar à aula física, com a presença física de docentes e estudantes. Chama a minha atenção, sobretudo, o que falta nesse tipo de comunicação, de ensino a distância, ou seja, a relação dos estudantes entre si. Isso é algo que desaparece, mas é, ao contrário, um elemento decisivo. Cada um de nós lembra do quanto aprendemos não apenas de quem nos ensinou, mas também de quem aprendia conosco. Isso deve ser absolutamente reinserido, reintegrado no ensino. Os deslocamentos acadêmicos, para mim, se darão sempre mais de forma telemática, a distância. Recebi recentemente um convite para uma Summer School na Rússia, era um convite para dar aula a distância, que imediatamente aceitei. Mas pensei em quando participei de uma Summer School na Rús-

sia fisicamente, é algo totalmente diferente. Mas, se você pensa em economizar, porque é esse o ponto, na economia em termos de custeio de viagens, pernoites, é claro que os deslocamentos acadêmicos estão fadados a diminuir de maneira muito forte. Quanto às aulas, todavia, eu insistiria.

Portanto, essa desmaterialização está ligada ao meio e, podemos dizer, também ao fato de que existe uma dimensão horizontal que se perde. Isto é, há essa espécie de trajetória: agora, nessa entrevista, há um diálogo entre nós, mas não se trata aqui da sala de um seminário. Em um seminário, a dimensão horizontal, ou seja, a copresença de alunos e alunas ao redor de uma mesa, se perderia, ao passo que tem que ser reintegrada.

Certa dimensão trágica da política é tratada em seu último livro, Nondimanco: Machiavelli, Pascal. Ela pode ser uma maneira de ler o presente pelo filtro do passado?

Então, eu escrevi um ensaio em inglês, com tradução para o espanhol, mas não para o português, que se intitula “Our words, and Theirs”, ou seja, “As nossas palavras, e as deles”. É uma reflexão sobre uma dicotomia que foi proposta por um famoso linguista, antropólogo e missionário protestante americano, Kenneth Pike. Ele fala de dois níveis, o nível “etic”, sem o “h”, e o nível “emic”. O primeiro se refere às categorias do observador, o segundo às categorias dos atores. Essa dicotomia, essa distinção se tornou muito popular entre linguistas e antropólogos, muito menos entre os historiadores. O que coloco nesse ensaio é que a perspectiva de Pike, embora seja muito interessante, é, porém, um tanto ingênua,

ou seja, ingenuamente positivista, a meu ver. Digo que existe um núcleo do positivismo que deve ser absolutamente salvo e protegido, porém pode haver um positivismo ingênuo. Ora, onde está a ingenuidade de Pike? Ele diz: a perspectiva “etic” é a perspectiva científica. Eu digo, ao contrário, que é preciso ver isso no interior de um processo, o processo da pesquisa. Eu digo que você pode partir de questões “etic”, que são questões, no caso dos historiadores, anacrônicas, e, no caso dos antropólogos, etnocêntricas. Contudo, é possível entabular um diálogo com os atores (um diálogo metafórico, no caso dos historiadores; no caso dos antropólogos, pode ser também um diálogo físico), em que as perspectivas, as questões “etic” iniciais se nutrem da perspectiva “emic”, e, portanto, se estabelece um diálogo e uma correção também das questões iniciais. O que isso quer dizer? É verdade que partimos de questões ligadas ao presente, contudo, se pararmos aí, se verificaria, então, o anacronismo puro, que é o que chamo de uma espécie de ventriloquismo, ou seja, deixaríamos os atores falarem com as nossas vozes. Ao contrário, é possível tentar corrigir isso. Todavia, parte-se necessariamente do presente. Chega-se também ao presente? Para mim, há uma leitura oblíqua do presente através do passado. Ora, se não estou errado, havia dito isso num ensaio sobre Hobbes — faz parte de um livro que saiu também no Brasil, chama-se *Medo, reverência, terror*. Nesse texto, escrito há muitos anos, eu havia notado que na primeira obra publicada de Hobbes, a tradução para o inglês de Tucídides, na página sobre a peste de Atenas, ele introduz uma palavra que não existe no texto grego, o verbo “to awe”, um verbo difícil de se traduzir, algo que expressa reverência, “ter reverência”; ele diz, então, que não havia mais reverência diante da peste etc. Eu segui o rastro dessa palavra, tanto como verbo quanto como substantivo, e descobri

que nos trechos centrais do *Leviatã* essa palavra aparece. É uma palavra central na reflexão de Hobbes, portanto, eu lancei a minha interpretação dessa palavra introduzida na tradução de Tucídides, mas ausente no texto grego. Aqui temos o germe, a célula geradora do pensamento de Hobbes. E depois, por fim, voltei e disse, pois então, poderíamos imaginar, e esperemos que essa hipótese nunca se verifique, uma situação em que a poluição do meio ambiente alcance níveis tão elevados que, para salvar a espécie *Homo sapiens*, se deveria pedir uma espécie de governo global, um poder mais maciço, mais opressor do que o *Leviatã* pensado por Hobbes. Ali então, citava Leopardi, não para contrapor o homem à natureza, mas para vir em socorro de uma natureza sofredora e doente. E concluía na esperança de que essa hipótese nunca viesse a se verificar. Ora, nunca mais havia refletido sobre esse ensaio até que, quando da eclosão do coronavírus, recebi um jornal eletrônico francês, *Le Grand Continent*, que havia retomado a tradução desse ensaio. Dizia: eis como podemos por meio dessa leitura de Hobbes refletir sobre o coronavírus. Com efeito, digamos, havia algo de inquietante nessa hipótese acompanhada da ideia que esperemos que não se verifique.

Naturalmente o coronavírus, com relação à hipótese que eu havia formulado, é algo, apesar de tudo, mais brando; no entanto, a ideia de que se torne necessário um poder pervasivo, diante de uma pestilência ou poluição mundial, é algo que hoje nos faz refletir. Devo dizer que quando — provavelmente o coronavírus já havia eclodido — viajei pela primeira vez à China encontrei um controle palpável, encontrava-me até na impossibilidade de verificar meu e-mail. Portanto, o controle exercido pelo poder já estava ali, talvez junto já com a difusão do vírus. Com isso, voltamos às perguntas iniciais, pois aqui há algo sobre o que refletir.

As relações, as questões metodológicas, as contaminações entre narrativa histórica e ficcional são um motivo central de seu trabalho. Hoje a literatura ainda contribui para a história?

Este é um tema que com certeza tem sido central para mim, quer na prática quer, digamos, do ponto de vista da reflexão. Eu me deparei no início com um trabalho a partir de uma fonte, isto é, os processos de inquisição, que tinha uma componente narrativa muito forte. Ao mesmo tempo, eu me dava conta que ali o problema era o de interpretar esses documentos, montá-los — uso aqui uma referência à montagem sobre a qual poderíamos voltar mais adiante — e usar ferramentas narrativas com um objetivo que, todavia, era o objetivo de... ligado ao relato verdadeiro, à verdade. Comecei a trabalhar no início dos anos 1960. Durante algum tempo essa perspectiva não apresentou problemas particulares, até surgir, no entanto, uma tendência que eu chamaria de “pós-moderna”, ou seja, a de atenuar, apagar as fronteiras entre narrativa histórica e narrativa ficcional, e de ver ficção por todo o lado. Em relação a isso eu lutei por décadas e, digamos, aquele livrinho francês no qual estou trabalhando, na verdade, tem em seu bojo esse problema. Vou reeditar um ensaio que também foi traduzido para o português, para muitas línguas, a saber, uma discussão que tive com Hayden White, que era, podemos dizer, o representante mais famoso dessa tendência que ambicionava apagar as fronteiras entre narrativa ficcional e narrativa historiográfica, e colocava em primeiro plano a componente retórica. Ora, digamos, eu venho discutindo há décadas sobre esses temas. Em suma, minha tese é simplesmente a de que por milênios houve um conflito, eu diria, na nossa cultura, no sentido daquela cultura ocidental que se tornou, mediante o colonialismo, uma cultura que abraça uma

grande parte do mundo. Sobre o nexa entre colonialismo e cultura refleti mais recentemente em um ensaio chamado “Etnofilologia”, que trabalha esse tema de um ponto de vista muito particular. Ao longo desta reflexão, me dei conta de repente — fora convidado a dar umas conferências em Jerusalém, por volta do início dos anos 1990, ou talvez um pouco antes — que esse apelo à retórica como algo que englobava tudo descuidava do fato de que na retórica existem duas tradições diferentes e em conflito. Existe uma tradição que começa com Aristóteles, continua, por exemplo, com Quintiliano, chega até Lorenzo Valla: é uma tradição em que a retórica tem, digamos, como elemento importantíssimo as provas, que, em sua *Retórica*, Aristóteles discute analiticamente. Por outro lado, existe outra tradição, explicitamente antiaristotélica, que é a de Nietzsche, que, vamos dizer, contrapõe a retórica à prova. Portanto, podemos inferir que existem os continuadores e epígonos de Nietzsche, que se alimentaram dessa tradição retórica; eu afirmava, ao contrário, que um historiador não pode abrir mão de uma tradição que permite distinguir o verdadeiro do falso. A demonstração por parte de Lorenzo Valla, em meados do século XV, de que a assim chamada doação de Constantino — Constantino que doa um terço do Império à Igreja Romana — era falsa. Se não temos condição de demonstrar que os supostos diários de Hitler são, na verdade, falsos, se não temos condição de demonstrar que as *fake news* que nos cercam são falsas, então estamos perdidos. Portanto, o que está em jogo é uma aposta muito alta, que é, ao mesmo tempo, política, moral e cognitiva. O que eu tenho defendido é que há milênios temos, por assim dizer, um conflito entre uma perspectiva, uma narrativa de ficção, poemas, romances e as narrativas de história. Todavia, o que esse conflito proporcionou é um desafio recíproco para a representação

da realidade e tem, portanto, um monte de hibridações. Eu analisei muitas delas, porque acho apaixonante isso: quando Balzac diz “eu serei o historiador do século XIX”, ele lança um desafio para os historiadores, e os historiadores têm de aceitá-lo. Há, portanto, técnicas narrativas que têm implicações cognitivas apaixonantes e que representam um desafio para os historiadores e vice-versa. Claro que a literatura, a poesia etc. podem ensinar muito à história, ela pode aceitar o desafio. Mas a distinção permanece, e acredito que o elemento de competição tem sido extremamente rico. Digamos, Heródoto é impensável sem os poemas homéricos, no entanto, trata-se de duas coisas diferentes.

Voltemos, então, à ideia mencionada de montagem...

Sim, com certeza. Quando criança, li um livro publicado pela Einaudi, eram os ensaios de Sergei Eisenstein, traduzidos com o título *Técnica del cinema* [Técnica do cinema]. Li esse livro antes mesmo de ver qualquer um de seus filmes e não entendi quase nada, tinha apenas dez anos, porém fiquei fascinado. Depois comecei a ver muitos filmes, inclusive os de Eisenstein, e li também seu belíssimo ensaio sobre as origens do primeiro plano, do *close-up* usado por Griffith em *Dickens*. Foi, então, que se abriu um mundo. Voltei a esse tema, o do *close-up* em Kracauer etc. Então, desde o primeiro livro que escrevi, usei parágrafos numerados separados por um pequeno espaço em branco. E numa retrospectiva desse uso, do qual reconstruí em seguida até os modelos (Luigi Einaudi, que foi presidente da República italiana, famoso economista, que tinha um texto sobre a moeda imaginária na Idade Média construído

dessa forma; e, também, Giorgio Pasquali, o grande filólogo, que usava essa técnica), vejo, a influência da montagem de Eisenstein. Ou seja, a ideia de poder, primeiro, criar cesuras (eu tenho obsessão pela pontuação) e, depois, digamos, vírgula, ponto e vírgula, parágrafo, branco. Por ocasião de uma daquelas aulas que dei em Jerusalém, dediquei um ensaio ao espaço em branco. Parti de Flaubert, na verdade de um ensaio de Proust sobre Flaubert, quando ele trata de um trecho de *A educação sentimental*. Trata-se do episódio das barricadas em Paris, e Frédéric Moreau, o herói, vai em direção de uma barricada e vê, do outro lado, um guarda nacional que lhe aponta o fuzil: “C’était Sénécal” [Era Sénécal]. Espaço. “Il voyagea” [Viajou]. Sénécal já havia sido seu amigo, aliás um ultra-esquerdista etc., então há este momento de surpresa, de horror, que não é comentado. “C’était Sénécal”, “il était”, sim “C’était Sénécal”, espaço, “Il voyagea”. Proust comenta: “este é o vértice da arte de Flaubert”. Um elogio um tanto ambíguo, mas o ensaio de Proust é maravilhoso, como todos seus ensaios críticos e suas paródias. Procurei reler esse espaço em branco dentro de uma perspectiva histórica, uma espécie de aposta. Era um exemplo de leitura lenta de um espaço em branco, digamos. Na página tem uma pausa que é comunicada pela pontuação, pelo espaço em branco; e é uma pausa que implica também um ritmo do pensamento. Portanto, esse é um caso em que as ferramentas da literatura fornecem ferramentas para a reflexão, para a argumentação. Se eu não pudesse usar a pontuação, estaria perdido; por sorte, existem as vírgulas, os pontos e vírgulas e... os espaços em branco.

O temor de olhar para si

Entrevista realizada por Patricia Peterle e Andrea Santurbano em 08 de junho de 2020

Franco Rella

(Rovereto, 1944)

Filósofo, ensaísta e escritor



A experiência do confinamento, aliada à prática das redes sociais que sempre mais têm criado fenômenos de “alienações” ou “construções” autobiográficas, para além das muitas situações de dificuldades práticas, não estaria também indicando a necessidade de voltar a ter uma relação autêntica com a própria interioridade?

Sim, eu penso que é assim. Fico surpreso, por exemplo, quando estou num bar tomando café e vejo um grupo de jovens sentados numa mesa ao lado, todos segurando um smartphone. A impressão é que precisamente ali se comunicam entre si enlaçados até não poder mais nesse instrumento, que de alguma forma se torna dominante da vida e do pensamento. Mas como se pode exprimir um pensamento que tenha a complexidade, digamos, da reflexão, da nossa relação com a rugosidade do mundo, com a dificuldade, com os momentos que antecedem o sono, na insônia? Como é possível exprimi-los por meio de uma mensagem com poucas letras? Ou exprimir uma experiência por meio de um *emoticon* e assim por diante? No Facebook, por exemplo, eu também me cadastrei, fiquei cadastrado uma semana, mas fiquei espantado porque todos me pediam amizade: o que significa amizade? A palavra amizade tem um valor,

significa a possibilidade de compartilhar experiências, compartilhar experiências significa também compartilhar uma linguagem pela qual essas experiências se comuniquem de alguma forma. E essa é uma linguagem articulada, uma linguagem que tem uma espessura própria, que se está perdendo um pouco. Também penso, com efeito, que esses jovens se encontraram, por assim dizer, pobres de mundo de um certo ponto de vista, mas também pobres de palavras para falar da pobreza do mundo. Se se abriu um buraco no mundo, ou seja, um abismo, um rasgamento do tecido do mundo, como descrever esse rasgamento, qual é a linguagem que me permite falar dessa experiência, e falar também do medo, por exemplo, falar da angústia, falar do temor, dos temores noturnos, dos temores que se estendem assim também para os familiares etc.? Pois, para falar disso, é necessário articular a linguagem: quando alguém se sente afásico, ou seja, dentro de uma coisa enorme, sem as palavras para dizer o quanto é enorme essa coisa, o quanto é perturbadora, o quanto é significativa, o quanto afeta a nossa vida, então eu acredito que aí existe essa dimensão que em parte foi criada, talvez, por esses instrumentos que são justamente exaltados nesses tempos. Nós estamos falando a milhares de quilômetros de dis-

tância, nos olhamos nos olhos, nos olhamos no rosto, é uma coisa extraordinária. De fato é extraordinária para mim, até porque de algum modo, ao nos olharmos, comunicamos pensamentos. Entretanto, muitas vezes, o famoso *chat* serve para comunicar, por assim dizer, para se acomodar quase numa espécie de afasia. Vejo uma coisa bonita, bato uma foto e envio no *chat* através do whatsapp para quinze pessoas, com isso não tenho o problema de pegar o telefone e explicar porque aquilo é bonito, porque me emocionou, porque um quadro de Bellini ou o pôr do sol ou a multidão na rua chamaram a atenção. Se eu bato uma foto da multidão numa rua da cidade ou bato a foto de um quadro ou bato a foto de uma flor, de um pôr do sol, aí, enfim, não é nem um quadro, nem um pôr do sol, nem uma rua da cidade, é uma imagem. É como se eu dissesse, olhe, veja se você consegue entender isso. Portanto, é uma comunicação que, já no instante em que acontece, é uma comunicação que paga o preço de uma pobreza. Desse ponto de vista eu acho — me dou conta de estar aparecendo a todos, não sei se a vocês, certamente como um passadista, como alguém de outra época —, todavia eu penso que exista, que se deva fazer um esforço, um grande esforço, por parte dos docentes, dos estudantes etc., para reconquistar a complexidade e o peso das palavras.

Pode gerar medo um olhar introspectivo, o estar consigo mesmo?

Com certeza, olhar para dentro de si mesmo significa olhar para um lugar perigoso, não é? Valéry, em uma de suas anotações nos *Cahiers*, diz a certa altura: “acontece encontrar o eu”. É uma coisa perturbadora, assim como encontrar a morte, precisamente. Há

algo — ele não diz que o eu é a morte — que é igualmente perturbador; e não por acaso Valéry começou a escrever sobre Narciso no final do século XIX e continuou até pouquíssimos meses antes de falecer: conferências, poemas etc. Há nele essa obsessão pelo eu. Eu justamente escrevi uma vez um texto intitulado “Alla ricerca dell’io perduto” [Em busca do eu perdido], pois, de fato, olhar para dentro de si mesmo é olhar para um lugar desconhecido, ainda que explorado, é um lugar sem dúvida inquietante. E quem de alguma forma foge dessa inquietude, dessa viagem, dessa aventura, pois é uma verdadeira aventura, encontra-se constantemente reduzindo justamente o espaço dessa subjetividade. Portanto, quando se vê justamente comprimido, vamos dizer, em si mesmo, na solidão, nem sequer tem familiaridade com esse eu profundo. Falta-lhe o diálogo com esse eu profundo, remoto e próximo ao mesmo tempo, e, portanto, a capacidade de entrar e seguir exatamente os meandros de si mesmo. Santo Agostinho, no livro X das *Confissões*, fala da memória que nos constitui: “*Quis sum Ego, Deus meus?*”, quem sou eu? Então, fala para definir o eu. Obviamente, no fundo está a questão do bíos; olha-se para aquilo que o constituiu, portanto os palácios da memória, onde se encontra isto, aquilo, aquilo outro, e, no fim, a resposta: “*Quis sum Ego, Deus meus?*”, a resposta não é mais “*Ego sum homo*” — é uma resposta que cinde a questão do eu — “*Ego sum multimoda vita*”, eu sou uma vida multiforme, “*vehementer altra*”, violentamente outra. Essa descoberta da complexidade do eu, da complexidade do sujeito, que é algo, para mim, que acompanha a grande reflexão filosófica e a grande literatura, muitas vezes, é exatamente o problema da relação de si para si. Penso, por exemplo, em *Em busca*

do tempo perdido ou em Kafka ou nesse tête-à-tête, até mesmo terrificante muitas vezes. Kafka, explorando a si mesmo, descobre Gregor Samsa, descobre o inseto, e depois descobre esse outro personagem estranho que está entre a vida e a morte, o caçador Graco; e, indo até o extremo, chega naquele que é “*völlig Fremder*”, o completamente estrangeiro de K., no *Castelo*; e, indo ainda mais além, o personagem mais terrível, que é o habitante da toca, que está completamente fechado em si mesmo, como se ao redor houvesse a pandemia de verdade. Esta talvez seja a representação mais terrificante da pandemia, a de estar num conto de Kafka, quando a pandemia ainda não existia. Embaixo, preso na toca, a certa altura, o habitante ouve um assobio, ali, então, talvez haja algum perigo, começa assim a bater aqui e ali freneticamente para remediar isso, num delírio que não tem mesmo fim. O confronto de si para si é um confronto e tanto, é uma grande batalha.

Outro aspecto atrelado a esse discurso é o do silêncio, entendido, segundo uma rica e recente literatura, mais como desejo de espaços abertos e recuperação da dimensão do ouvido do que consequência de uma afasia. Concorde com essa vertente e acha que a pandemia irá renovar esse desejo de abertura?

Eu preciso dizer que estou mais do lado de Flaubert. Ele, para ter silêncio, se trancava em sua casa de Croisset, perto de Rouen, e quando Louise Colet vai visitá-lo, bate na sua porta, ele rompe o noivado, porque ela perturbava sua concentração na escrita, o seu tête-à-tête com a escrita. Todavia, eu acredito que a certa altura irão se reconstruir hábitos, ou seja, essa força niveladora do

hábito, sem a qual não conseguiríamos viver. Proust, no início de *Em busca do tempo perdido*, a certa altura se encontra no meio do caminho entre o sonho e a vigília, em que acontecem imagens desse tipo, e é uma coisa extraordinária, perturbadora, é uma descoberta. Porém, chega o momento de recuperar, digamos assim, de recolocar a mesinha de cabeceira no lugar, a cama no lugar, o armário no lugar, reconstruir o quarto em que se está, reconstruir o fato de que eu estou aqui na cama etc. É este tecido tranquilizador do hábito que me permite viver, mesmo sendo necessária a perturbação para se ter descobertas. Proust, portanto, a partir da *madeleine* ou de todos os diversos episódios que colocam em círculo o tempo perdido, trata do que esquecemos, das coisas que podem ser esquecidas, dos pedaços da nossa vida, mas também da relação com o mundo, os cheiros, os sabores, os ruídos do mundo e assim por diante. Mas, num determinado momento, é preciso construir o hábito que nos permite continuar a viver. Deleuze, por exemplo, em sua leitura de Proust, *Proust e os signos*, insiste muitíssimo nessa relação entre a quebra e o hábito, ou seja, o que nos permite gerenciar também o choque do que nos coloca face a face com uma verdade, e a possibilidade, em seguida, de recompor isso dentro de um tecido rotineiro, que não nos deixa demasiadamente expostos àquilo que podemos definir como atopia, à condição que Platão atribuía justamente a Sócrates: essa ideia precisamente de ser completamente atópico, fora do tópos, exatamente fora de lugar, bizarro, excepcional, estranho e assim por diante. Portanto, eu não acho que seja previsível o que vai acontecer hoje, amanhã, mas eu acredito que aos poucos voltarão os hábitos, certas feridas serão suturadas, eu até penso infeliz-

mente. Digo infelizmente porque algumas coisas deveriam permanecer vivas, deveriam guardar memória daquilo que aconteceu, do que acontece.

Em seus livros fica a marca de que a filosofia deveria ter uma tarefa “estética”, ou seja, deixar falar os signos da arte, o logos contido na arte. Todos seus livros partem da encruzilhada entre filosofia e poesia; seu ensaísmo tem um tom dialogante, narrativo. Quanto e por que é importante em sua metodologia essa marca de narratividade?

Fundamental, no que me diz respeito. Não acredito mais, podemos dizer assim, na potência do conceito, pois na realidade nós voltamos constantemente à passagem da *Fenomenologia do espírito* de Hegel, a qual dizia que o “esse aqui” não tem nenhuma relevância cognoscitiva, somente quando se torna conceito, generalidade, tem valor. Bataille, em 1937, reage a essa afirmação de Hegel, apontada nas famosas aulas de Kojève, questionando sua subjetividade inútil; questionando, em suma, esse aspecto, esse resíduo subjetivo que fica completamente fora do campo. É aquilo que de alguma forma, a meu ver, emerge com muita força e também de modo discutível em Blanchot (pois nem sempre concordo com ele), quando fala de uma escrita fragmentária que abre a linguagem precisamente para um fora, que se afasta substancialmente de uma linguagem filosófica. Portanto, desse ponto de vista, eu acredito que na realidade é preciso ter a coragem de seguir exatamente nessa direção, ter a coragem de chegar mesmo a forçar o tópos da filosofia, para atopizá-la de algum modo, para

conduzi-la fora do lugar, para trazê-la de volta substancialmente às perguntas que a geraram; as perguntas sobre o mundo, sobre a verdade, sobre o sujeito, sobre a vida, a morte etc. E essas perguntas encontraram respostas tanto na literatura quanto naquela forma da filosofia que é a filosofia ensaística, a filosofia de Benjamin, por exemplo. O ensaísmo de Walter Benjamin que também é, se quisermos, o ensaísmo de Canetti, de Adorno em *Minima Moralia* — mas até mesmo em *A dialética negativa*, que é um tomo de filosofia enorme, mas que, de fato, é uma filosofia fragmentária. Como dizia Benjamin, também é a violência dessa escrita fragmentária, de algum modo, a que nos permite chegar em profundidade. Benjamin, na última parte das *Afinidades eletivas de Goethe*, escrita em 1922, já dizia que é preciso romper a falsa, aberrante unidade, fragmentá-la, para chegar, por assim dizer, ao fragmento, ao torso de um mundo verdadeiro, que não está na totalidade, mas está na particularidade. Eu concordo com Benjamin, é uma ação muito forçada a que ele faz e é uma ação que de algum modo coloca em jogo a dimensão da escrita, a dimensão fundamental da escrita. Existe um pensamento que se faz exatamente enquanto se escreve, a escrita não é algo de segundo grau.

Outro termo fundamental em seus textos é experiência...

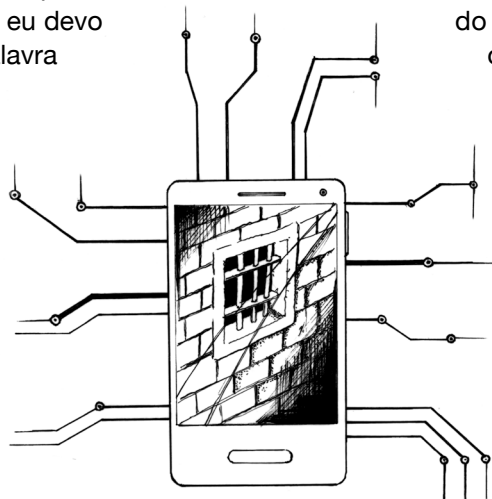
Experiência. Acredito que, de fato — há o livro de Bataille, *A experiência interior* —, existem coisas, como a experiência interior, das quais não sabemos como falar: como posso comunicar o que sinto? Pois bem, ali então precisamos chegar nessa escrita, forçando-a, nessa dimensão da escrita, em que, se eu não posso

explicar, posso mostrar o que sinto. Era a grande tentativa de Baudelaire em *Meu coração desnudado*: “eu não consigo dizê-lo, mas veja as cicatrizes do meu coração e elas lhe dirão o que eu experimentei, o que eu vivi”. É algo assim. Há uma passagem que eu amo muitíssimo do *Zarathustra* de Nietzsche que diz: “Eu passo por entre fragmentos de homens e hórrida casualidade. E como poderia passar por entre essa hórrida casualidade esses fragmentos se eu não fosse também poeta?”. Nietzsche odiava os poetas que escreviam sobre o pôr do sol e coisas desse gênero, portanto não se trata do poeta nesse sentido, mas do “Dichter”, se quisermos, da filosofia de Heráclito. Ou seja, essa possibilidade de apresentar, não resolver a contradição, a fragmentação, isso queria fazer Hegel. No final da *Fenomenologia do espírito*, Hegel diz que a contradição sara sem deixar cicatrizes. Tudo desaparece. Ao passo que, se o mundo está despedaçado, eu devo mostrá-lo despedaçado, devo encontrar a palavra que mostre a minha experiência do despedaçamento, da fragmentação, enfim. A experiência é decerto fundamental. E acredito, então, que no fundo é só dela que procuramos falar.

Voltemos ao Covid. Este tempo da globalização é também um tempo “homogêneo”, dos dominadores, segundo uma definição de Walter Benjamin. Na situação de hoje, esse tempo está sendo inclusive ditado pela “urgência”. Esses fatores terão um reflexo

também na área do ensino, ou seja, seremos arrastados pelos tempos dos dispositivos remotos? Enfrentaremos uma espécie de achatamento de perspectivas, de falta de tempo necessário para a leitura, a reflexão, para um pensamento crítico?

Sim, claro. Dediquei um livro inteiro à questão do tempo, pois acredito, de qualquer forma, que o poder tentará constantemente impor seu tempo, e constantemente esse tempo continuará a se abrir. Isso é fato. As temporalidades já são múltiplas, vivem umas ao lado das outras e tendem, por assim dizer, a explodir. Nos anos vinte do século passado, Bloch sublinhava isso, ou seja, que na cidade havia o tempo do operário, havia o tempo do camponês, havia vários tempos que coexistiam e havia ainda o tempo único, que era o tempo da fábrica, do bonde etc., o tempo tornado homogêneo. Hoje os tempos estão tão constantemente em conflito, porque há os tempos que vêm de culturas diferentes, de tradições diferentes, de etnias diferentes, portanto, a ideia de poder controlar esses tempos significa encontrar-se constantemente diante de uma explosão dessas experiências, dessas temporalidades que são por si só incomponíveis. Ali a gestão política dessas temporalidades diferentes, dessas experiências diferentes é algo complexo que demandaria uma enorme sabedoria, que me parece não ser hoje dominante no mundo.



Para terminar, uma curiosidade: qual a sua posição sobre o aceso debate travado desde o início da pandemia entre filósofos e pensadores, em particular, sobre as intervenções de Giorgio Agamben?

Devo dizer que, para mim, Agamben talvez tenha escrito tolices sobre esse assunto. Devo dizer que considero Agamben um filósofo excepcional, considero *Homo Sacer* um livro estrondoso. Voltando às origens, *Estâncias* era um livro belíssimo, como *Infância e história* também o é. Portanto, tenho um apreço sem limites por Agamben. Mas, quando ele fala que o coronavírus é um complô para dominar o mundo etc., permito-me dizer, que isso também é tragicamente tolo em relação ao que está acontecendo. É verdade, porém, que dentro desse espaço o poder tem procurado, como posso dizer, limitar aquelas que são as liberdades democráticas, não há dúvidas sobre isso. Pedir para mim, ou para qualquer outro cidadão, para ficar em casa é, sem dúvida, um limite. E isso emerge constantemente, não houve um grande debate a esse respeito, porque esses são posicionamentos relativamente marginais. Cacciari tem certa escuta, porque possui uma coluna e escreve de vez em quando para *L'Espresso*. Outros não têm as mesmas possibilidades, ficam mais silentes. Portanto, essa dimensão, por assim dizer, é uma dimensão real, uma dimensão que retorna como tentação. Outro dia, houve numa das regiões italianas, no Vêneto, uma pessoa que chegou do Kosovo, um empresário, que

se recusou a ficar de quarentena e contagiou três pessoas, uma das quais, agora não lembro direito, talvez tenha até morrido. Aí falou-se logo da possibilidade do tratamento de saúde obrigatório, aquele aplicado não pelo médico, mas pela própria autoridade civil, quando há o risco de um doido afetar a si e aos outros, já que é considerado incapaz de entender e querer, e, portanto, não pode decidir ser ou não ser tratado. Mas no momento em que se declara que um cidadão é perfeitamente capaz de entender e querer, na Itália, ele pode recusar qualquer tratamento de saúde. Por exemplo, se eu estou no hospital, querem me operar e eu digo “não, não quero”, a obrigação é respeitar a minha vontade. Então, alguém pode dizer, você contagiou essas pessoas por não ter respeitado as normas, eu acuso você, aplico uma multa, coloco você na prisão, mas não posso usar o instrumento do tratamento de saúde obrigatório, porque isso significa que eu o privo também da capacidade de entender e de querer. Em seguida, isso, de algum modo, voltou atrás, foi transformado numa grande multa. Contudo, o próprio fato de que seja proposta indica que a tentação autoritária do poder, talvez por ele ter se deparado com coisas que não consegue dominar completamente, emerge constantemente, porque é mais simples agir, mandar, dirigir do que tentar construir um consenso em torno de uma linha. Um consenso que pode até ser tenso, conflitante, recolocado em discussão, porém a tentativa de simplificar é sempre uma tentativa perigosa.





Traduções

Os textos de Maria Grazia Calandrone, Franca Grisoni, Mariangela Gualtieri, Laura Pugno, Sergio Givone, Laura Accerboni, Alessandro Fo, Eugenio De Signoribus (“(envenenar)”), Franca Mancinelli (“Todos os olhos que abri”, “Inéditos”), Marcello Frixione (“a quarentena pelo contágio de SARS-CoV-2”) e Mariano Bàino foram traduzidos por Patricia Peterle.

Os textos de Fabio Franzin (“Oh natureza” e “Ficar longe”), Fabio Pusterla (“Jogo antigo ou fragmento de utopia”), Paolo Giordano, Massimo Cacciari, Carlo Ginzburg, Tommaso Ottonieri, Franco Rella, Giulia Martini, Donatella Di Pietrantonio (*Minha linda*) e Michele Gialdrone foram traduzidos por Andrea Santurbano.

Os textos de Elvira Seminara, Paolo Puppa, Eugenio De Signoribus (“o grande silêncio”), Donatella Di Pietrantonio (“o que me preocupa é a possibilidade de uma verdadeira mutação antropológica”), Fabio Franzin (“Sem nenhum Ulisses”), Eraldo Affinati, Fabio Pusterla (“Insetinhos, humaninhos, menininhos” e “Explode um anônimo lamaçal”), Giulio Ferroni, Franca Mancinelli (“Licença para circular”), Giacomo Lubrano e Enrica Lisciani-Petrini foram traduzidos por Francisco Degani.

O poema de Valerio Magrelli e “A saída (Sonho, pesadelo, duplo sonho)” de Eugenio De Signoribus foram traduzidos por Lucia Wataghin e Patricia Peterle.

O poema de Vivian Lamarque foi traduzido por Elena Santi.

O texto de Gabriele Frasca foi traduzido por Marcos Siscar.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Laura Emilia da Silva Siqueira CRB 8-8127)

Krisis: tempos de Covid-19 / Patricia Peterle, Andrea Santurbano, Francisco Degani, Rossana Cristina Salvador (organização) ; ilustração, Ivan Medeiros. 1. ed. — Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2020. (vários autores ; textos em português e italiano)
136 p. ; il. ; 26 x 21 cm.

ISBN 978-65-86877-11-3

1. Literatura italiana. 2. Literatura italiana contemporânea. 3. Literatura italiana: poesia. I. Peterle, Patricia. II. Santurbano, Andrea. III. Degani, Francisco IV. Salvador, Rossana Cristina. V. Vários autores.

CDU 821.131.1

CDD 850

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura italiana
850

Exemplar de 200.

1ª edição 2020

Esta obra foi composta por Paulo Roberto da Silva em Helvetica Neue e Roboto Slab e impressa em sistema de impressão offset sobre papel offset 120 g com capa em cartão supremo 300g pela Copiart para Rafael Copetti Editor em novembro de 2020.



Maria Grazia Calandrone
Fabio Franzin
Franca Grisoni
Elvira Seminara
Valerio Magrelli
Paolo Puppa
Mariangela Gualtieri
Eugenio De Signoribus
Fabio Pusterla
Donatella Di Pietrantonio
Vivian Lamarque
Paolo Giordano
Eraldo Affinati
Laura Pugno
Giulio Ferroni

Sergio Givone
Laura Accerboni
Tommaso Ottonieri
Alessandro Fo
Franca Mancinelli
Marcello Frixione
Giulia Martini
Gabriele Frasca
Mariano Bàino
Michele Gialdroni
Franco Rella
Enrica Lisciani-Petrini
Massimo Cacciari
Carlo Ginzburg

